

ESCRITAS VADIAS

a vida anda e nós também



ESCRITAS VADIAS

a vida anda e nós também

ana sayeg tranchesi
com orientação de luiz sérgio de oliveira

BANCA EXAMINADORA

presidente e orientador prof. Dr. Luiz Sérgio de Oliveira – Universidade Federal Fluminense [UFF]

membro interno prof. Dr. Ricardo Basbaum – Universidade Federal Fluminense [UFF]

membro externo profa. Dra. Liliane Benetti – Universidade de São Paulo [USP]

Niterói, 2022

orientação de luiz sérgio de oliveira

material apresentado à banca de defesa

Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes [PPGCA]

linha de pesquisa lugar-política-institucionalidades

Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, RJ

às movidas

aos movimentos

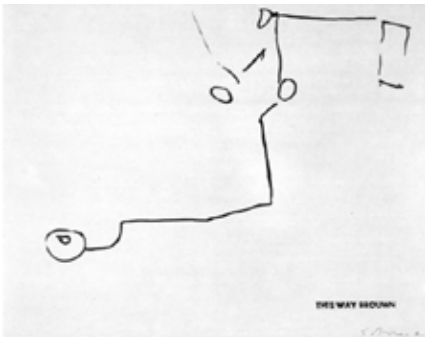
aos desvios

AGRADECIMENTOS

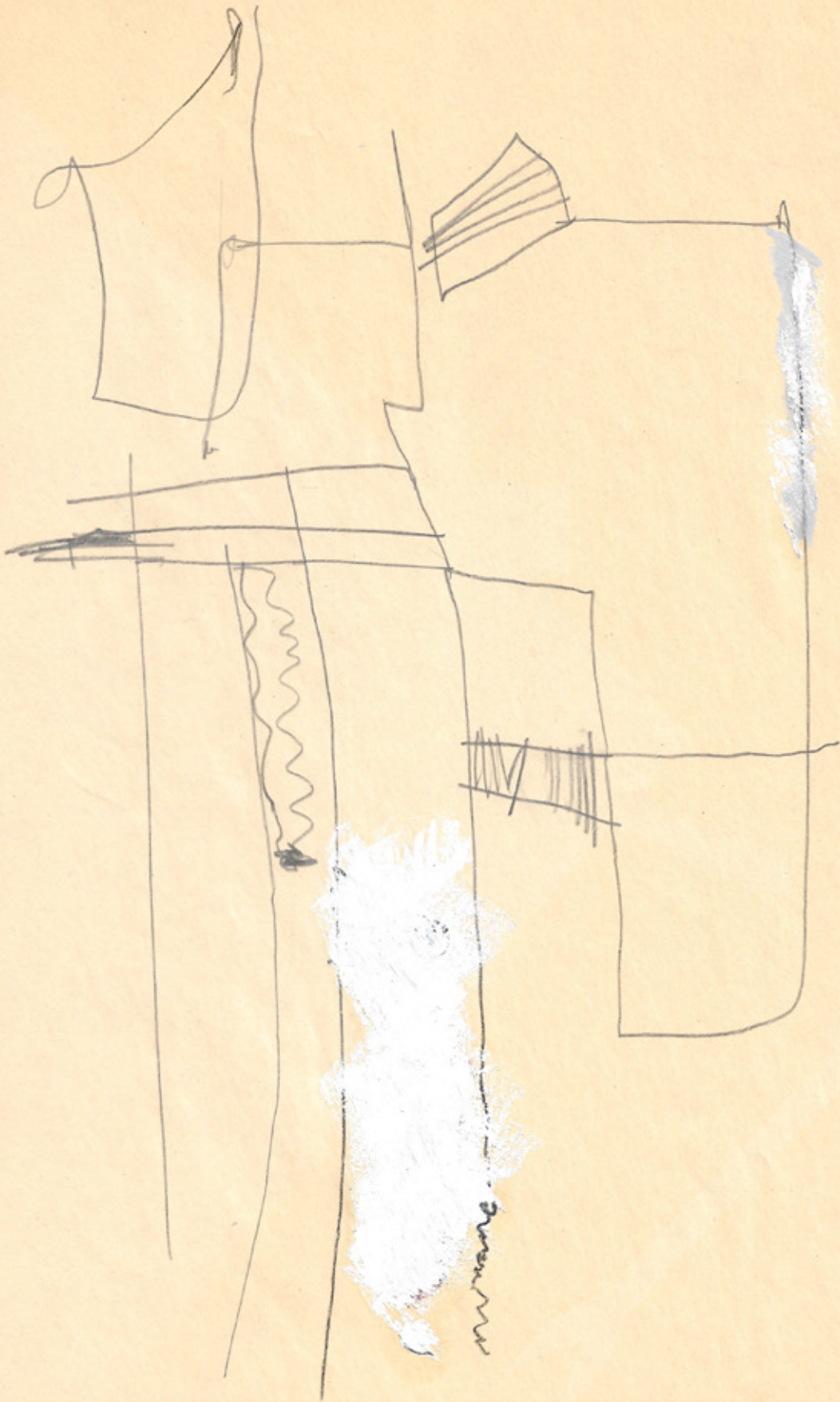
Agradeço à minha família – Roberto, Sandra, Julia, Fernando, Caetano e Raul: que vem chegando a esse mundo, e nessa finalização de mestrado seu possível nascimento vem me lembrando que a vida é mais importante que o trabalho. Ao Pedro, companheiro e parceiro amado, que me ajudou em vários momentos com sua habilidade construtiva e sua generosidade que não tem fim. Às minhas amigas e amigos, deixando minha vida mais feliz e verdadeira – Helenas, Bias, Manus, Daniel, Tais.... À Marina pela ajuda, irmã amiga sempre muito, muito perto. E também às outras amigas Gabriela, Celeste, Tamara, que me ajudam a perceber que sonhar e fazer tem a mesma importância, e que o tempo e lugar é aqui e agora. À Isabella, minha metade eterna [não dá mais pra voltar]. Sempre vejo você em meus trabalhos... minha porta de entrada a esse universo. Aos amigos de ateliê – Allan, Roberta, Gabriel, Laura, Yan, Paula pelas referências, risadas e compartilhamento do espaço criativo. Aos alunos, alunas, alunes do mestrado, que são de uma riqueza maravilhosa, presente do curso, e que seguem agora outros caminhos junto comigo. Ao Ricardo e Liliane, pela presença e troca na qualificação e agora na defesa. Seus comentários e atenção só me deixaram com mais vontade de continuar movendo, e acho que isso é tudo o que poderia querer. Ao Luiz, meu orientador, por me provocar a fazer algum trabalho verdadeiramente meu, e não fazer o que queriam de mim [ou o que eu achava que queriam]. Incentivo mais que valioso, obrigada por tudo! E também, aos seres moventes, aqui e lá, que me fazem aprender a andar olhando para os lados, e não só para frente. Ao meu corpo, ao chão, à página, ao desejo que dão linha para o movimento entrar nesse projeto. Agradeço a possibilidade de escolha de ter esse tempo de estudo. Todo fim é um início, e estou feliz demais em continuar nesse trabalho infinito, que também é vida.

POR AQUI →

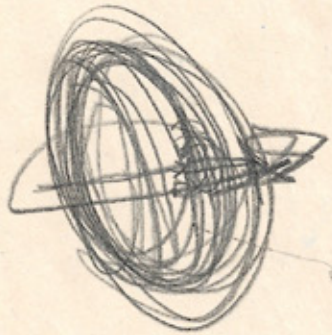
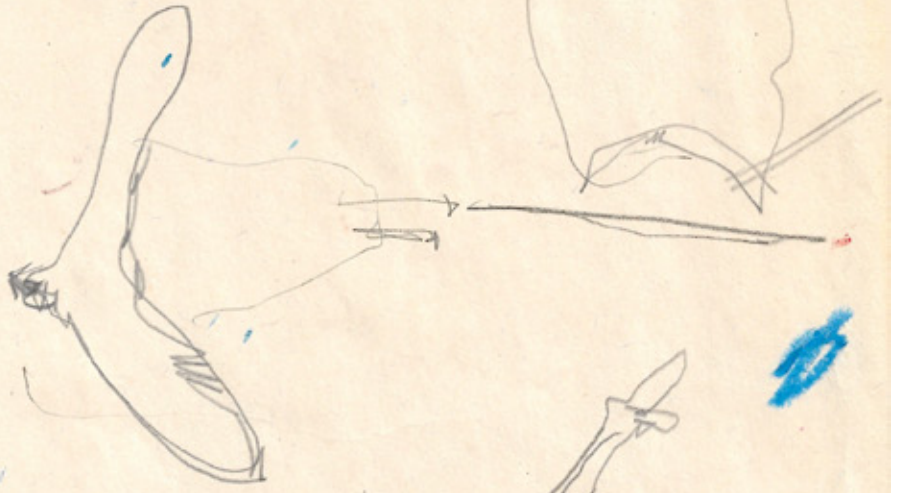
cartografias do desvio

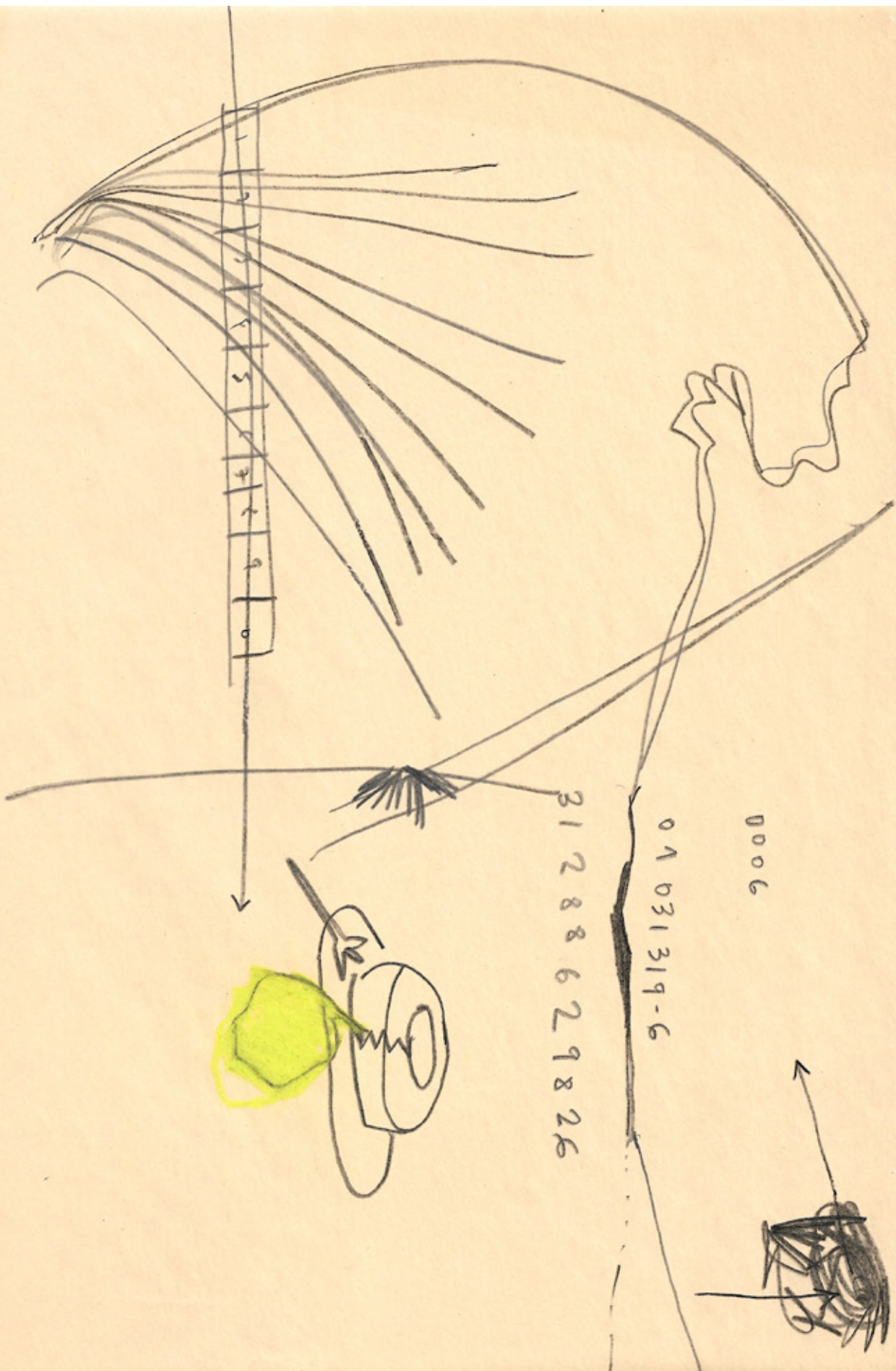


→ Referência ao trabalho *This way Brown*, 1961, do artista Stanley Brown. O trabalho compõe uma série de desenhos sobre papéis, em que o artista pede para transeuntes desenharem o caminho para chegar a um outro ponto específico da cidade. Em *Por aqui - cartografias do desvio*, os desenhos são compostos por linhas emitidas por mim e por outros transeuntes, ainda que só eu tenha riscado esses papéis.





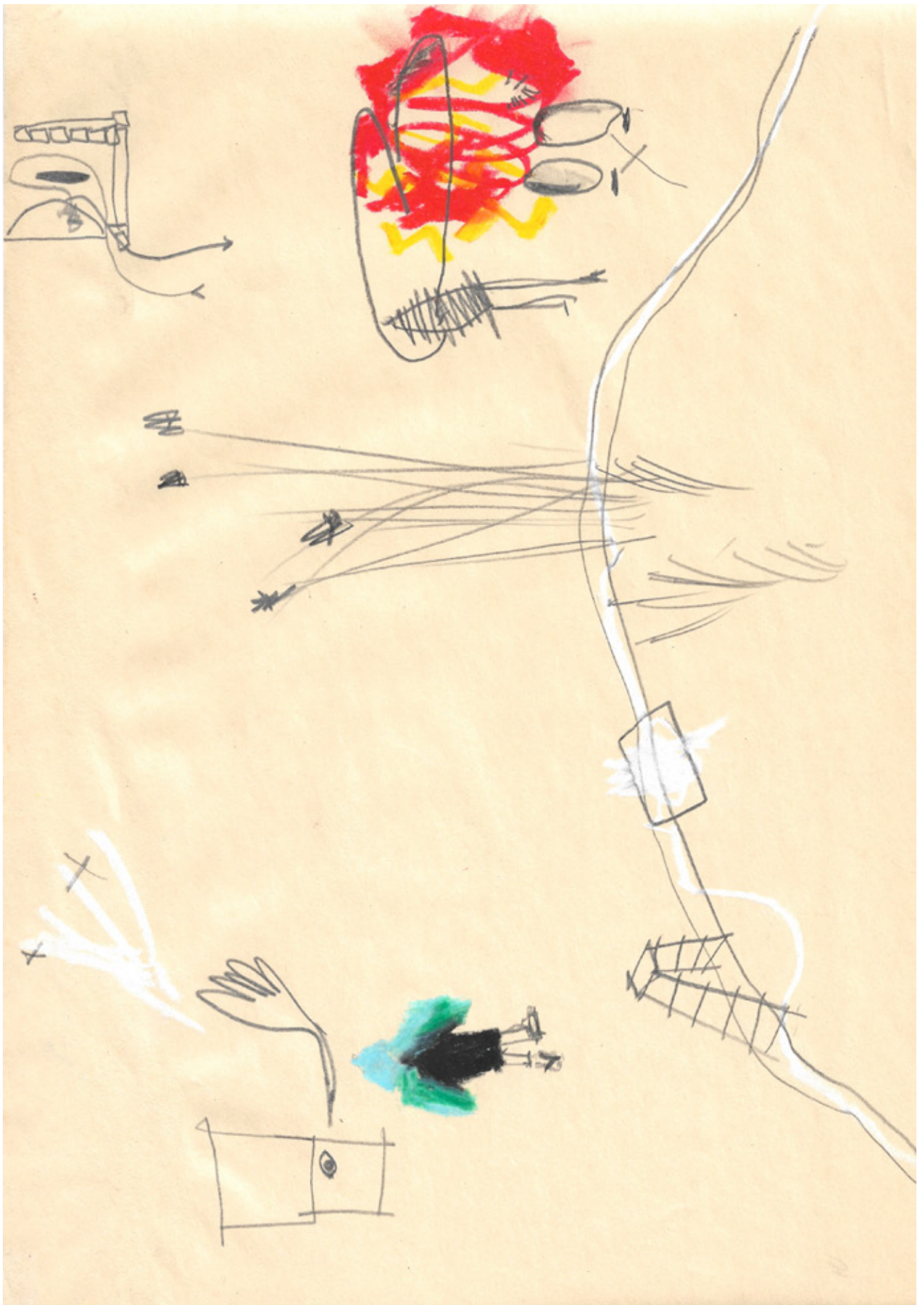


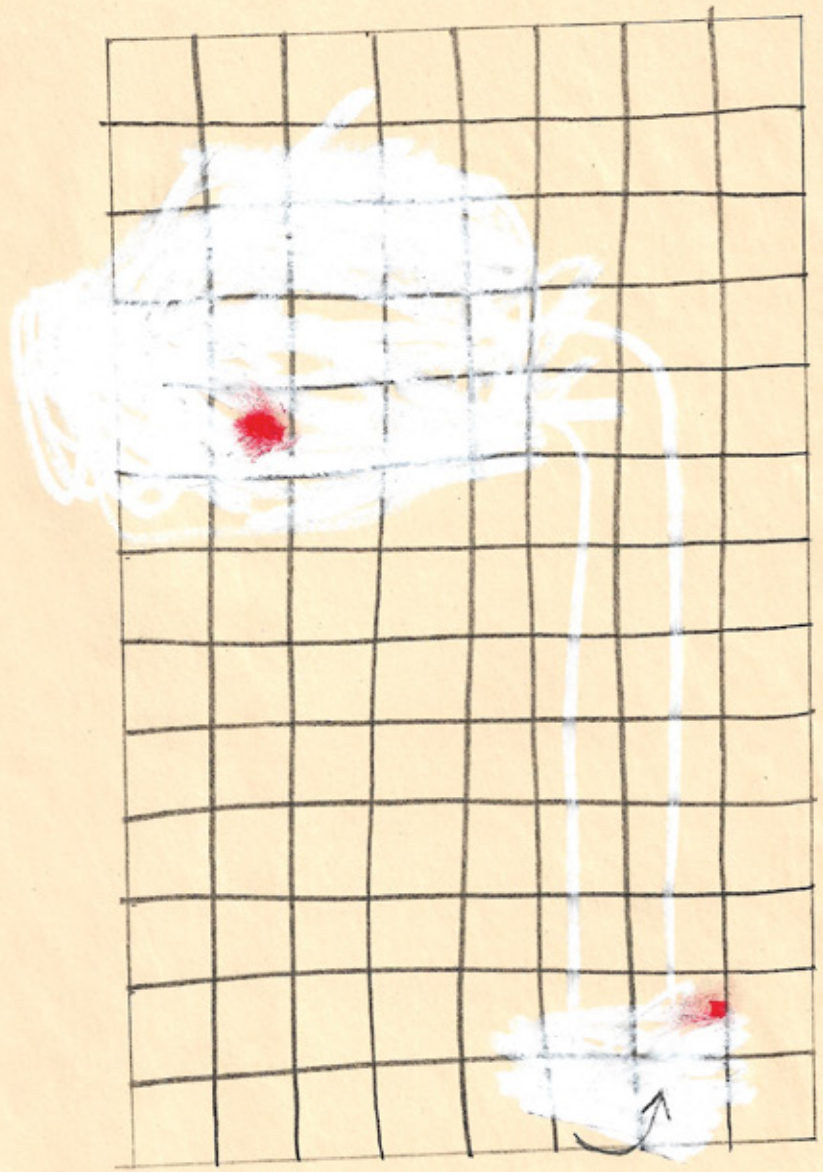


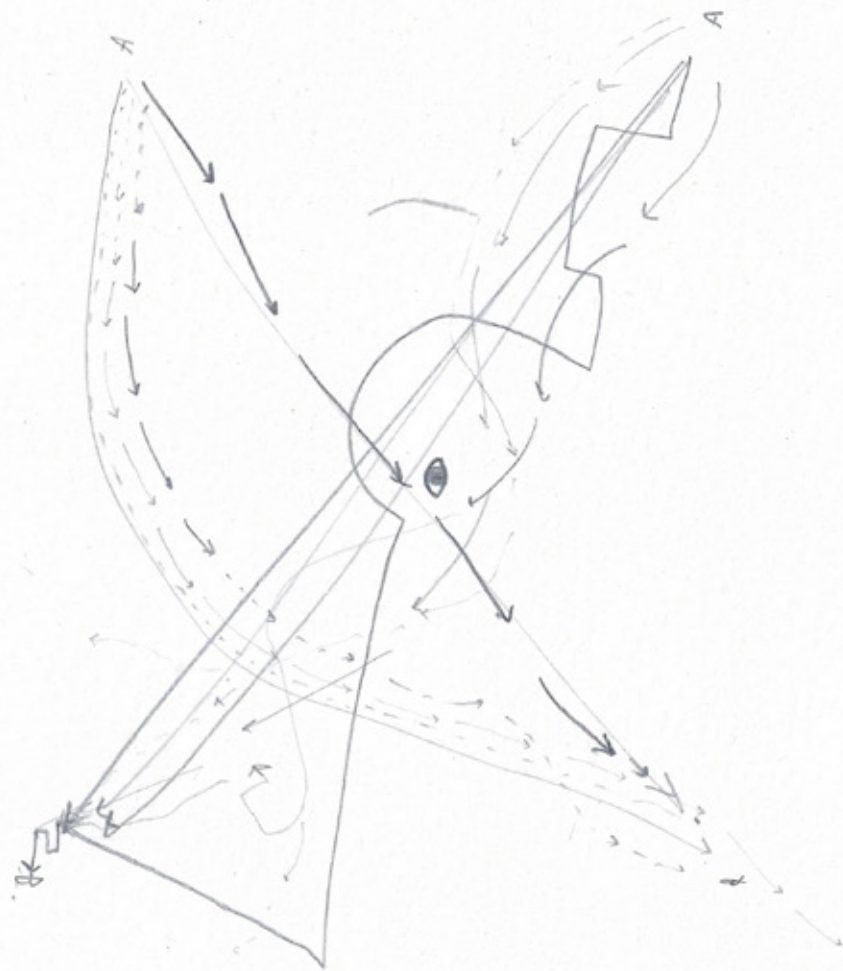
0006

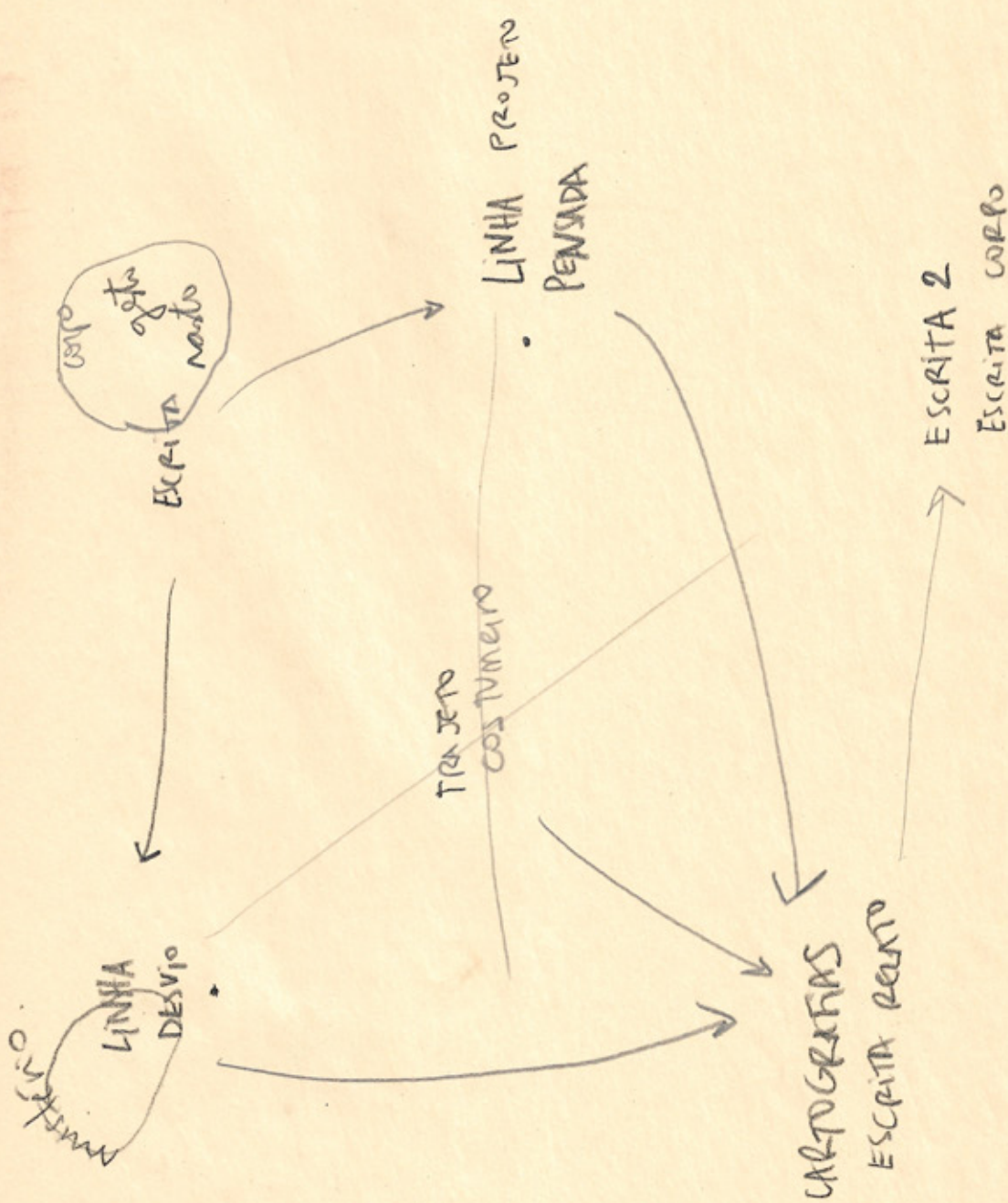
01031319-6

31288629826



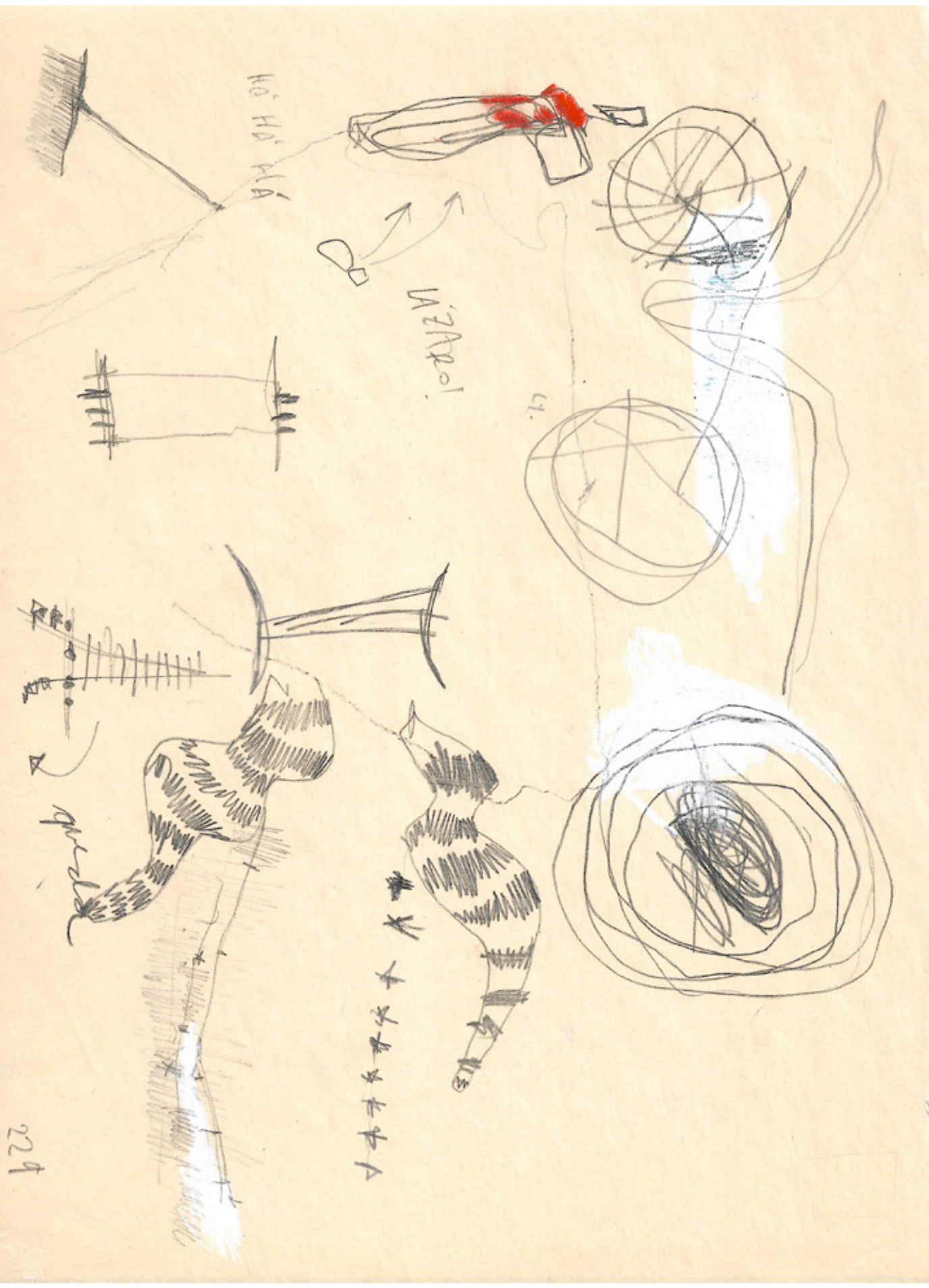


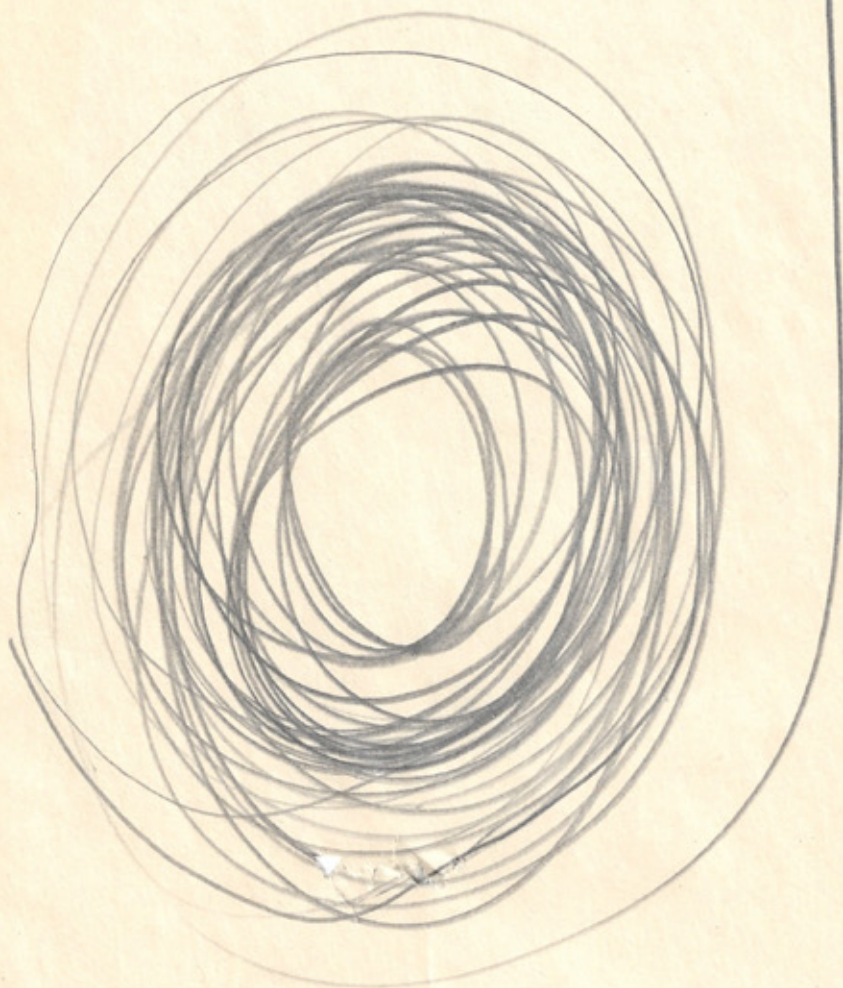






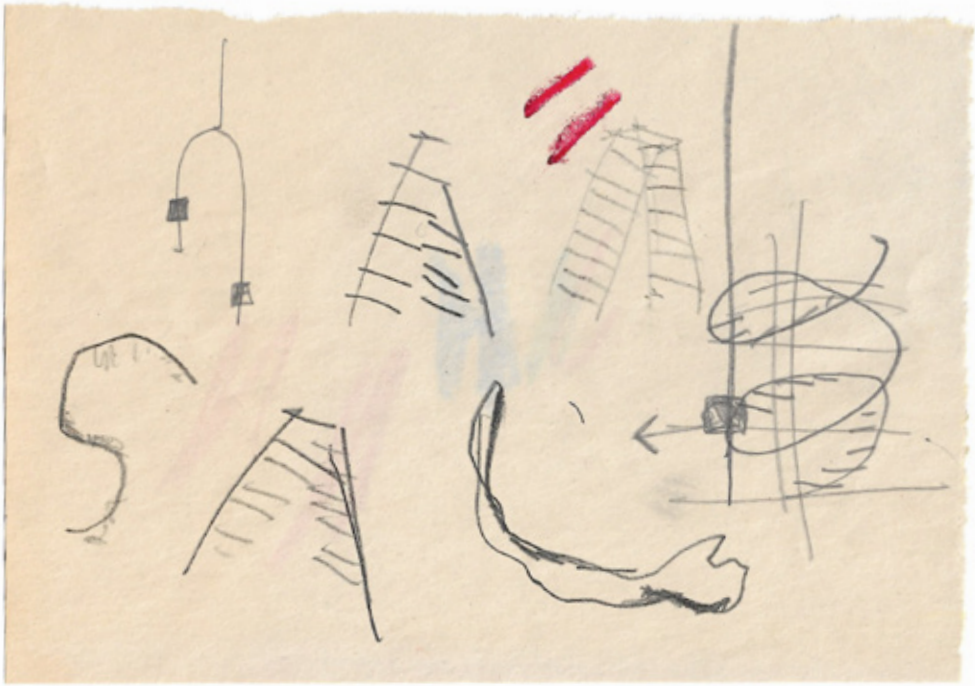




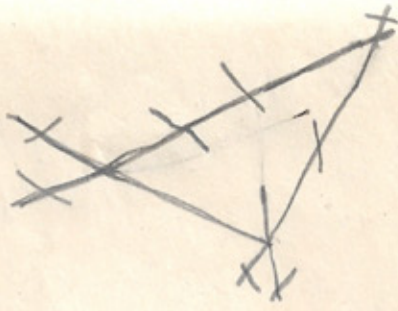


CAMPUS ATRÁS DO RIO.





ALEXIA B HENTTS

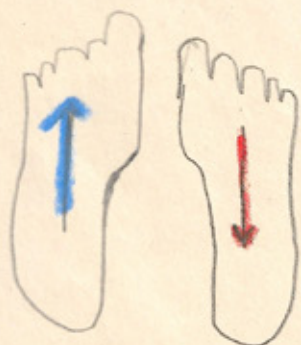
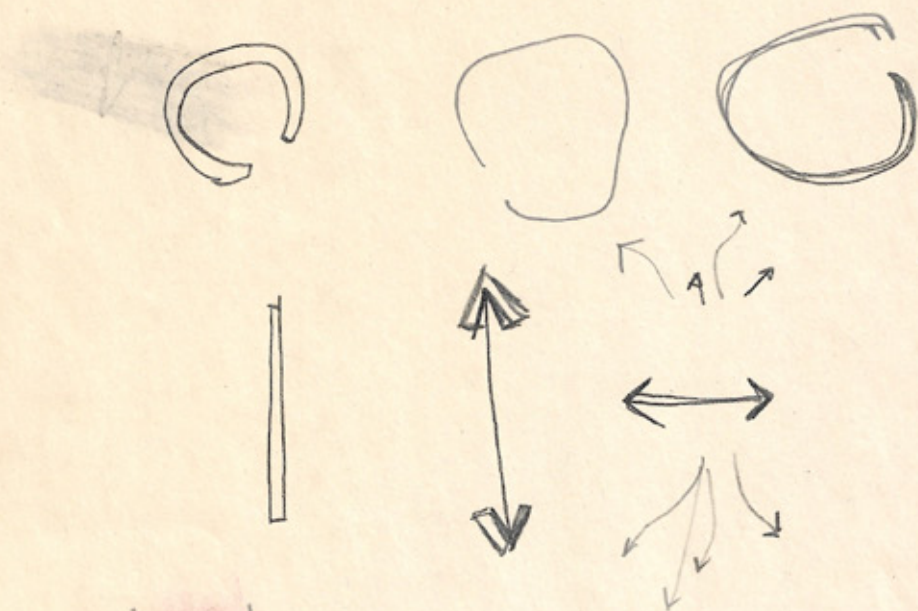


Encostas lingua com lingua

Encostas lingua com lingua

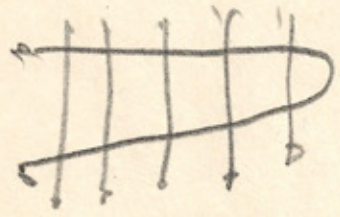
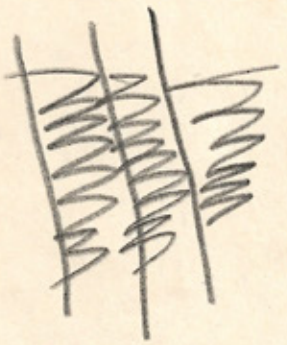
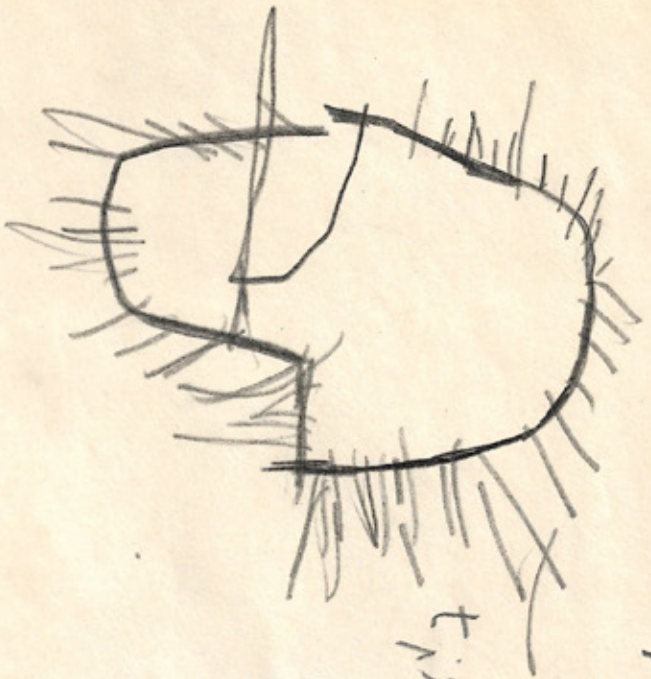
Encostas lingua com lingua

→ PENSAR FOTOS DOS PÉS - mutações, sujeiras
cada caminhada uma sujeira.



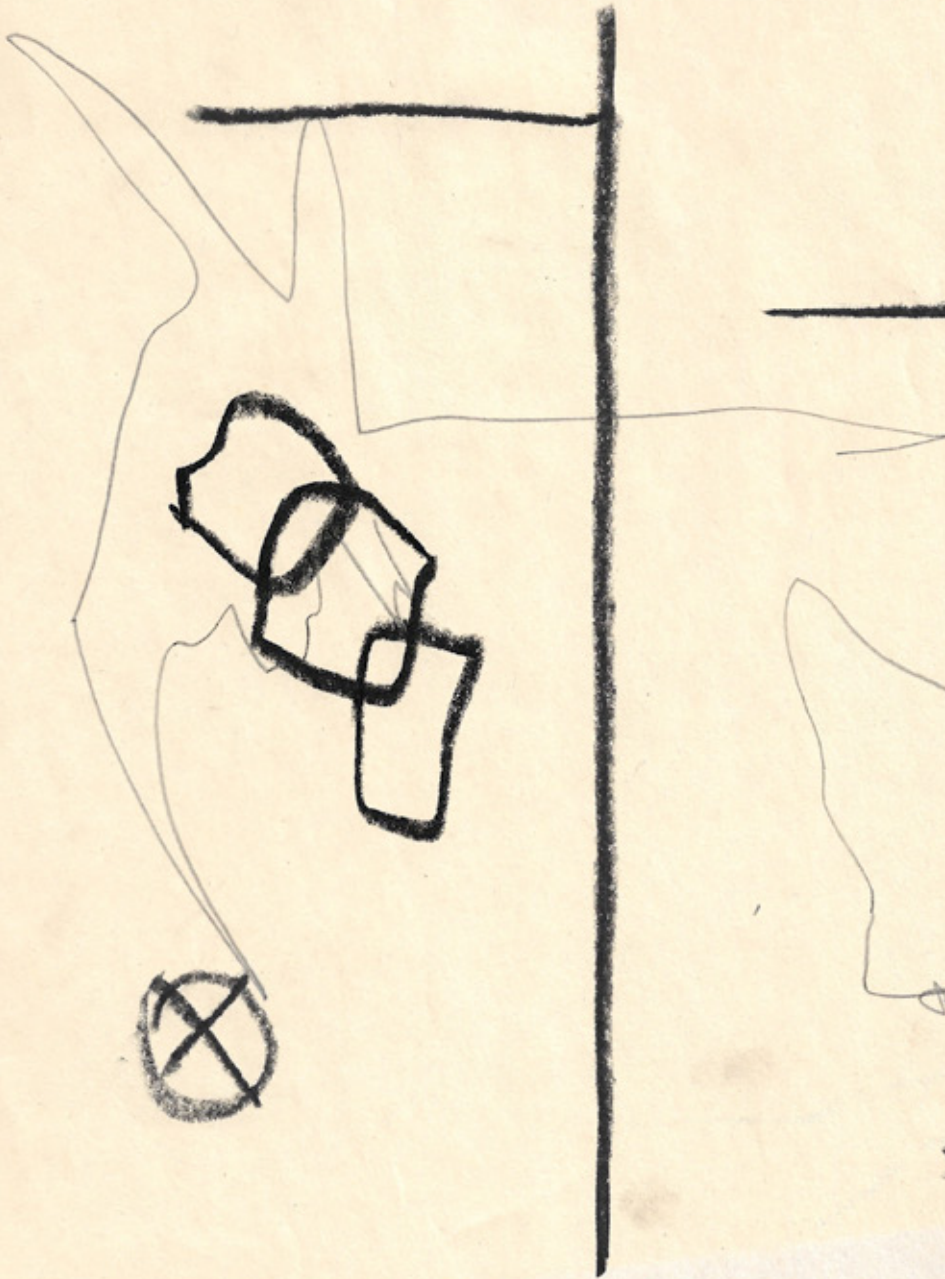
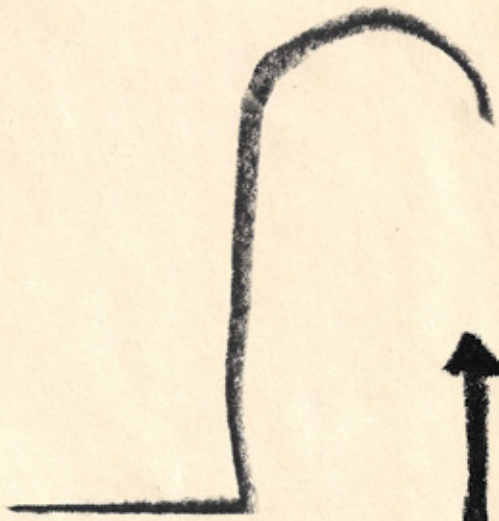
Morning flux

segue o ritmo
da crista



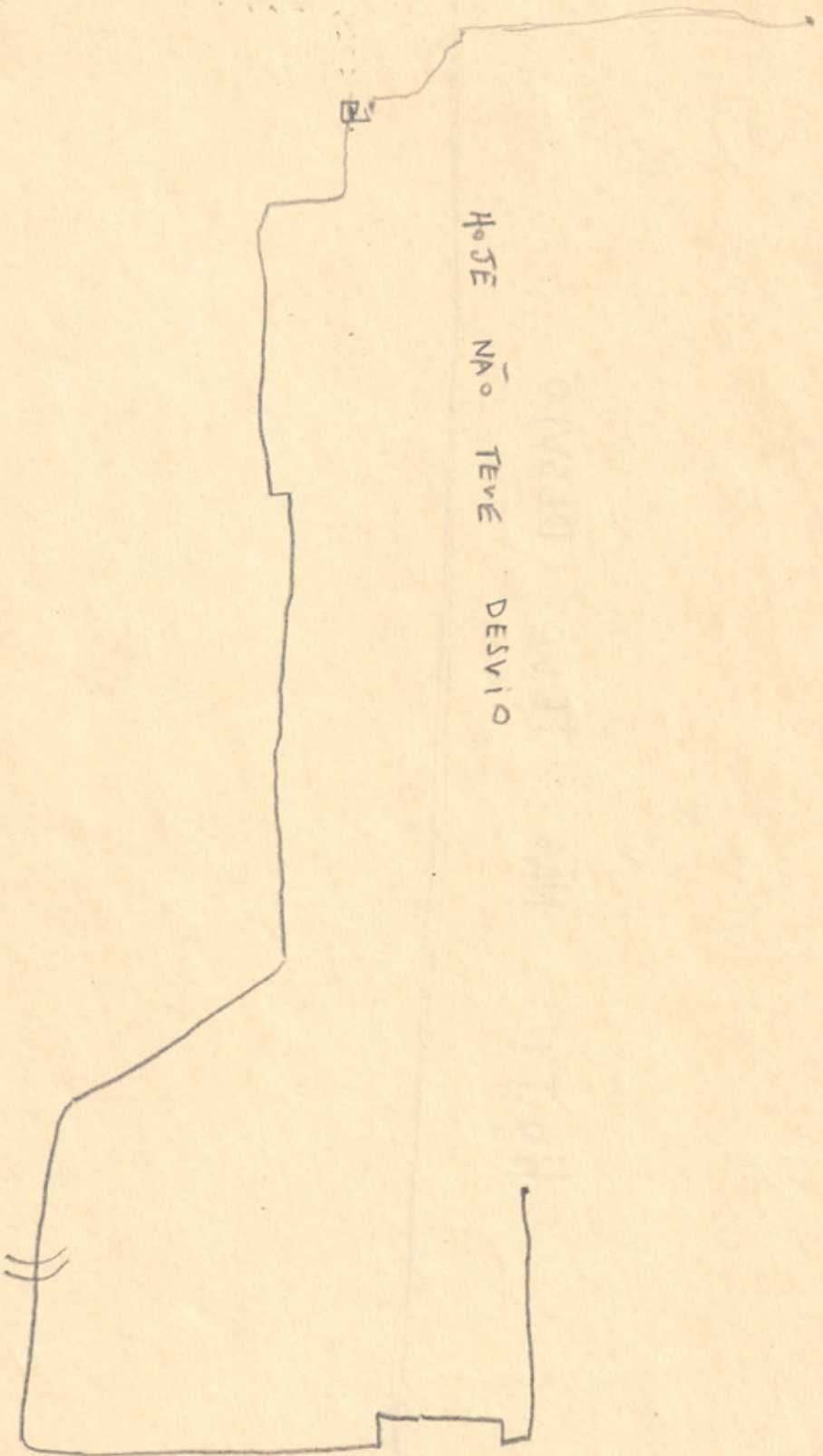
p' allo fiber
p' l'ua deica que minguat me
vep' mudo.)
t'ria, allo da
mura - l'ba ton e deca m'is

crucis - andas - crucis









HOJE NÃO TEVE DESVIO

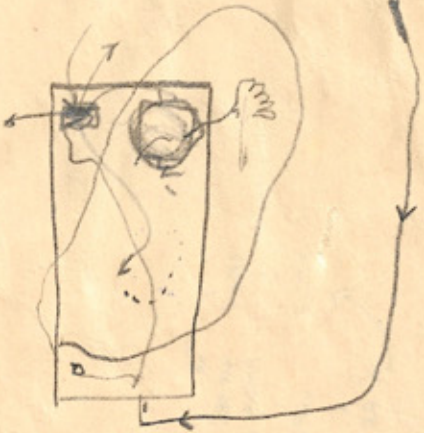




SUSTO



PERVUS
SUSTO



DANE 1



swarm



[Faint, illegible handwritten text]

Prothine



swarm

swarm

epelle
dissodamento
do corpo

swarm
swarm



CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

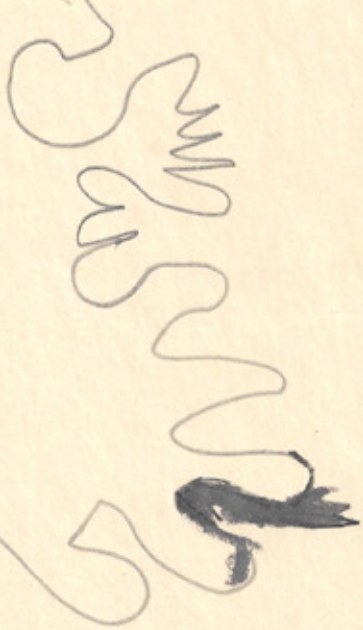
CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA

CONTINUA



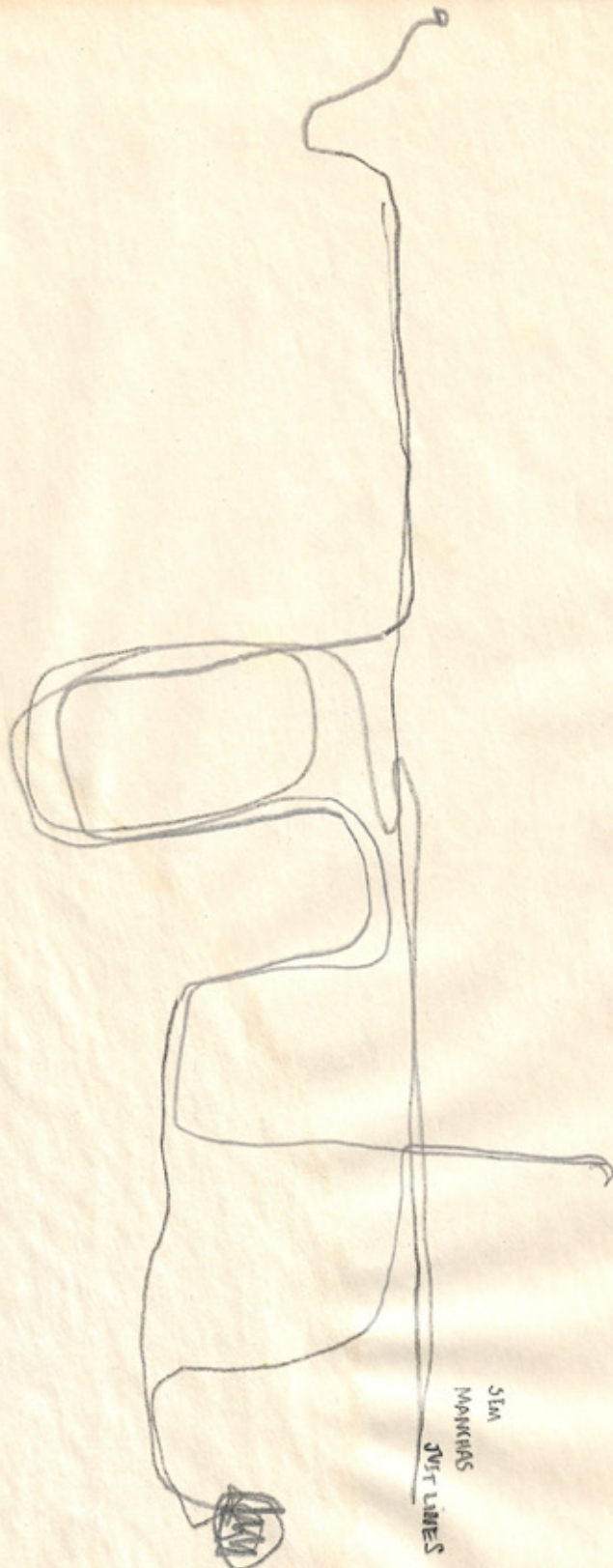




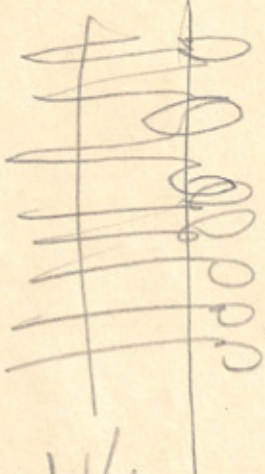
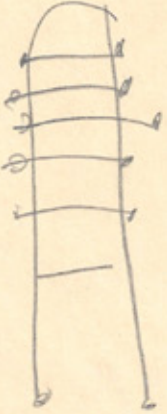
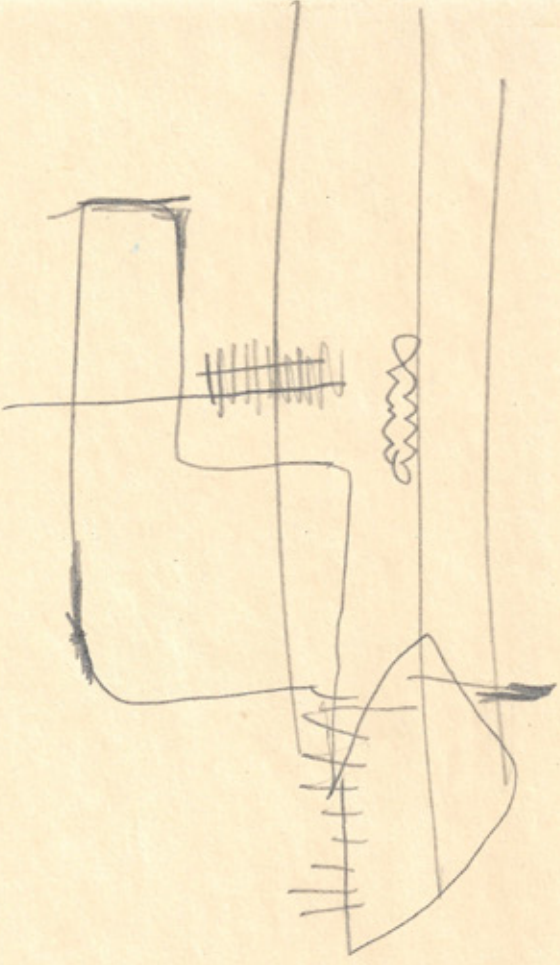


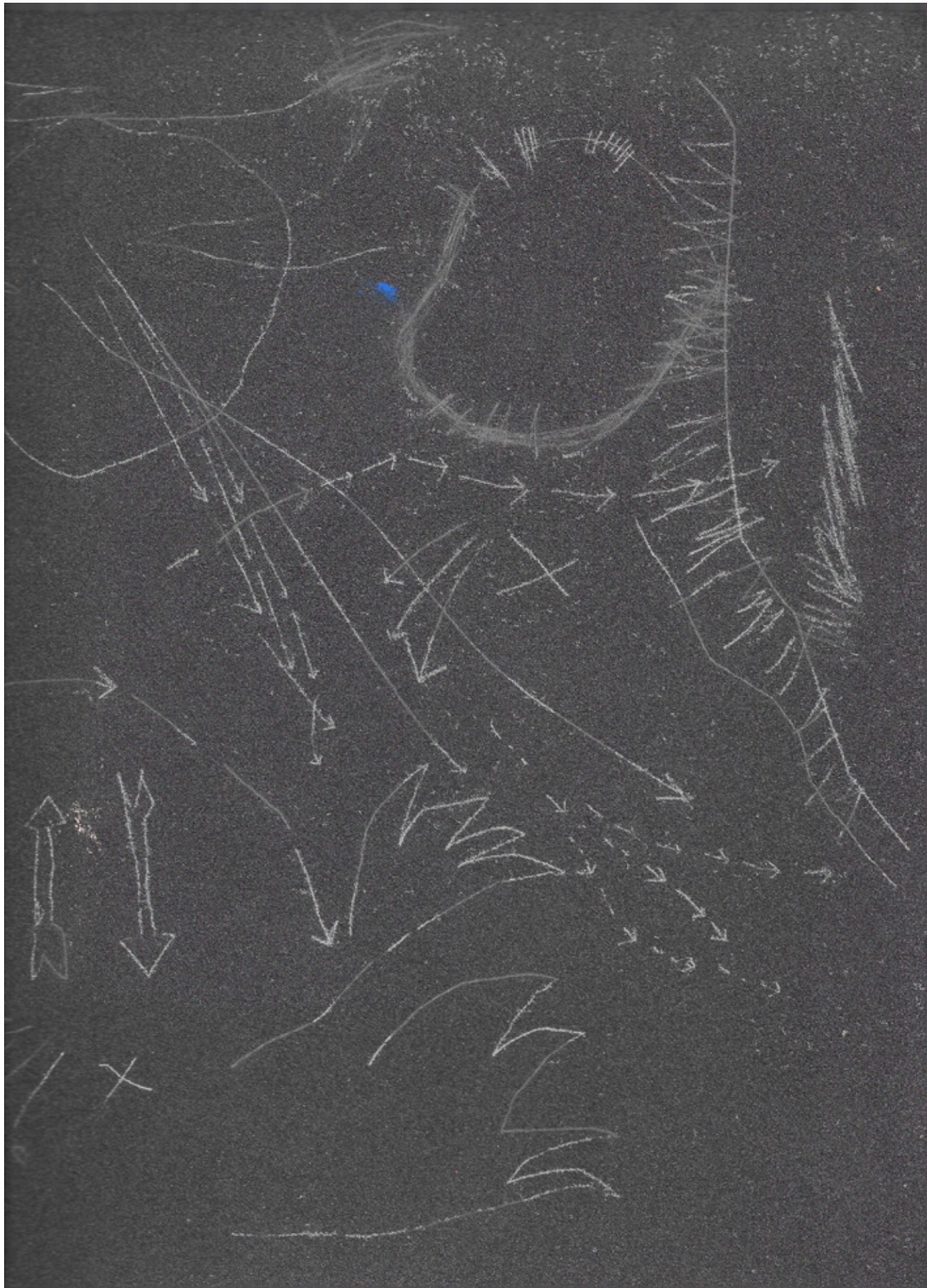
l'origine de
l'œuvre





STEM
NODALS
INT. LINES





EU VI POMBAS
SER ATROPE-
LADA

INDA
DE
neguim??

LEGENDAS
CILIO

← S X BOM SENSO

DESVIOS
HOMEM DE
VEZMELHO

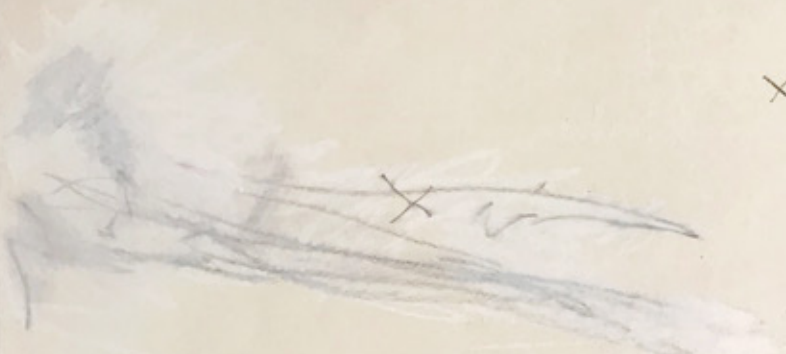
PANTAS *

POMBA
DA
LADA

ou
metade
da
guida

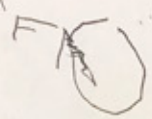


X



TROCA TRO

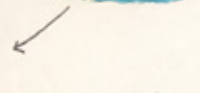
IAN



XD
H
DA



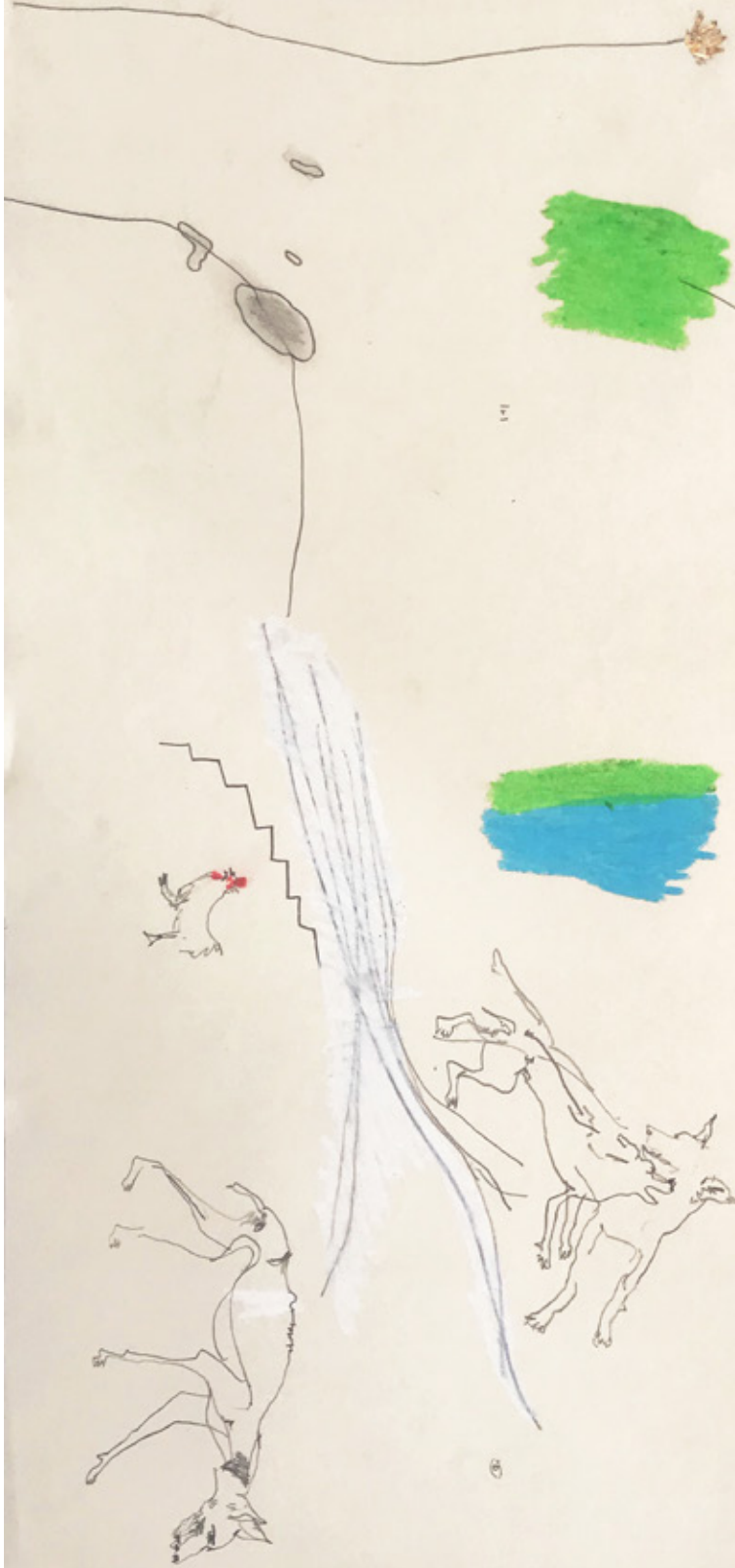
VI A LINDA
COMO
AMIGA.



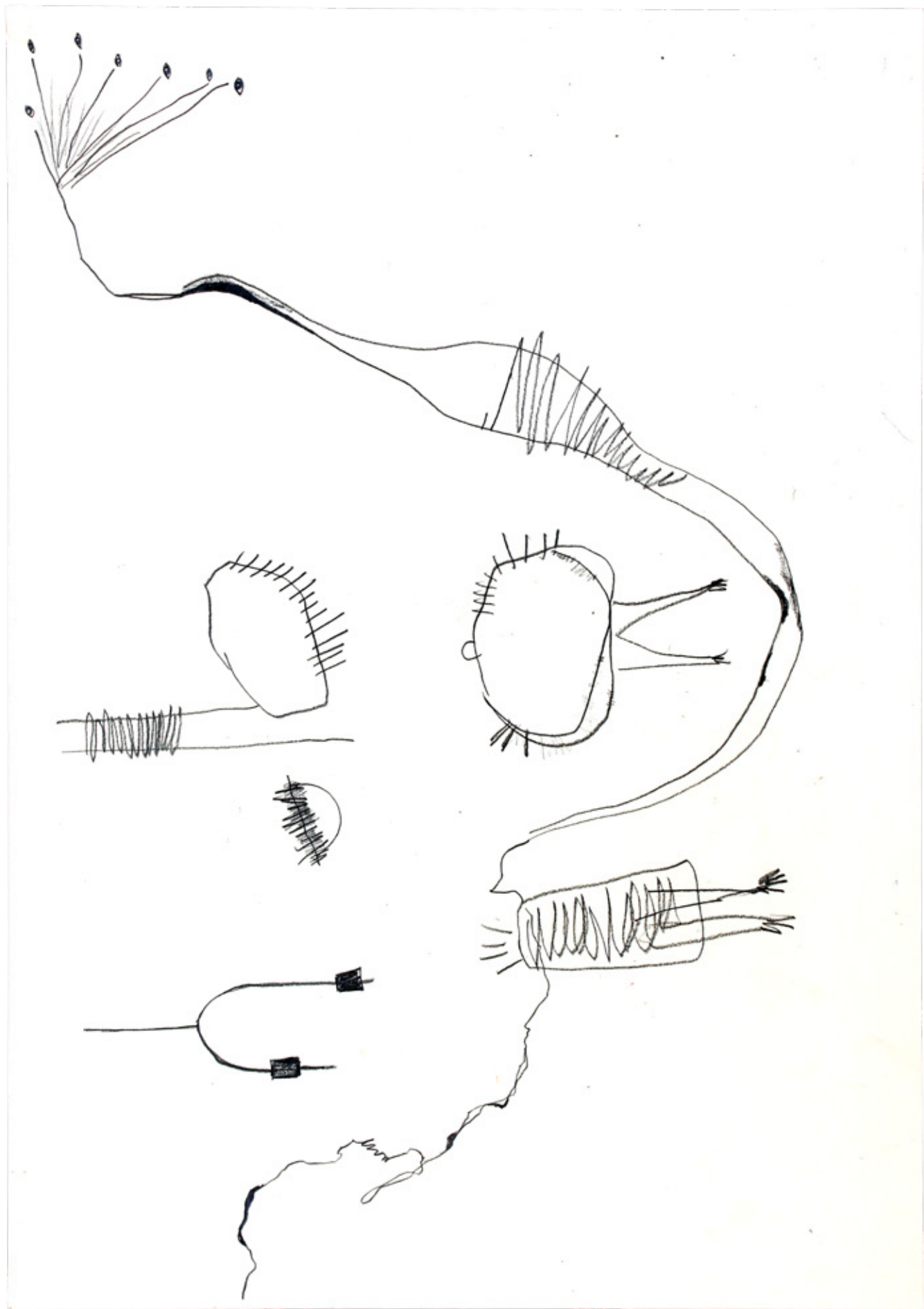
CONSIDER
MEU
AMIGO

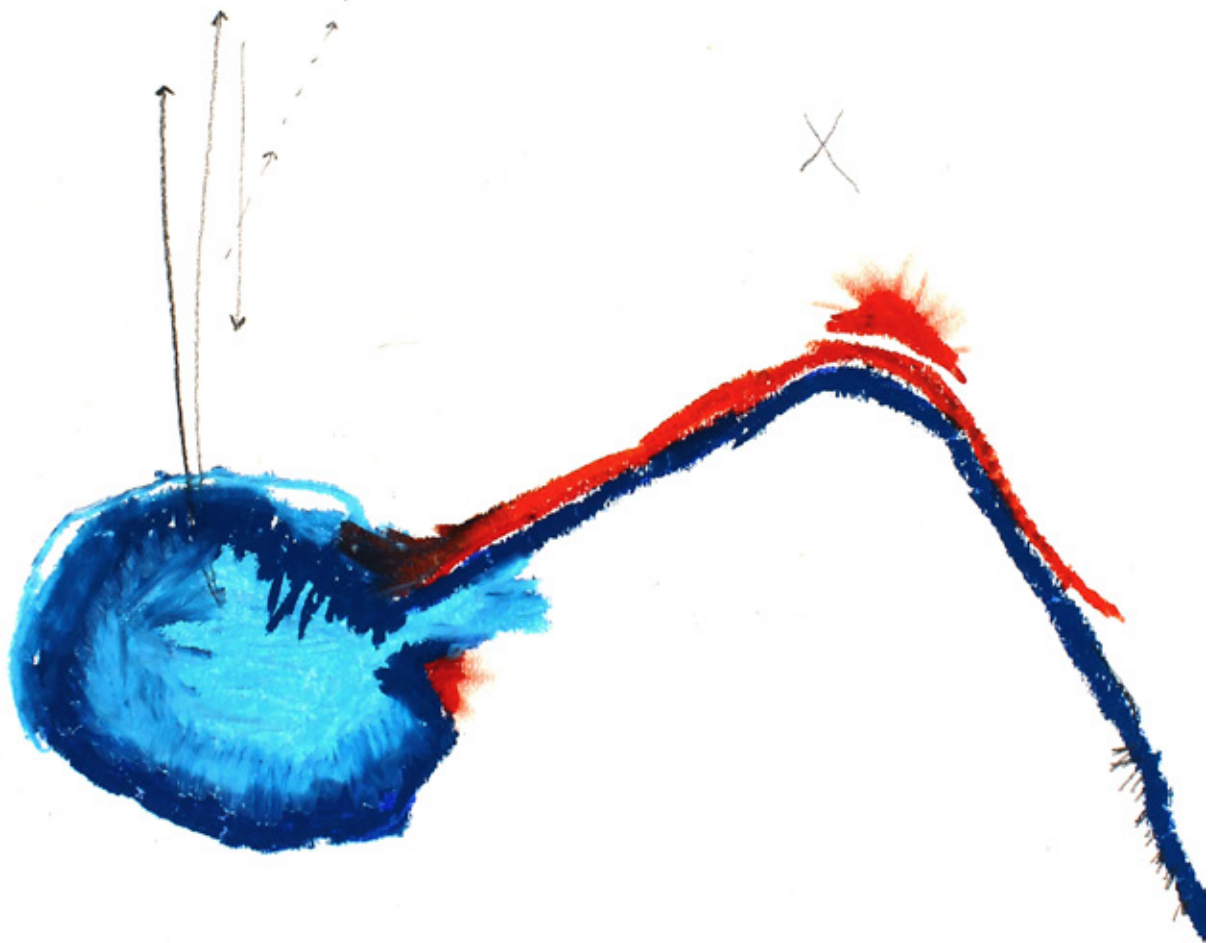


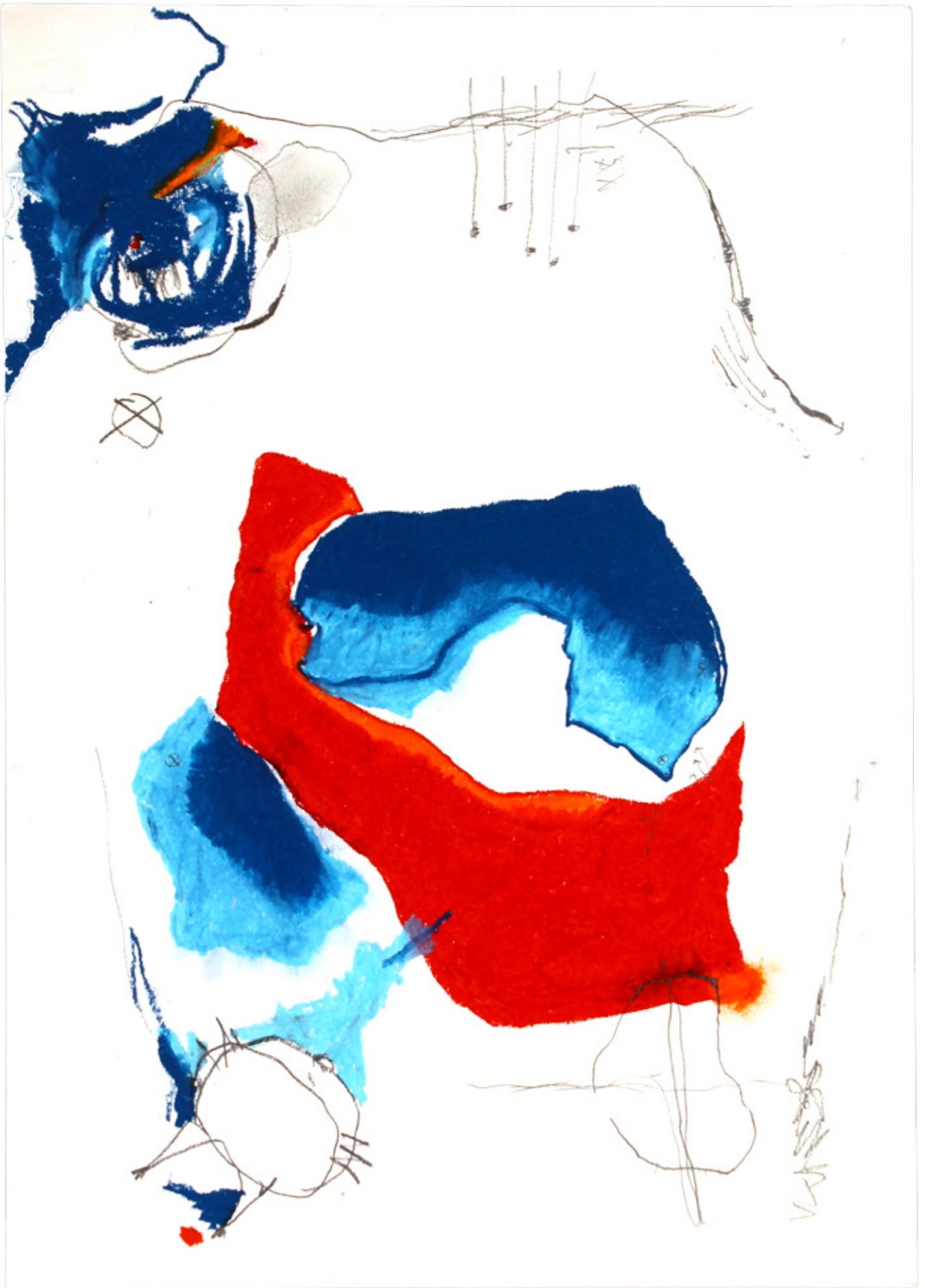
PA-LHA-FOI

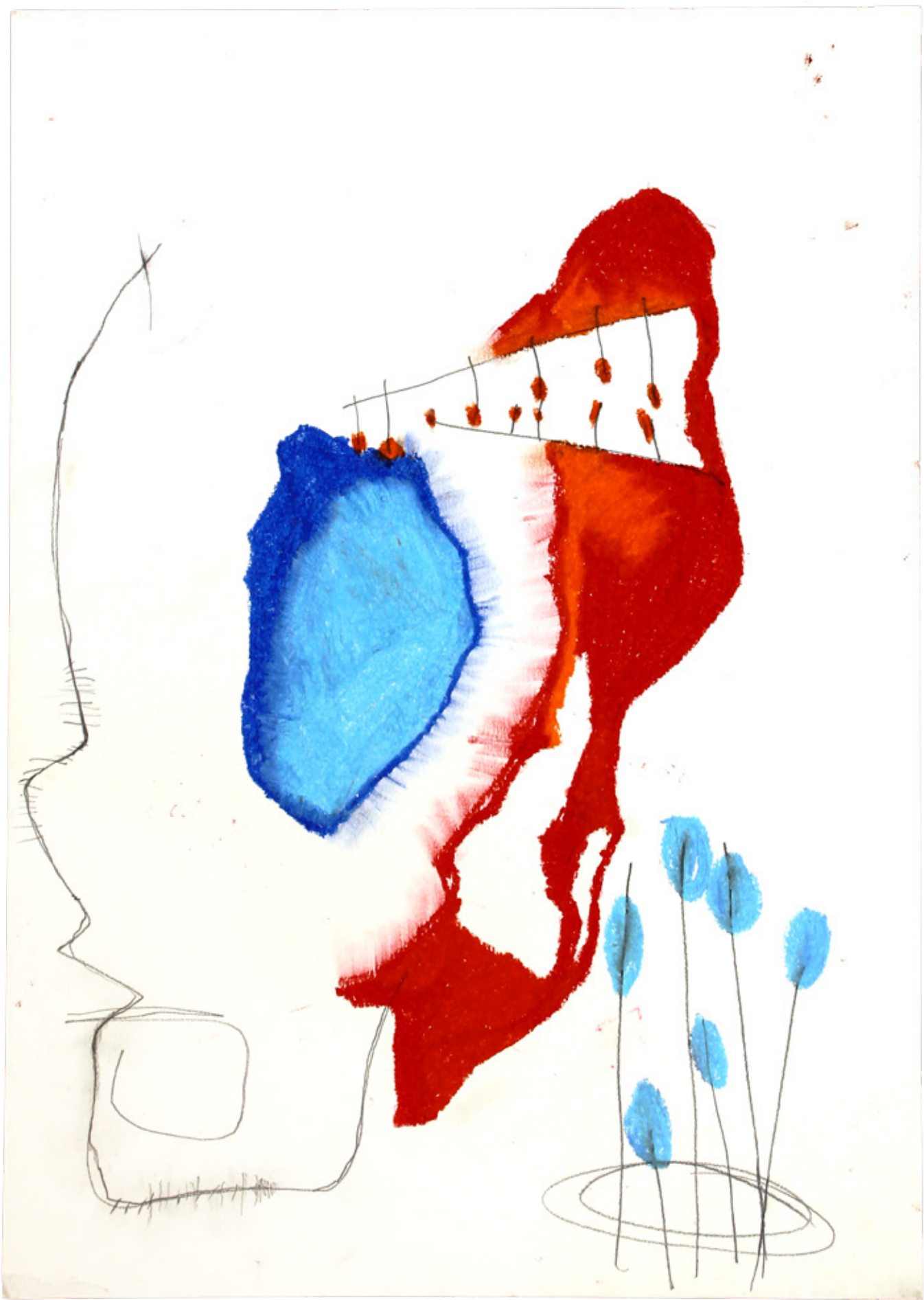


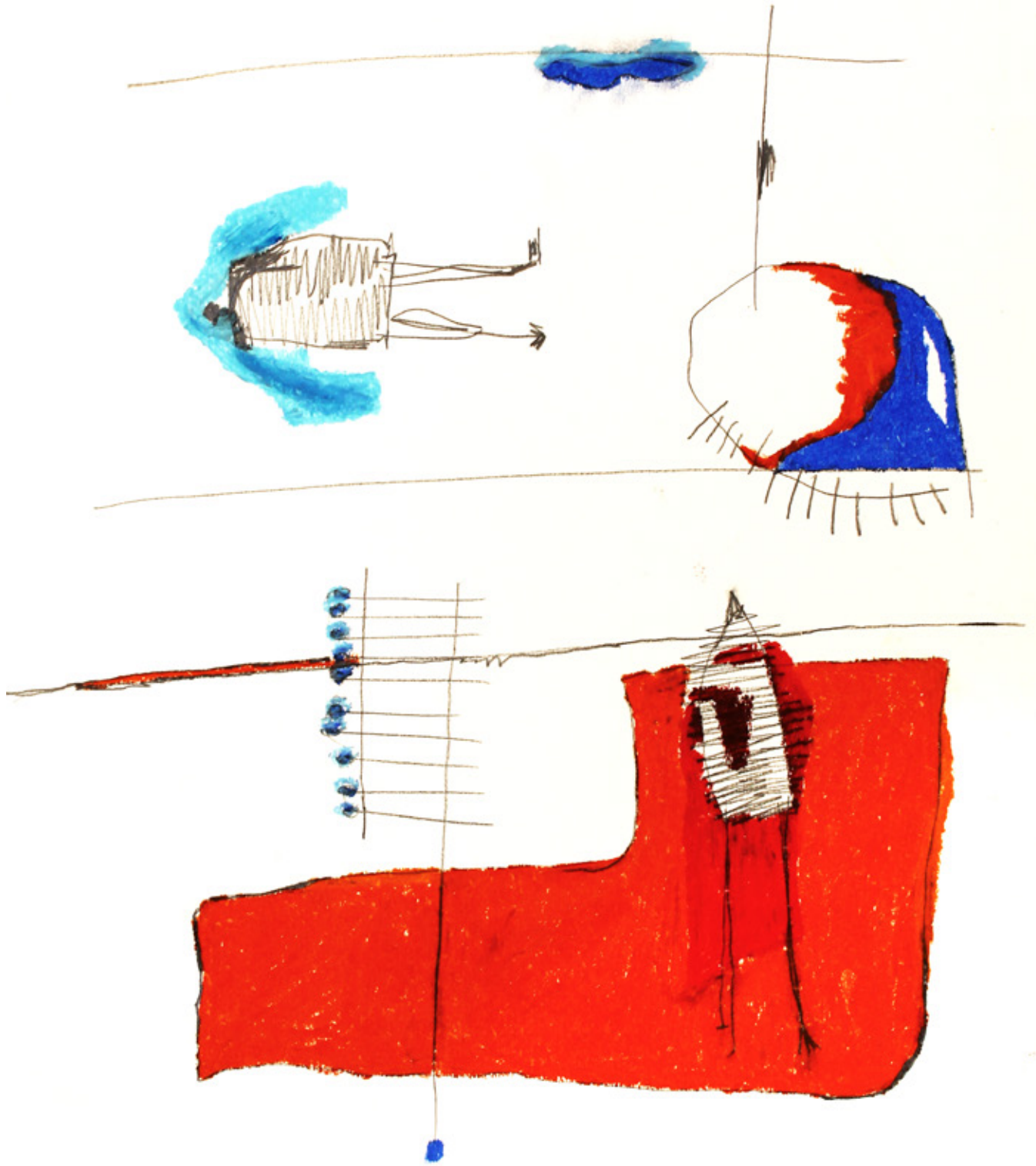


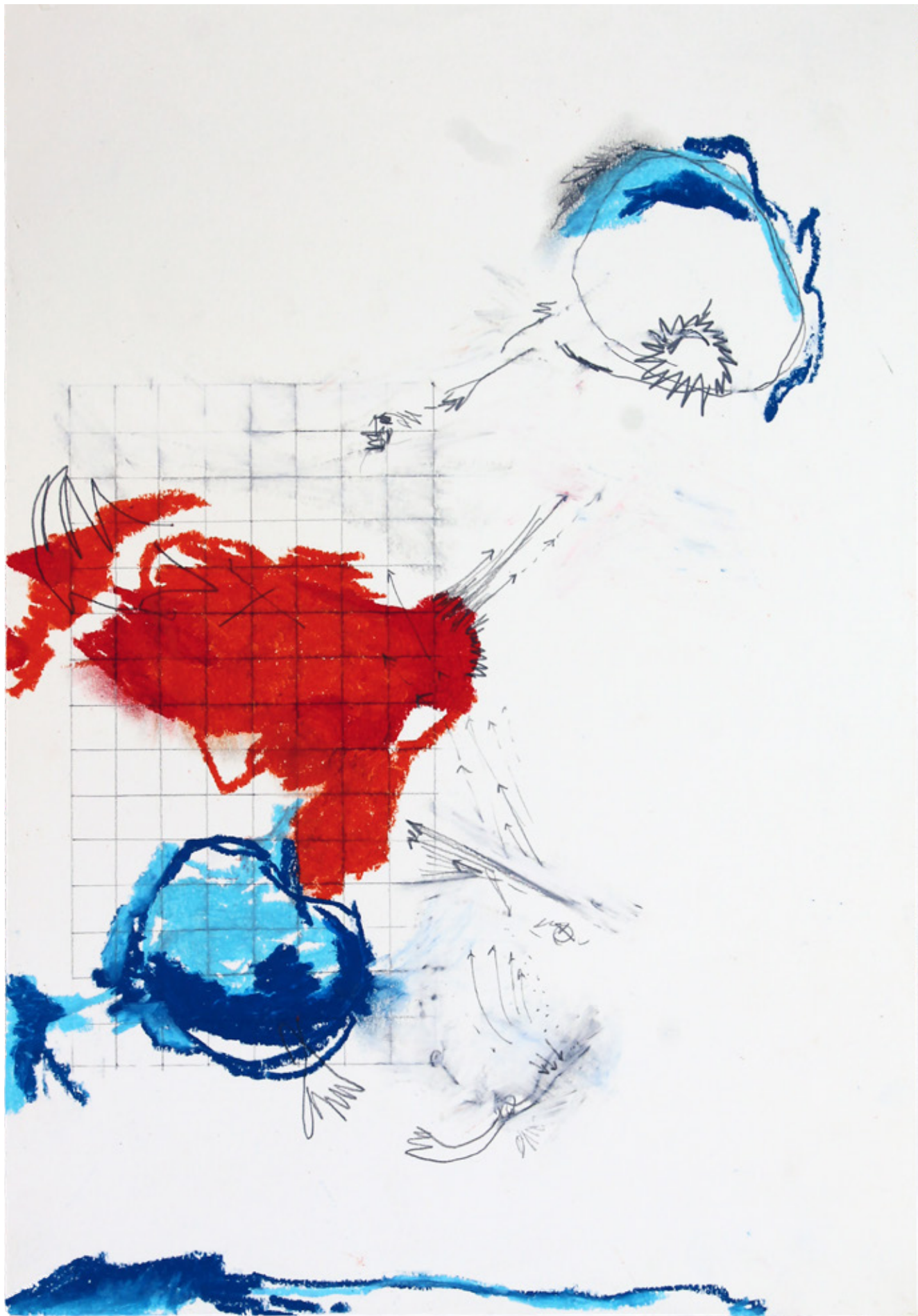






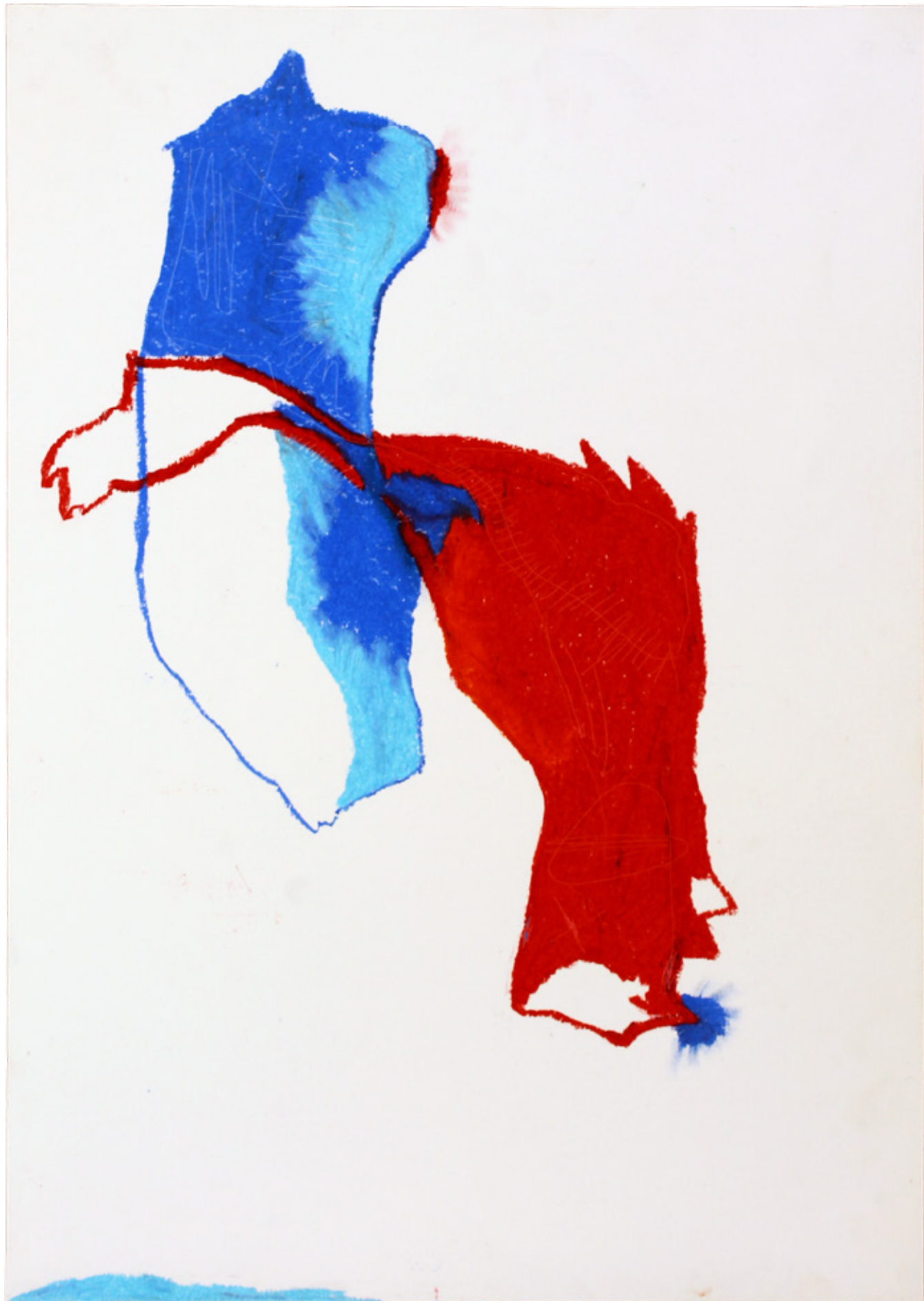


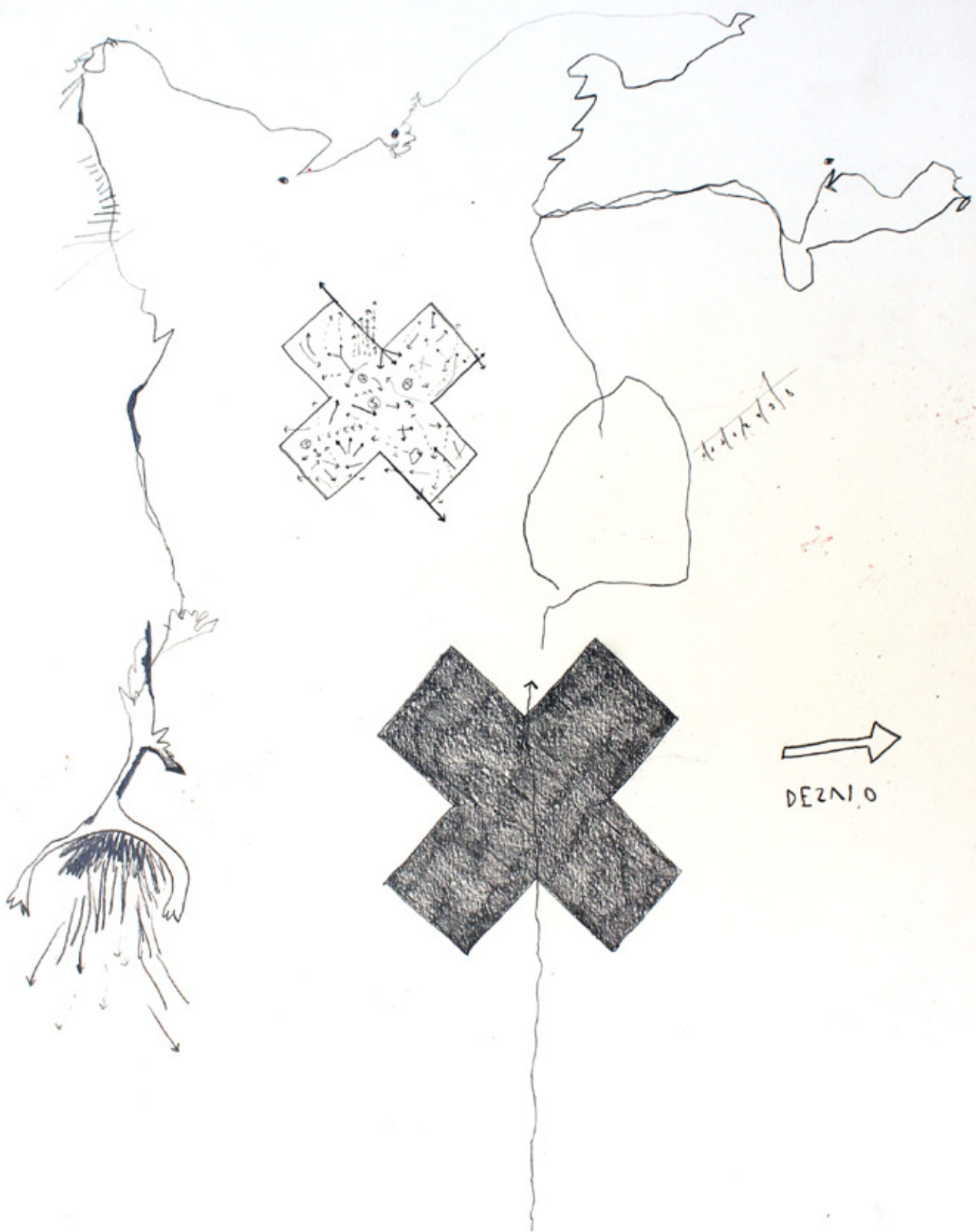






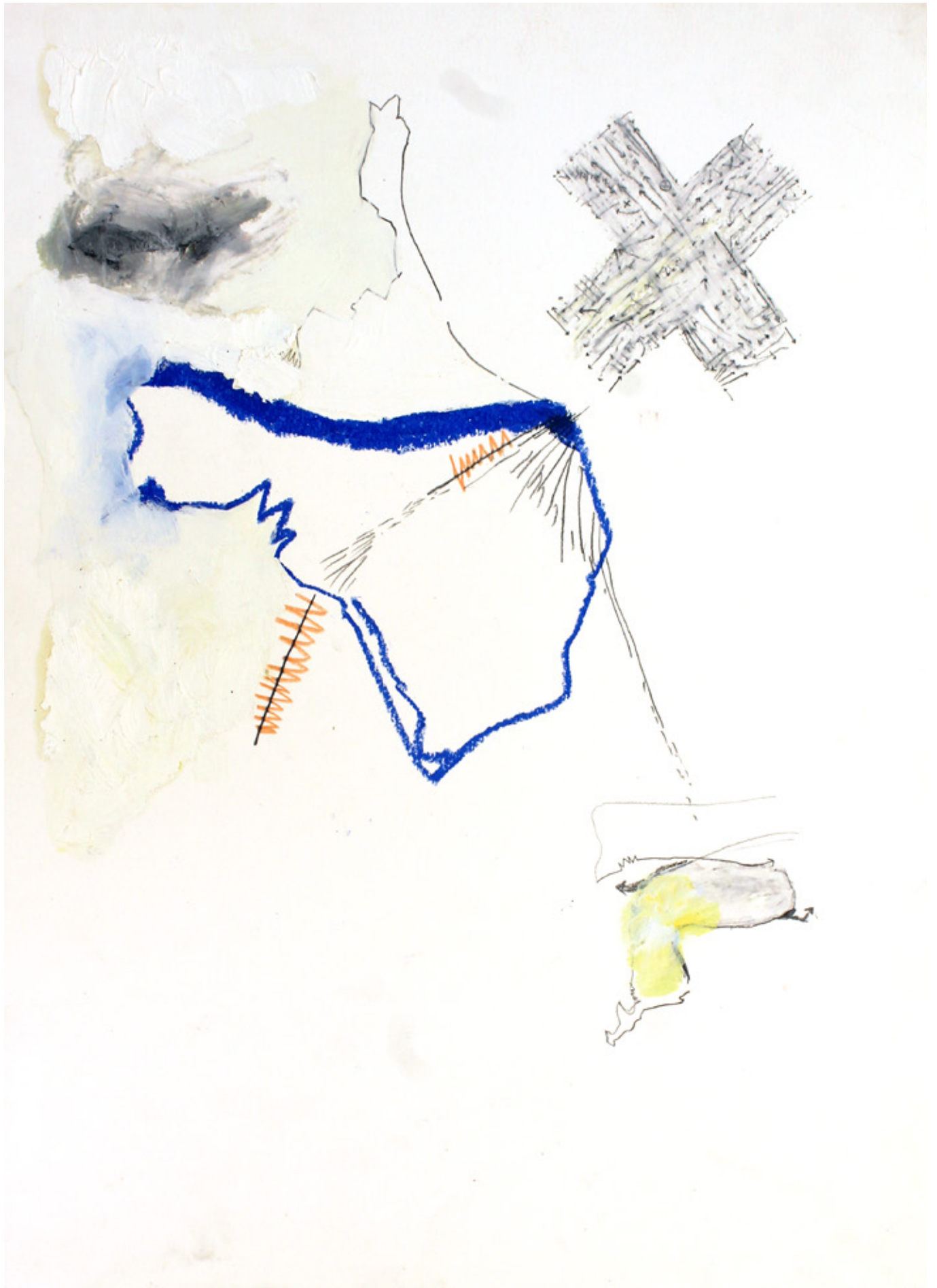




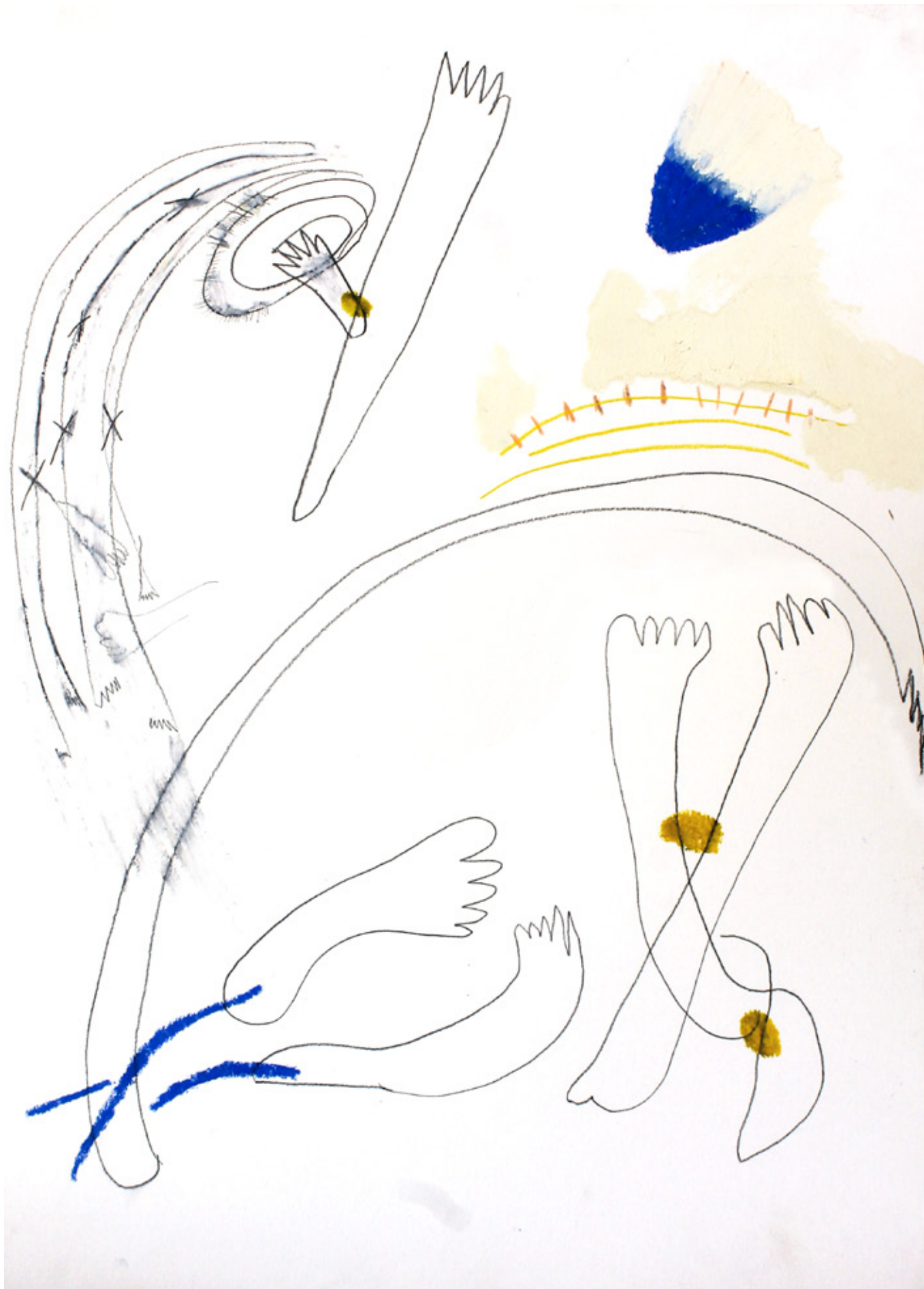


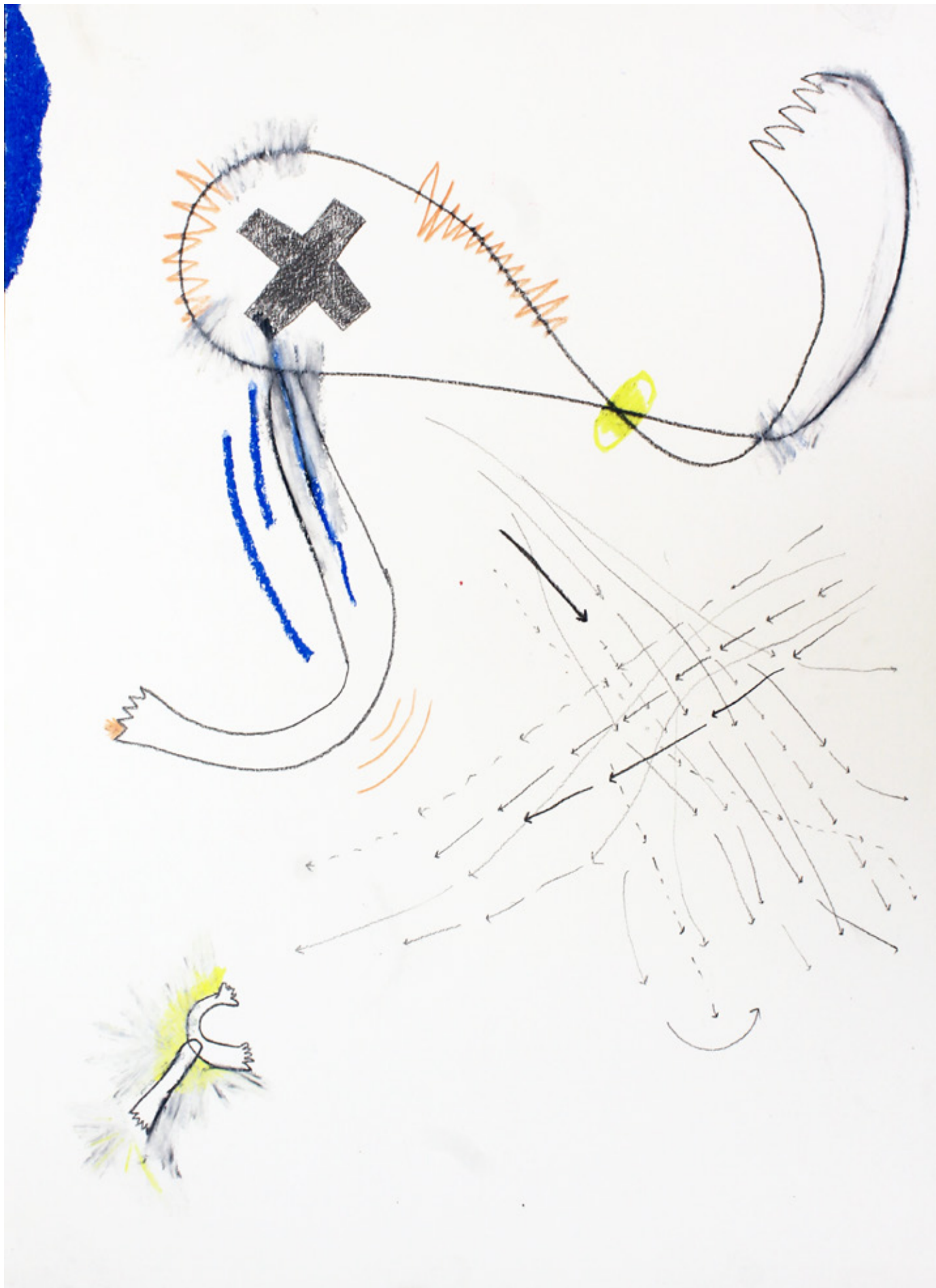
DEZNO





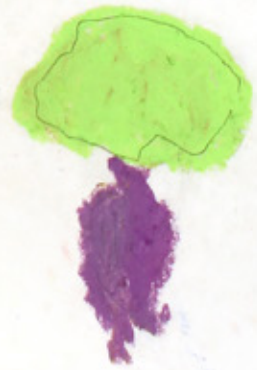












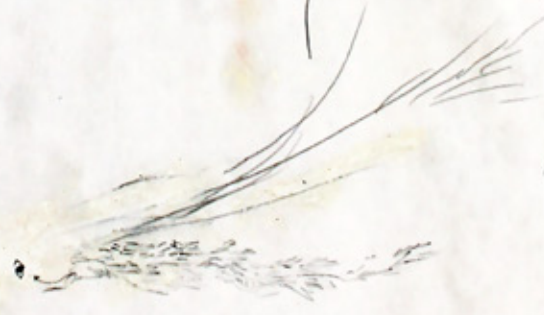
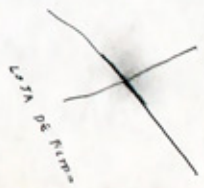








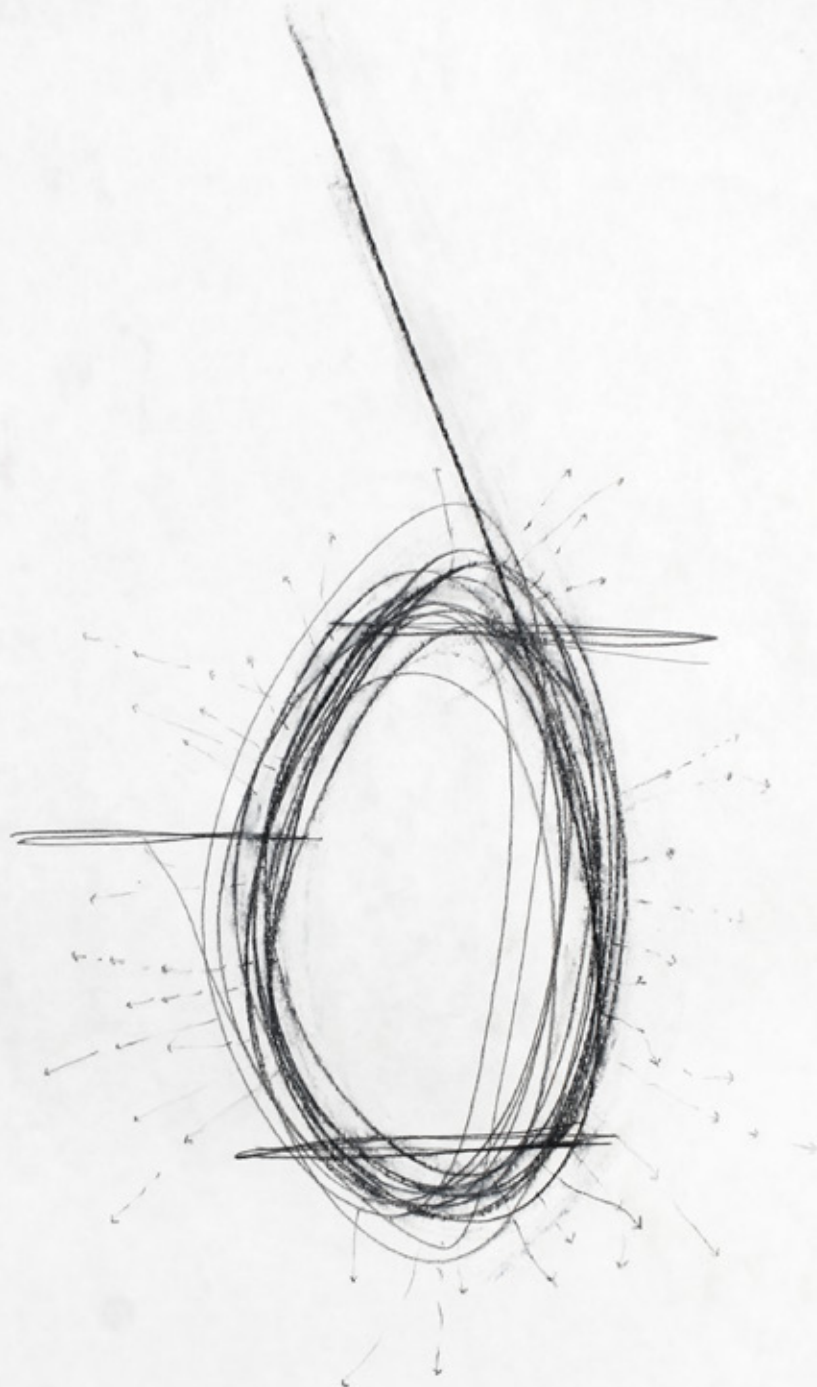




colores

TAMMINAS
5
2

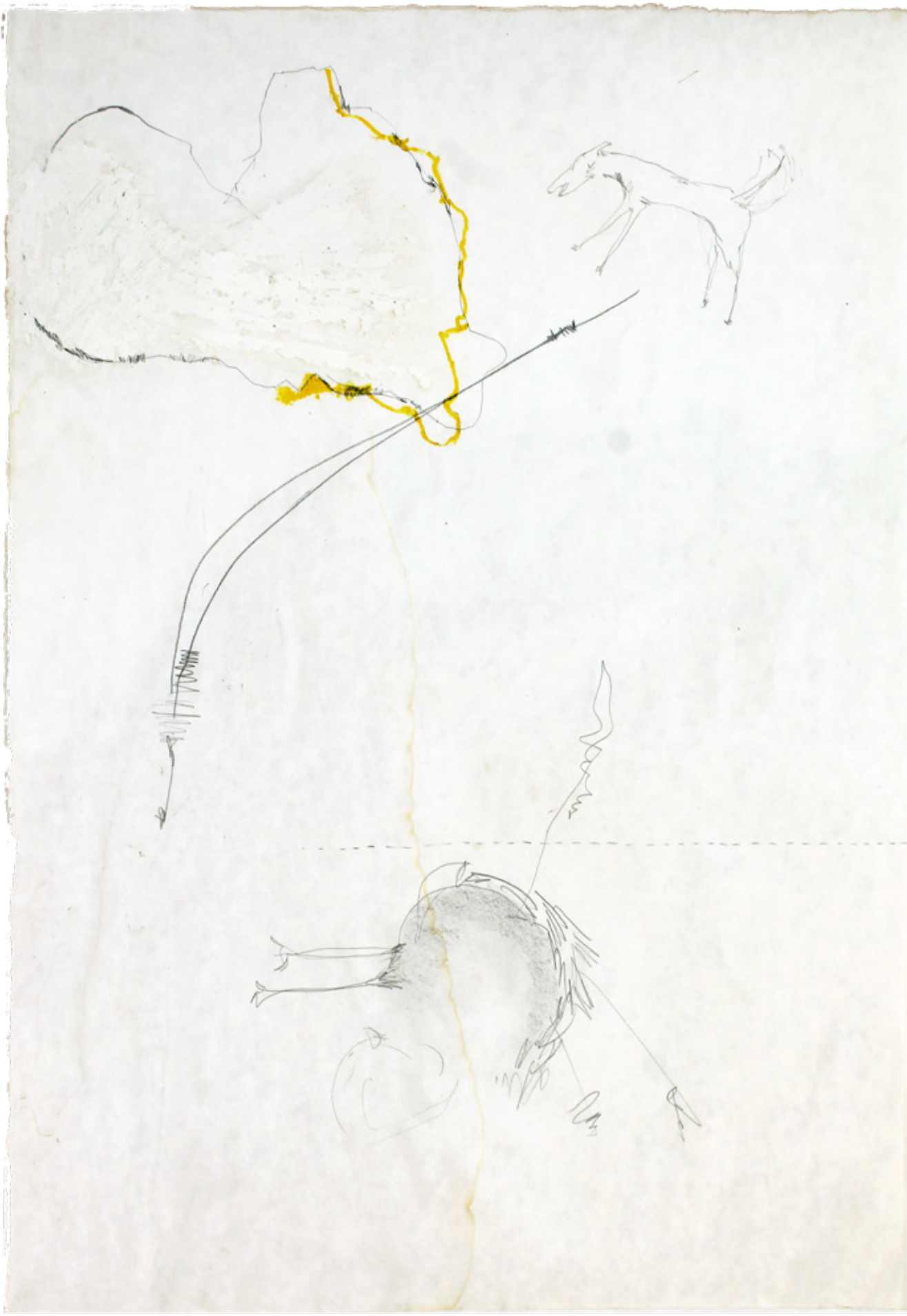




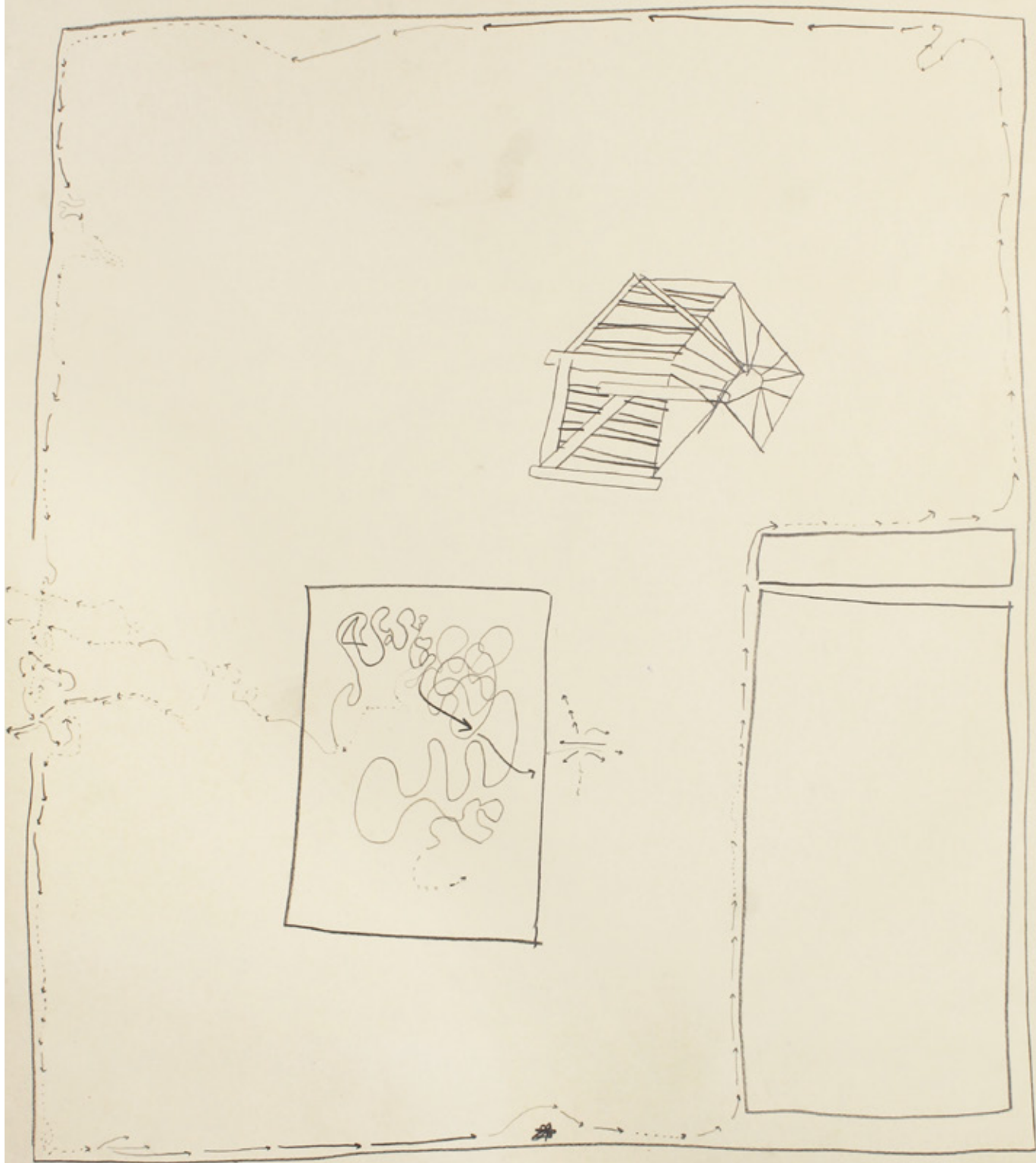


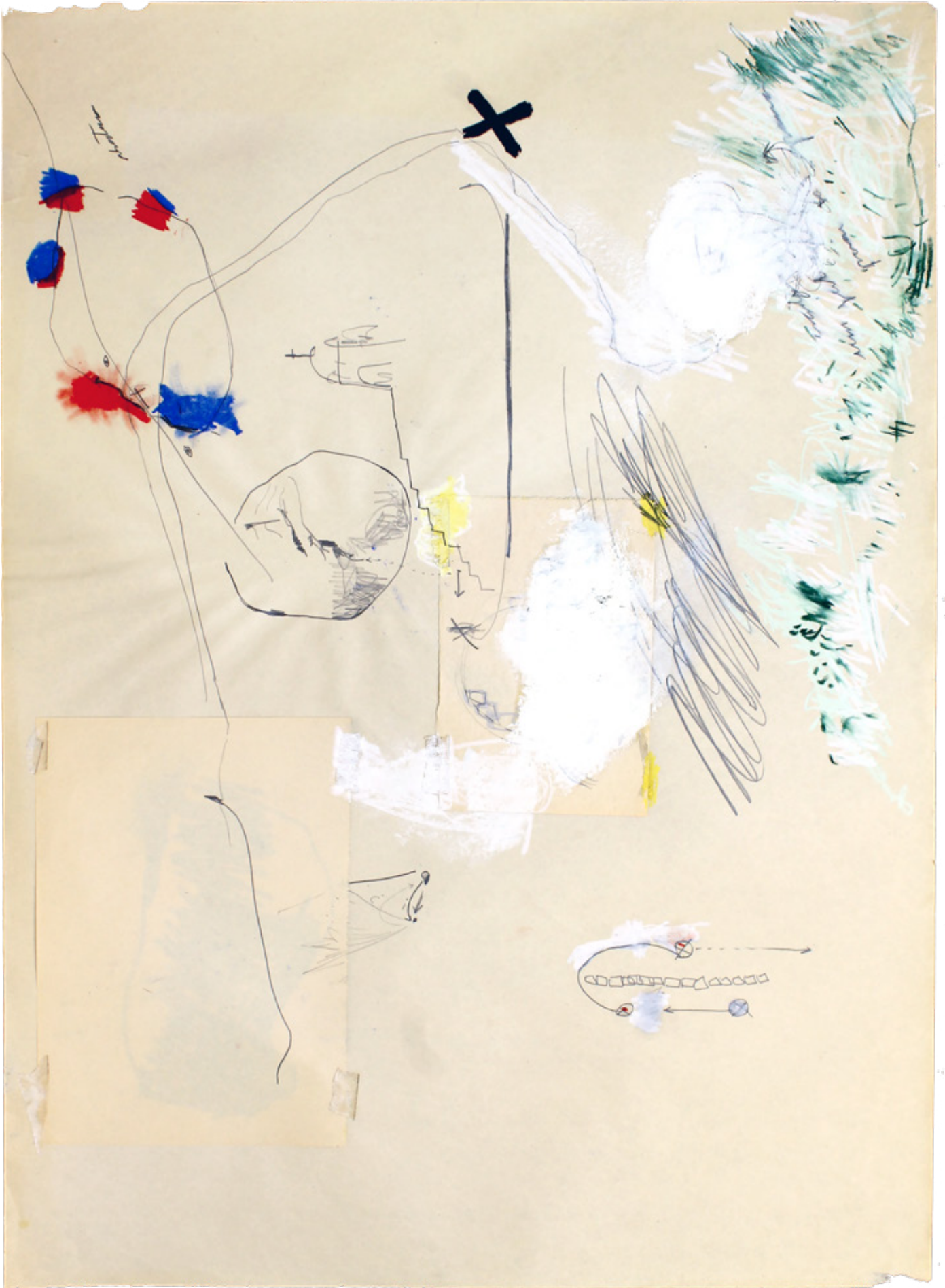
locie
+
amhada

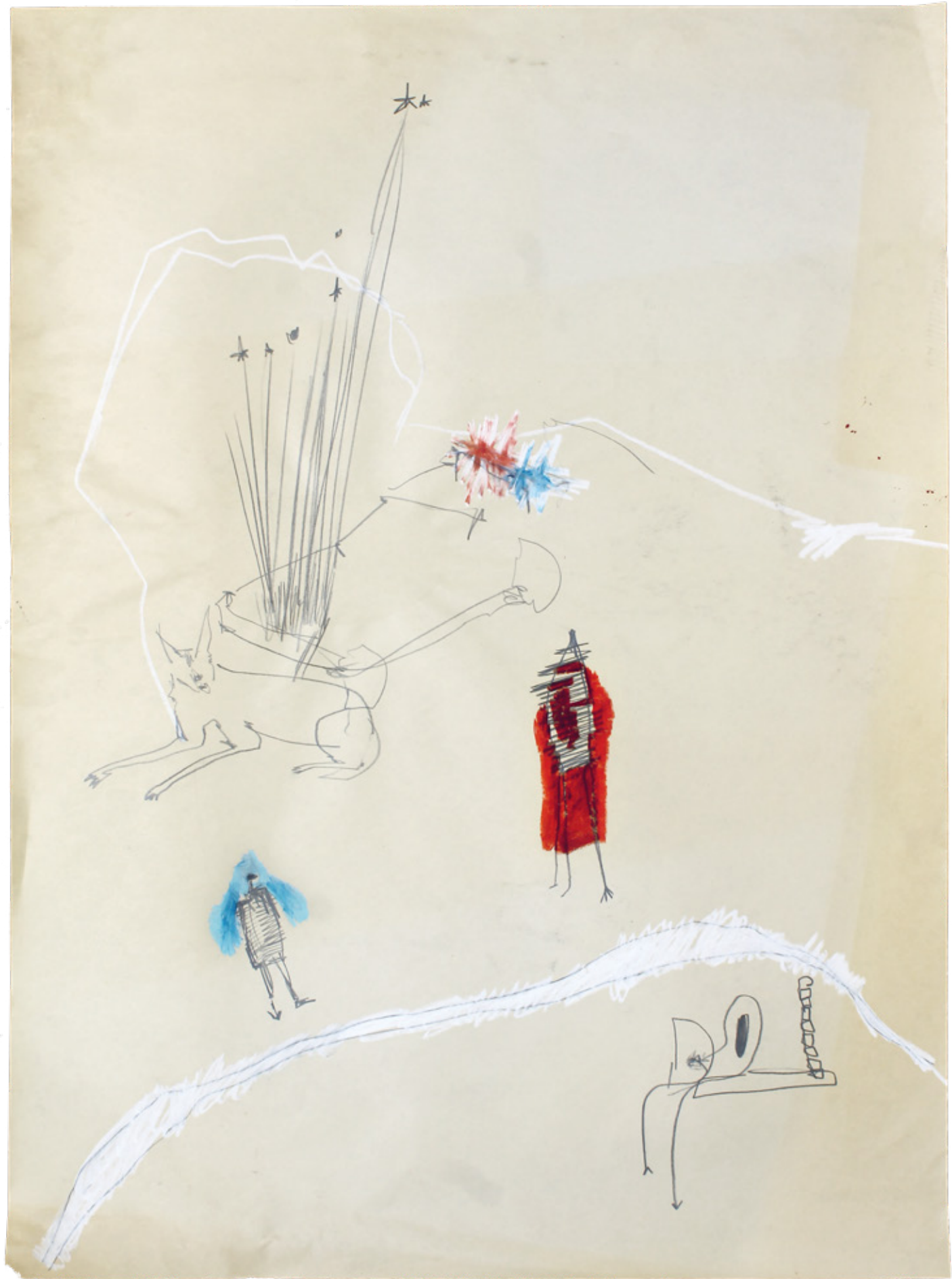


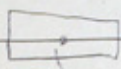
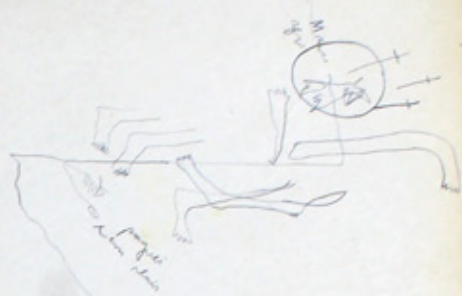
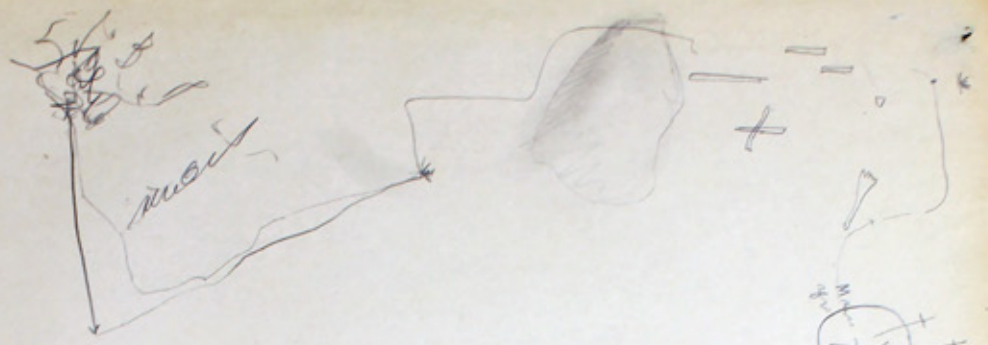


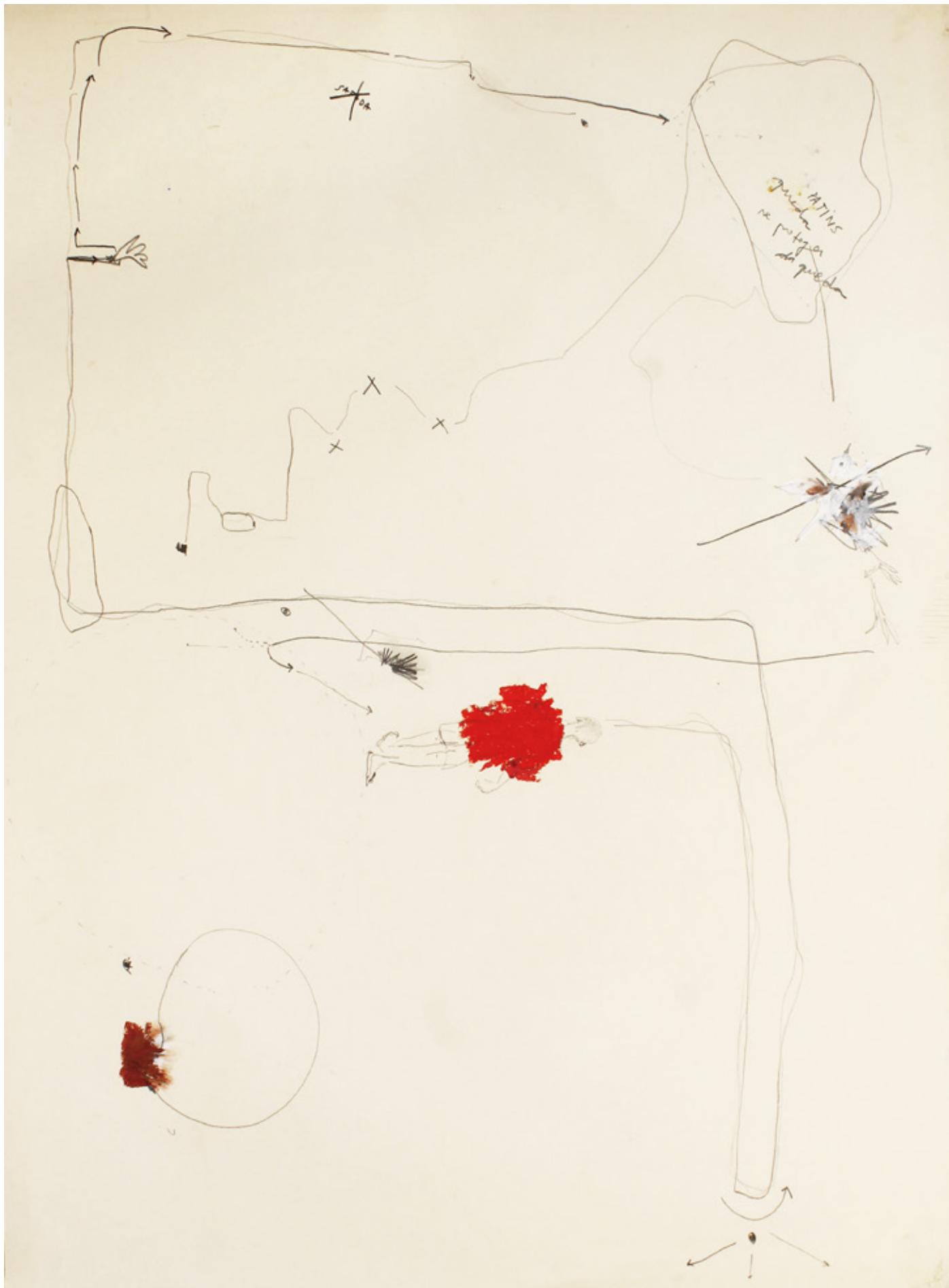


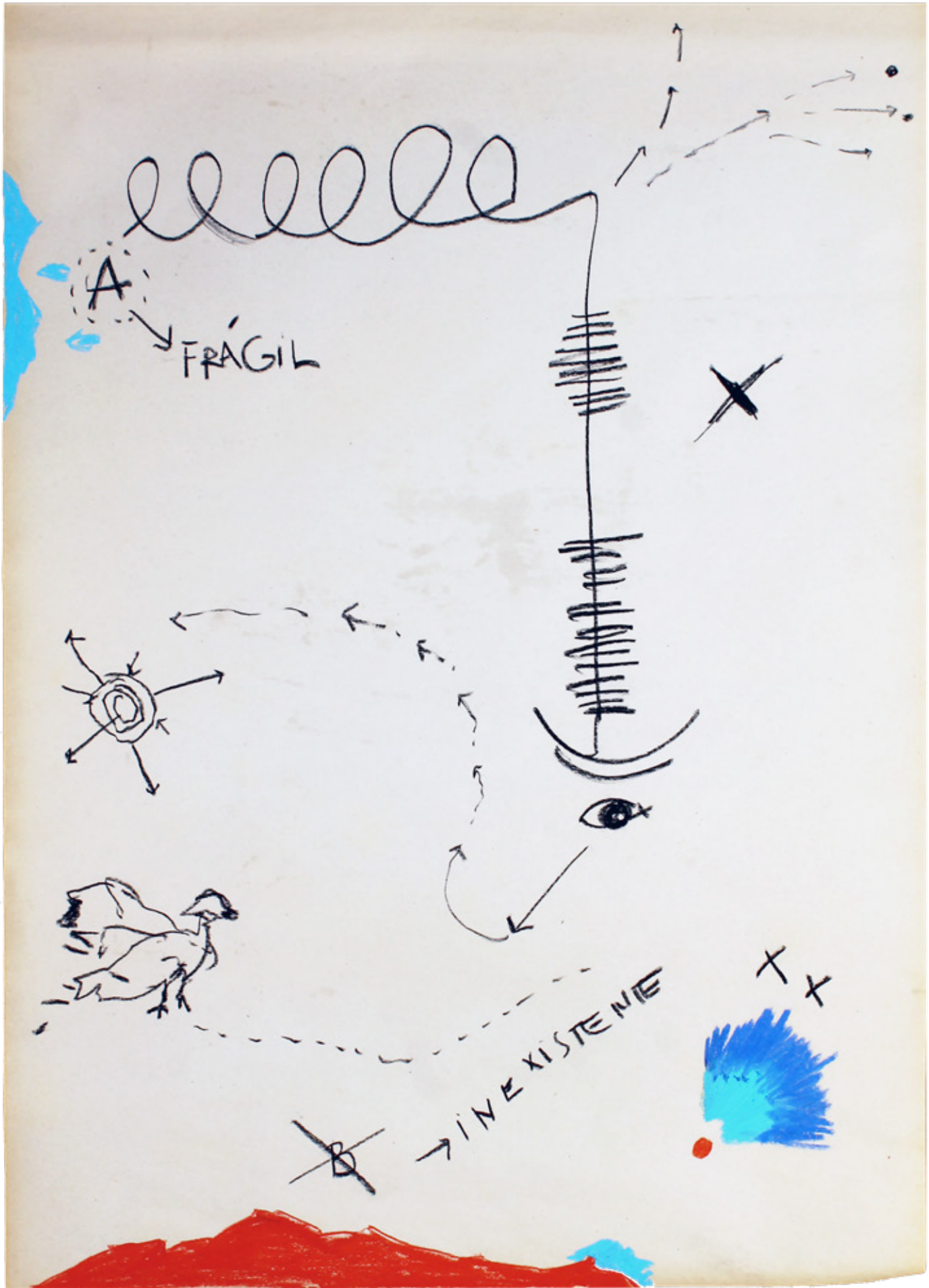












A

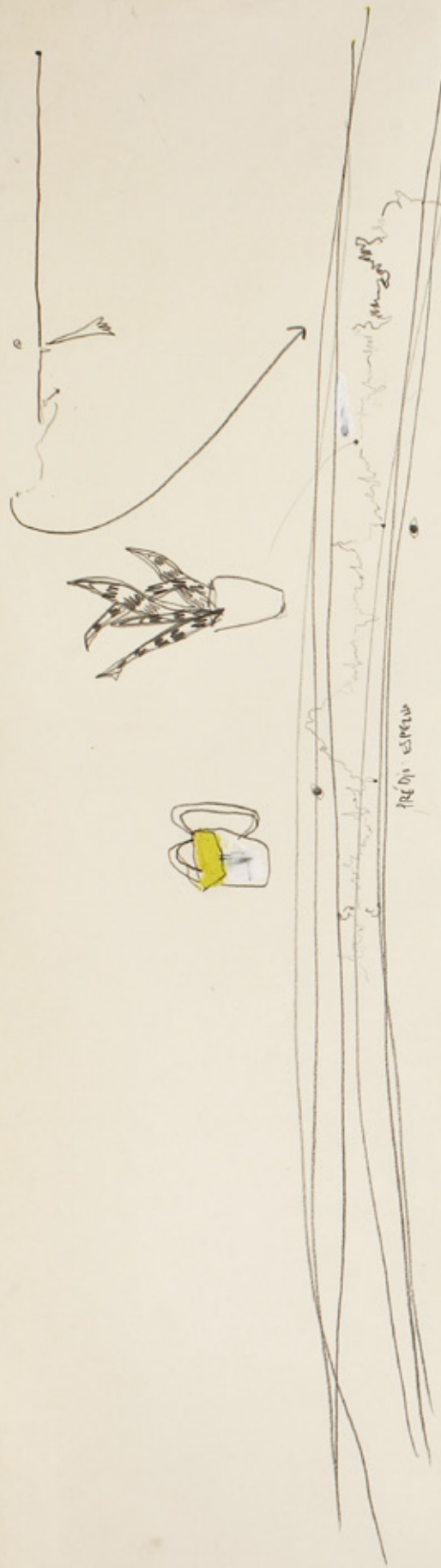
FRÁGIL

INEXISTENTE

~~B~~

+

+



LABORATÓRIO
(SEGURANÇA)

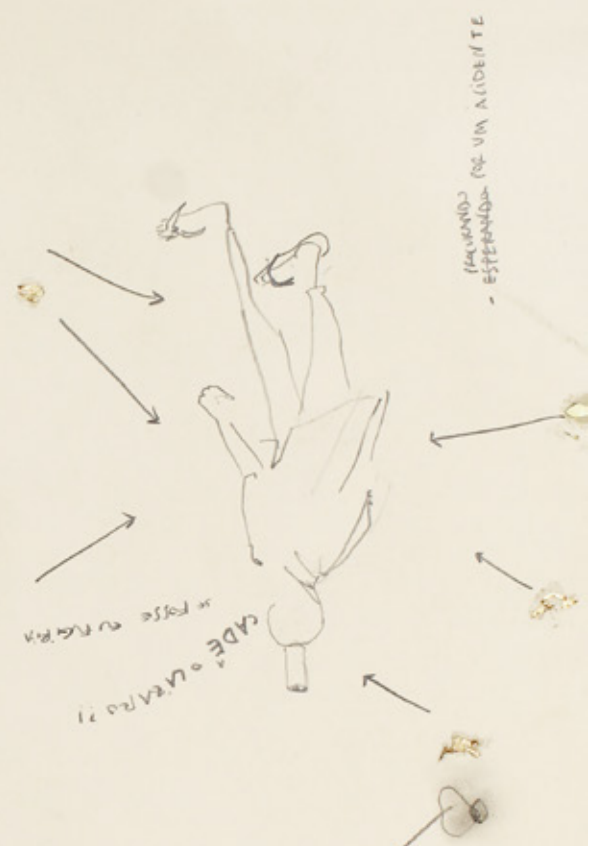
DESCOMBINAR DO CORPO



(3)

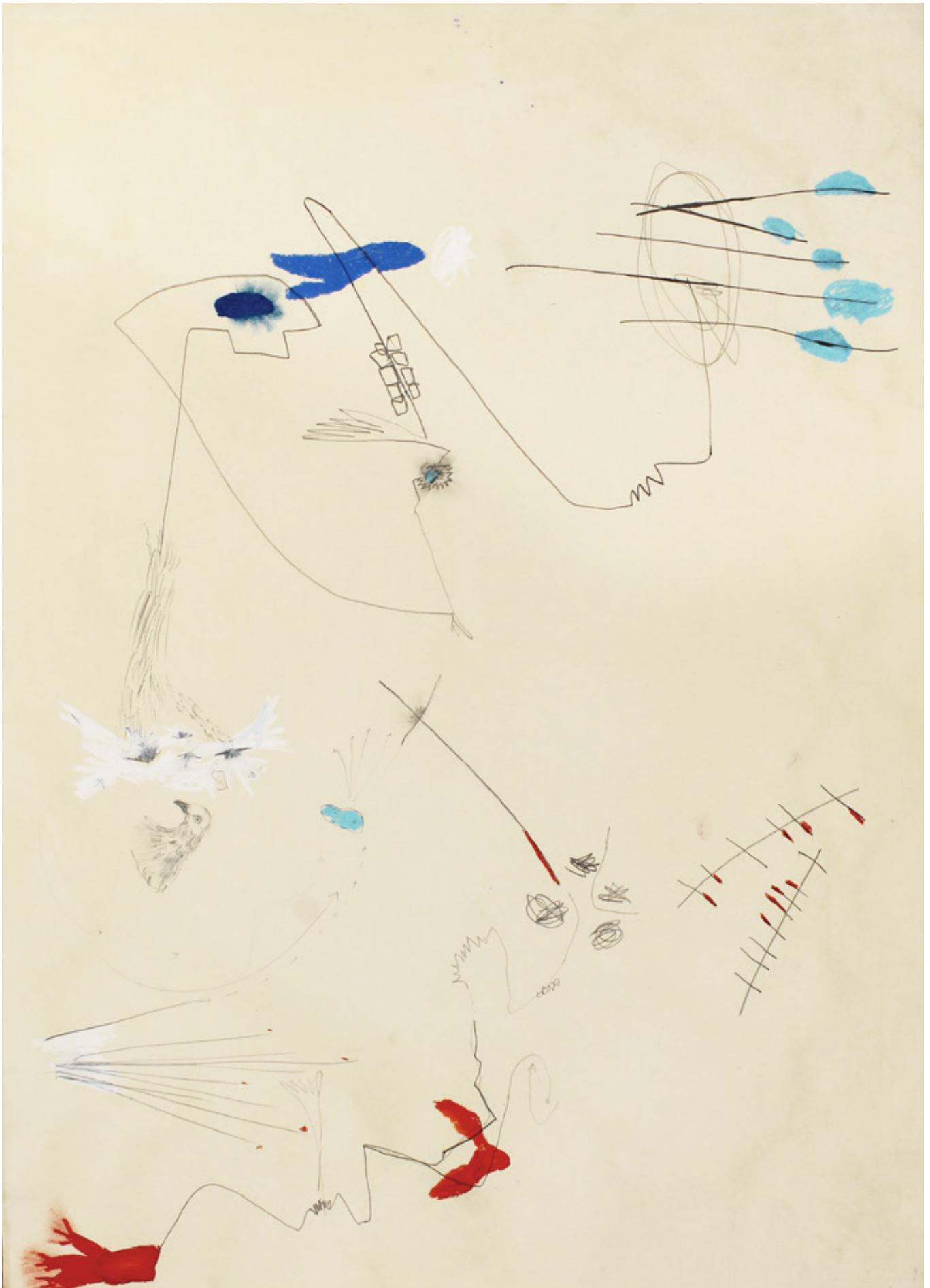


COFFEE SHOP

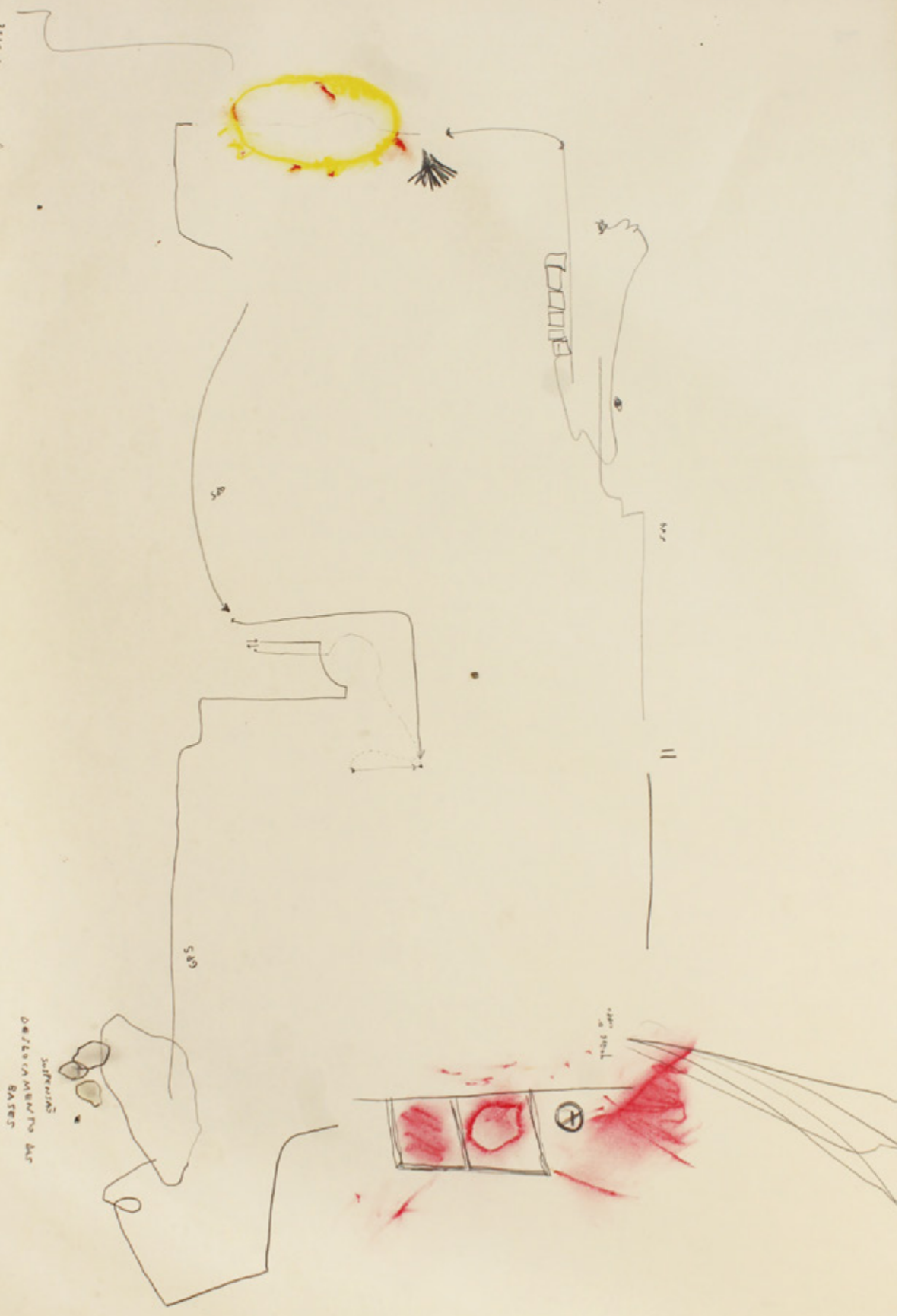


MANTENDO O EQUILIBRIO DE UM ACIDENTE

CADE' O CERVELO?
em posse de qual



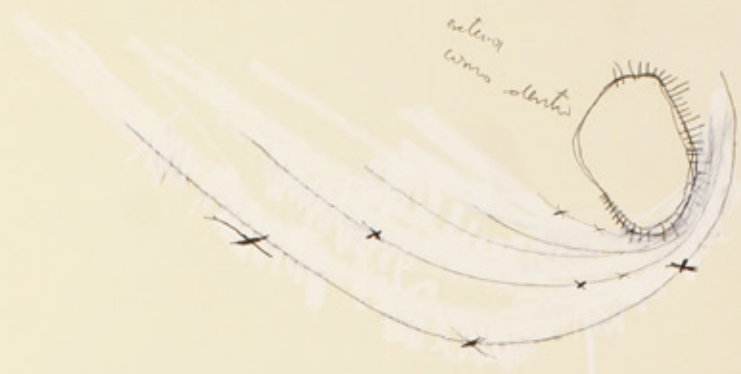
1915-16 papers found
on each part.



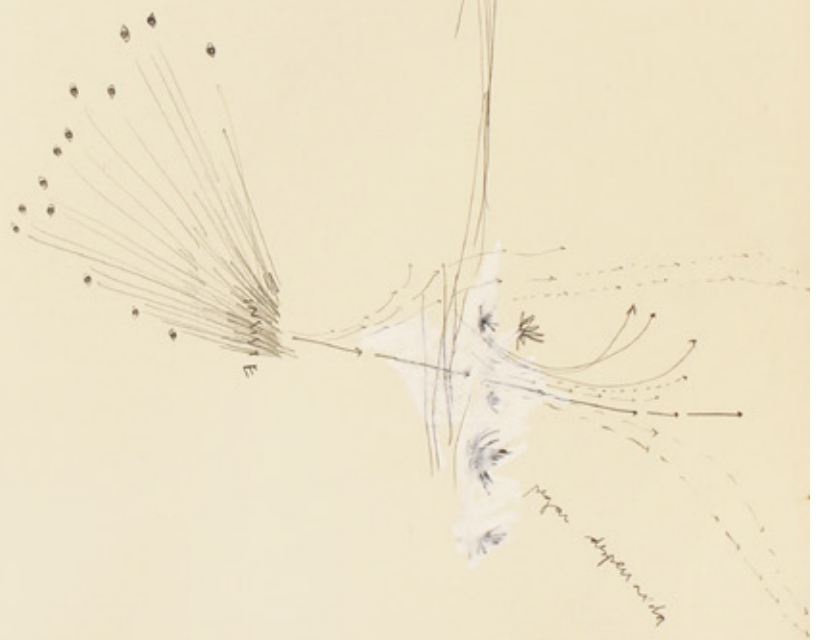
S.P. 1915-16 papers found
on each part.

S.P. 1915-16 papers found
on each part.

relax
wms abstr

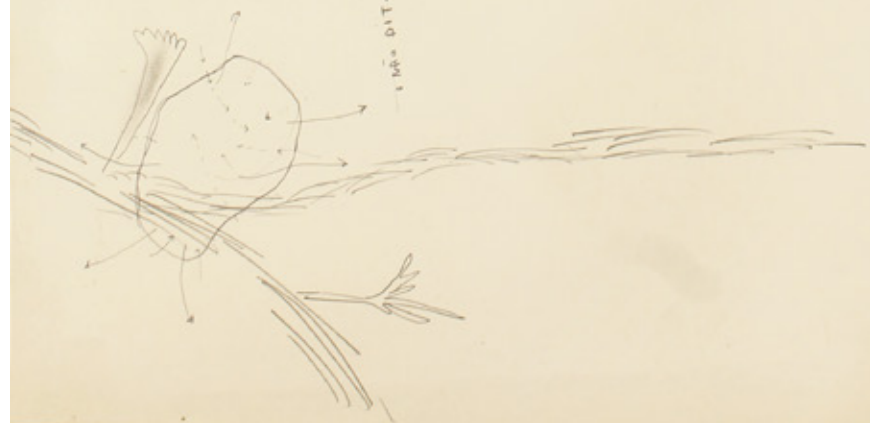


fur roller



paper
depression

1. 1/2 - 0.170





260 10/10
 1000/10
 1000/10

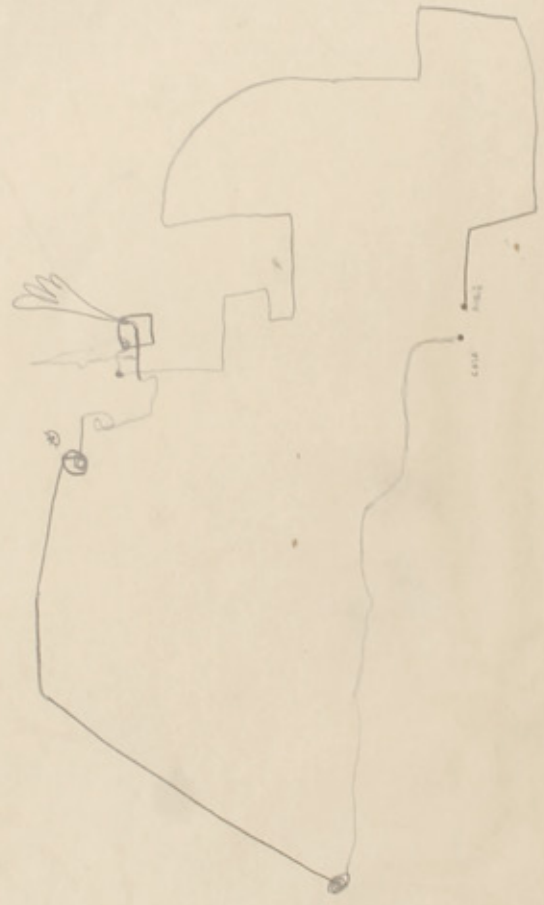


Amgvan = matrisia



reel
 "E" "L"
 reel

26.05.2021
2000 (Hindus 1000 -
Rajasthan - Solih
(Lahore) / want a table.





Handwritten scribble or mark.



Handwritten text: "DOK B" with an arrow pointing to the right.

Handwritten scribble or mark.

ESCRITAS VADIAS

a vida anda e nós também

Subverter requer colocar corpo e mente em ação, e isto provoca deslocamento. Portanto, não há alternativa senão a de começar e fazer. Mas como começar? É preciso começar fazendo por algum lugar, e a única pista que eu daria nesse sentido é: aprenda a se descalçar dos sapatos

1 XAKRIABÁ, Célia. *Amansar o giz*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117, 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/amansar-o-giz/>

usados para percorrer caminhos e acessar conhecimentos teóricos produzidos no centro. Deixe os pés tocarem o chão no território. Seus sapatos se tornarão pequenos e não caberão nos pés coletivos, eles apertarão tanto nossas mentes que limitarão o acesso ao conhecimento no território do corpo.¹

...²

Por meio de uma espécie de diário visual e discursivo, tento um modo de escrever *apoiado no corpo, no gesto e no rastro*.³ Entre relatos, anotações, reflexões, registros e experimentações, o ensaio compõe traçados, sobre folhas de papel ou sobre o chão, a partir dos trajetos feitos por mim ao longo de andanças *sempre*⁴ de minha casa ao meu lugar de trabalho [uma espécie de ateliê compartilhado] e vice-versa. Se trata do traçar do mesmo trajeto e seus possíveis desvios, escapadas e giros, que se dão ao cruzar outros modos de mover que me atraem e me desviam por sua natureza fugidia. Abrem caminhos em meio ao meu percurso mais trivial, a pequenas outras rotas, ainda que o ponto de chegada e de partida seja *sempre* o mesmo. Escrever pelos desvios; agir diante dos deslocamentos, que se tornaram tão reduzidos, tão restritos nesses últimos meses. A rua segue sendo o espaço que temos.⁵

2 Resumo.

3 PÁL, PELBERT. Linhas erráticas. In: *O avesso do niilismo, cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2016. p.299.

4 No início da pesquisa, os trajetos partiam sempre de um mesmo lugar e chegavam a outro também já definido. No percorrer da caminhada, o ponto A e B foram se dissolvendo. Agora, vejo a definição desses pontos como estímulo importantíssimo para o trabalho ter alguma base de apoio: essa estabilidade inicial foi muito útil, mesmo que depois fosse importante esquecê-la. Todos os desvios que aconteciam fora de A e B foram incorporados, já o que é relevante aqui são os desvios, e não o ponto de partida e nem de chegada. O exercitar do *caminhar vadio* se expandiu para além de um trabalho, e se contagiou com a vida.

5 Estávamos em 2019 quando este projeto se iniciou, no início da pandemia. Muitos evitavam qualquer tipo de deslocamento. O corpo muito confinado.

6 Apresentação.

...⁶

Suponho que seja necessário escrever aqui sobre um tal *fio condutor* que *amarra* todo o trabalho que se apresenta. Penso nesse fio como uma linha que não amarra nada, mas atravessa e caminha por todas as escritas aqui compartilhadas. Essa linha nada tem de contínua, reta, rígida ou resistente... estável. Isso fica claro para mim.

A linha que se desenhe aqui, essa que sai de uma escrita que envolve todo o corpo, é bem enfraquecida. Pode-se até dizer que é invisível. Não é forte como os trilhos de trem ou do risco feito por um lápis grafite que escreve o papel sendo pressionado com muita força. Essas seriam linhas que fazem um sulco na superfície do chão ou do papel e os marcam, deixando-os com uma espécie de cicatriz. Vejo a linha deste trabalho como algo mais próximo às ranhuras que fazem as unhas em meu corpo, quando as passo levemente sobre minha pele seca. Ou mesmo um risco no papel feito por uma criança com um lápis na mão, ainda sem muita força nos dedos. Estas linhas contêm momentos de silêncio, lacunas, espaços de vacância, que não desejam nem podem ser totalmente ocupados. Funcionam e existem como fragmentos, ainda que estes se relacionem e se intervenham.

Por meio de uma escrita dos pés, das mãos, do corpo todo, o ser humano produz linhas: ao andar, ao deixar pegadas no chão, ao riscar palavras e rabiscos em papéis em branco.⁷ Linhas essas que se contaminam e não se fecham, mas se diferenciam em suas provavelmente infinitas formas. E que fazem parte de uma tentativa de manter sempre em movimento – talvez seja esse o *fio condutor* dessa escrita: o movimento – as superfícies pela qual me locomovo neste trabalho: da página ao chão.

Manter-se em movimento se torna aqui possível, ao escutar outros seres moventes que me fazem perceber do solo um lugar sempre vivo e em construção. É por meio dele – o movimento como transformação⁸ e deslocamento [físico e da linguagem], que aparece aqui uma trajetória de invenções.⁹

...

Errar pelo costureiro, detectar os desvios, persegui-los, alcançá-los, perdê-los.¹⁰ Confrontar atentamente os movimentos de fuga que são encontrados em trajetos tão vulgares, tão comuns, tão ordinários. Movimentos que compõe a cidade e fazem parte do que chamo aqui, pegando emprestada a expressão de Hélio Oiticica, das *andanças de vadiagem*. Reencontrá-los, identificá-los, coletá-los, editá-los, cartografá-los. Degluti-los: vestir os desvios e incorporá-los. Instaurar algo. Espalhá-los, perdê-los novamente: fragmentos do chão, do caminho, do vagar, que façam parte de uma escrita da rua. Permitindo *resumir e entender novamente um território que se pensava sabido e, ao mesmo tempo, entender-se a si próprio outra vez*.¹¹

...

O percurso todo demorou mais ou menos uma hora e meia, levando em conta as pequenas irregularidades do trajeto. Caminhei até o metrô Faria Lima e não parava de me embaralhar com o chão

7 INGOLD, Tim. *Lines: A Brief History*. London: Routledge, 2007.

8 A transformação é um desvio

9 Invenção: ver uma coisa em outra.

10 Nota deslocada para próxima página.

11 DOS ANJOS, Moacir. *As ruas e as bobagens: anotações sobre o delirium ambulatorium de Hélio Oiticica*. São Paulo: ARS, 2021. p. 34.

12 Em quantidade.

e suas ranhuras. As marcas de pés, patas de cachorro, solas de sapatos, riscos indefinidos, nomes de amantes, palavras de evocação, tudo escrito nas calçadas. *O tempo de secar o cimento é o tempo de marcar muitas passagens...* me impressionei com a quantidade desses rastros que cruzei pelo caminho. Sai do metrô na praça da República e entrei na rua Barão de Itapetininga. *Já trabalhei por aqui*. É uma rua só de pedestre. Muitos camelôs, vendedores de ouro, panfleteiros, homens placa. São os homens que dominam¹² as ruas como ponto de trabalho. Mesmo com a pandemia em um dos seus momentos mais críticos até aqui, os trabalhadores, passageiros, observadores,

vadiadores, ocupavam a Barão da mesma forma que as formigas dominam minha pia da cozinha quando deixo ali um pedaço de comida.

Segui meu GPS que indicava uma direção: dizia que iria chegar em meu ateliê em 45 minutos. Levantei a cabeça, antes curvada para acompanhar a rota pelo celular, e vi, ainda nessa rua, um homem que se mexia de maneira tão improvável, que me atraiu em meio àquele excesso de gente. Vestia uma camiseta vermelha e caminhava sentido oposto ao que eu estava indo. Andava muito, mais muito rápido mesmo, e com um *gestuário* que indicava que tinha muita certeza para onde ia. Sem vacilar seu passo, devorando o espaço pela agilidade do seu movimento. Pensei de princípio: *se ele fosse uma linha seria como uma flecha bem direcionada*. Uma linha reta e de espessura mediana. O corpo dele era um pouco curvado para o chão. Vestia chinelos havaiana; bermuda e máscara de estampa militar. Fiquei inquieta com aquele andar tão decidido, tão certo. Hesitei um pouco ao mudar minha rota, até ela mesma se dissipar e desaparecer de minha mente. Girei sobre meus calcanhares e comecei a segui-lo.

Senti um certo medo de me perceberem.

Senti outro tanto de medo ao me dar conta de que alguém poderia me perseguir também.

Tive que acelerar o passo para acompanhar aquele homem que caminhava com tanta confiança e com tanta pressa para chegar ao lugar que fosse. Sem saber seu ponto de partida, nem onde queria chegar [caso queria chegar], me perdi e me embaralhei nesse deslocamento. Enquanto o acompanhava, percebi que sua linha já não era assim tão clara e rígida. O homem parava sem aviso prévio, sem dar nenhum sinal que ia interromper seu fluxo – para olhar uma loja, o chão ou mesmo só olhar para trás. Encontrei uma certa insensatez em sua existência refletida em seu passo. Uma insensatez que não me pareceu proposital, senão inata à experiência de caminhar daquele corpo um pouco curvado e *diferente*.

Depois de algumas dessas paradas abruptas, segui andando com passos firmes e ágeis. Virou à direita na rua Gaspar e logo na frente do Sesc 24 de Maio, chegando na próxima rua, deu meia volta – contornando as tendas grandes de camelô que dividem a rua – e voltou decidido para a rua Barão de Itapetininga. Fez uma rotação perfeita, sem perder o ritmo, sem hesitar, sem demonstrar nenhuma intenção visível. O perdi. Fui pega de surpresa por aquela mudança de direção quase que involuntária, ou ao menos indecifrável. Seu corpo não me indicou nem por um instante a intenção desse movimento.

O que diferencia a sensação de se perder por um mapa [fixo e visível em tempo real], do que se perder por passos desconhecidos que percorrem o chão instável da cidade?

Entrando na Barão, logo virou à esquerda. Permaneceu a andar reto, atravessou a ponte, passou pela Praça do Patriarca, rua Direita – até chegar na praça da Sé. Era o meu sentido para o ateliê também, exatamente o mesmo. Meu GPS e o homem agora se encontraram em uma mesma linha, pela qual eu percorria também. *Três linhas que se emaranham.*

Nesse caminho, segui esse homem [errático, talvez?] até um momento em que ele parou de novo – inesperadamente – e virou para perguntar para um homem que vendia óculos em uma barrquinha exposta na rua. *Só pra saber. Só pra saber tá. Quanto custa esse Ray Ban? Só pra saber moço. Só pra saber tá.*

Quase nos chocamos.

Esquivei rapidamente para evitar uma trombada indesejada e segui. Não pude parar ao mesmo tempo que ele, porque assim ficaria evidente que o estava seguindo. Me interessava não ser percebida por ele e por ninguém, para não abrir em mim uma noção de julgamento que o outro causa em nós, se é que isso já não estava instaurado.

Tive que continuar andando até que o moço abandonou a tenda de óculos, e veio seguindo logo atrás. Eu estava na frente, mas queria seguir alguém que vinha chegando pelas minhas costas. Inversão de papéis.

Com seu passo apressado, logo me ultrapassou. Andava pela calçada, pela ciclo faixa, entre os carros, não se importando com as regras da rua e suas sinalizações. Chegando na Sé, o homem desapareceu e dessa vez não o reencontrei. Perdi seu fluxo... tinha uma multidão de gente na praça, fazia tempo que não via tantos corpos juntos. Muitos moradores de rua acampados, e assim como na rua Barão, muito trabalho informal que ocupa as calçadas e a praça. Gritando e entregando panfletos, insistindo que entrássemos dentro das lojas abarrotadas de objetos e pessoas.

Nas escadarias da praça que dá entrada a Igreja, uma multidão de homens – e algumas poucas mulheres – sentados. Parados. Olhando para frente... *sem pressa, sem compromisso.*

Foi na praça que me abriu, mais uma vez, outra pequena rota dentro da mesma rota. Dessa vez por poucos minutos. Quem sabe não foram segundos? Uma menina aprendendo a andar de patins e sua mãe, de patinete, estava conversando com ela sobre a queda. Como ela deveria cair quando caísse, – *porque alguma hora ela iria cair. O lance era aprender como.* Elas vieram patinando até entrar em uma das barracas estendidas na praça, junto a um homem rindo, com vários patins em volta.

Continuei andando e retomei meu GPS. Subi pela lateral da praça, cheiro de cocô. Vi um homem brigar consigo mesmo, mexendo freneticamente os braços e o rosto. Andava dando curtos, mas rigorosos passos para trás.

Na calçada, cruzei com uma pequena pomba branca ciscando o chão e se movendo devagar, até que ela resolveu pular a guia e se aventurar pelo asfalto. Te juro que em menos de um segundo um carro passou por cima dela e a atropelou. *Senti que aquele animal morto ali, precisava de um rito que não soube fazer. Não tinha muito tempo. O tempo naquele instante era ditado pelo relógio apressado do chão, feito do som dos passos rápidos que me cercavam ao tocarem no solo, e de pessoas cheias de observações e julgamentos. Penso sempre naquilo que nos olha de volta... e isso muda minha forma de ser e estar no mundo. Às vezes me potencializa e às vezes me limita – até aqui, muito mais a segunda opção.*

Pomba atropelada: gritei. Levei as mãos à boca e olhei para o lado tentando encontrar mais algum rosto em choque como o meu. Ninguém mais viu... só eu. *Em um segundo...* fiquei abalada e fiz uma pausa para aquietar. Me lembrei do que Francis Alys falou sobre o artista estar sempre esperando que um acidente aconteça. Uma pomba atropelada: *um trabalho por acidente*. A partir dali não sabia muito bem qual o caminho deveria fazer. Enfraqueci a distância entre meu pensamento e corpo, que às vezes se faz longa.

Fui seguindo e me perdendo da rota que o GPS indicava ao ateliê. Observei uns cachorros brincando. Não quis parar... continuei, me perdi, segui de novo. O GPS me mandou virar em umas ruas que não tive coragem de descer. Uma muito vazia, uma rolando um enquadro bem violento. Outra com um grupo de homens encostados em um poste, que me encararam e me inibiram de passar por lá sozinha. Na quarta rua indicada, me senti segura por seu movimento mais agitado, e segui. Senti medo de novo nesse resto de percurso. Senti medo, antes também, no metrô: pelo vírus.

Cheguei no ateliê logo depois.

Sentei em minha mesa e fiz um rabisco do caminho até ali. Resolvi riscar com um prego que estava apoiado na mesa, uma folha de lixa preta que comprei em uma loja no caminho. A mesma loja que o moço da camisa vermelha também parou — para elogiar. Notei os versos das folhas de lixas, que contém flechas de diferentes formatos, indicando a direção do movimento para usar a lixa *corretamente*.

Movimento, superfície, sentido.

...

Em uma trajetória costumeira, que mais parecia um caminhar vadio, se esboça uma escrita. No traçar do corpo, apareceu coisa como uma ranhura, um risco, uma linha: o caminho do pé que se move, desenha a superfície do chão, assim como o chão desenha o caminho do pé. Entre o percorrer das trajetórias e contato com o solo, entre o emaranhamento de linhas, das mais rígidas às mais flexíveis, acontece uma escrita. Por um movimento do corpo, se faz algo de rastro e mistério. O que fica são as linhas de uma cartografia sobreposta: o chão desenhado e demarcado decorrente de um projeto bem articulado, somado ao traçado dos corpos que também escrevem a superfície do chão [e vice-versa].

Em minhas andanças de casa ao ateliê e do ateliê à minha casa, seus registros e pensamentos, se inventa o que quis chamar de *escritas vadias*. *Uma escrita corporal deflagrada pelo embate direto e imediato com o mundo*,¹³ que se faz sem necessidade de encontrar ou criar uma arquitetura do trajeto extraordinária. Muito pelo contrário: jogar com os fragmentos, materiais, gestos, rastros do cotidiano da rua, do movimento casual do comportamento humano. O único meio como ponto de partida possível para as *escritas vadias* aqui experimentadas, trata-se de transfor-

¹³ *ibid.*, p. 23.

mar os alinhamentos comportamentais e a superfície do chão por onde passamos e vivemos [o que somos], através de suas próprias leis, por meio de proposições abertas e inconclusivas que em algum lugar questionam o condicionamento do corpo e da imaginação. Coletar esses fragmentos e gestos, e também instaurar novos deslocares e materialidades, cores, vestígios, em uma rota que não seja excepcional. Uma rota possível, factível por diferentes corpos: comum. Não acredito que tais *andanças de vadiagem* façam parte de uma experimentação de deriva, ingressando assim, para as caminhadas situacionistas. Ainda que esses modos de escrita – de *vadiagem* e de *deriva* – tenham pontos de convergência, penso que muito se distinguem quando, digo mais uma vez, não se tratar aqui de um extra vagar, de andar por rotas improváveis e aleatórias, perseguindo o acaso. Mas pensar e propor invenções de rotas em uma *mesma* rota. Do ponto A ao B. Ou do B ao A. Sendo que o B e o A não se alteram. Não explorarei, nas andanças, as mais diversas localidades de São Paulo. Descubro cada vez um pouco mais o corpo e suas escritas, o chão e suas ranhuras, *as ruas e suas bobagens*,¹⁴ no trajeto mais comum, mais corriqueiro que faço. Vale dizer que a própria ideia de um ateliê fixo e estável parece absurda aqui. Todo o trajeto se faz ateliê. [*Ideia do ateliê errante... ou "sem lar"*].¹⁵ Trabalhar em trânsito ou até mesmo *trabalhar por acidente* exige todo um engajamento do corpo.

...

Andanças que perseguem escritas corporais que escapam às normas usuais de regulação de corpos e seus deslocamentos. As cartografias, os registros, as caminhadas diárias são uma descoberta das múltiplas e possíveis danças dos corpos, a procura dos desvios e de *escritas vadias*, vagas, erráticas, como exercício *descondicionador de códigos reguladores inscritos nos corpos*. São responsáveis também por fazer aparecer um modo de caminhar que se contraponha ao excessivo desenho do chão, cheio de regras e de linhas traçadas por um projeto que apaga tudo o que não compreende ou domina, que existe para alinhar maneiras de se movimentar em sistemas fechados. Um projeto que nos diz o tempo todo *aqui não, aqui é assim. Pare. Devagar. Entre com cuidado*. Legitimando uma forma única de mover – mais determinada e menos aberta – e portanto, de existir. Outras maneiras de se deslocar pela superfície do chão se tornam ilegítimas, não oficializadas, desobedientes. *Ainda bem que, ainda assim, existem*.

Pode até parecer que esses pequenos desvios do trajeto comum, feitos por movimentos que se instauram de maneira particular e me atraem por sua *liberdade* ou pela dificuldade em compreendê-lo totalmente, constituem-se por acasos, do único, inusitado. Posso estar errada, mas não enxergo assim.

¹⁴ Referência direta ao título do artigo de Moacir dos Anjos, citado anteriormente.

¹⁵ *ibid.*, p. 32.

Insisto aqui na criação da vida comum, por um descobrimento e exploração experimental da escrita, através do corpo e do gesto corriqueiro. Os modos de escritas são muitos e múltiplos: os que aqui me desviam se referem sim a algo distinto da maioria

que andam pelas vias comuns e que seguem direcionamentos impostos. Mas não são extravagantes dentro deles mesmos. Parecem naturais a esses corpos, incapazes de terem seus movimentos e escritas reduzidas pelas vias de regra. Pelas linhas duras e fixas.

O que vem a acontecer nessas constantes e cotidianas andanças é que elas não se fazem e não procuram ambientes desprovidos de moralismo e de regra. Acontecem dentro das leis e alinhamentos disciplinares de uma cidade já tão fragmentada, e perseguem corpos incorporados, vadios, que fazem seu andar no vagar pelas linhas de divisa, e não *fora* delas. Não em uma terra sem regras e governo, mas no centro da cidade de São Paulo. Bem *visível*, bem controlado e controlador.

...

Enxergo a superfície da cidade de São Paulo como um documento que foi escrito e apagado inúmeras vezes:¹⁶ entendo o chão como um imenso território estético e discursivo, que é constantemente riscado por linhas traçadas pelo rastro de nossos pés. Mas não só. Talvez possa me arriscar a dizer que o que desenha a cidade de uma forma muito mais dominante são outros produtos humanos que também são considerados aqui, modos de escrita que inscrevem a superfície do chão. São linhas que partem de um projeto muito bem estruturado: as linhas de divisões, linhas de fronteiras, visíveis [nos mapas ou no chão], desenhadas *sobre* o território. Como as estradas, as cercas, os muros, as divisões entre propriedades, ou até linhas que vieram de tratados coloniais e projetos do urbanismo moderno.¹⁷ Todas estas, fazem parte de uma escrita ocidental e colonial, de uma ação consciente e decidida, que fragmenta o território para maior controle sobre os diferentes modos de se deslocar pela terra. Acredito que *essas também são as letras e palavras inscritas na terra*.

Palavras essas que criam um mundo onde o território é entendido como *coisa* a se tomar posse. E não como *continuidade*. São *escritas da propriedade*.

...

Escrever move espaços... o corpo sugere fazer vibrar a escrita pelo seu gesto. Vagar pelas linhas divisórias da cidade: trabalhar nas zonas de fronteira e tornar ela menos fronteira. Menos divisora e reguladora do que seria o *dentro* e o *fora*, mais uma zona intensa de fluxos vadios, erráticos. Fazer da linha divisória uma zona de calor. Onde a intenção não é se ter corpos capturáveis e contornáveis, mas flexíveis e lábeis. Escrever espaços que se estabeleçam por sistemas de fluxos e identidades fluídas. Sistemas instáveis, linhas que não se fecham.

16 Assim como Ingold vê a superfície da cidade de Londres.

...

17 A própria cidade de Brasília, símbolo do modernismo brasileiro.

Fazer da *linha* de fronteira uma *zona*.
[*zona* em seu duplo sentido].

...

Voltando a pé do ateliê até minha casa, vou correndo os olhos pelas linhas que separam as duas faixas da ciclovia pela qual me locomovo. A faixa amarela – às vezes contínua, às vezes pontilhada – que se estende persistente por toda a ciclovia, separa os ciclistas que percorrem fluxos opostos. É raro circularem apenas pessoas que estão de bicicleta. Também percorrem por ali gentes que estão para caminhar e correr, assim como eu. Reparo há um tempo que a maioria dessas pessoas fazem sua trajetória *sobre* essa linha amarela que separa os dois fluxos opostos. O caminho se faz *entre* os dois movimentos distintos. Corredores e caminhantes que fazem seu percurso sobre essa linha, não estão *exatamente* sob a regra das setas desenhadas no piso das zonas que se separam por ela. Nessa linha não existe flechas que indicam a direção permitida. Acho que é por isso que acabam se movendo, ali, nos dois sentidos possíveis.

Olho para o cara que corre estranho por ter algum tipo de lesão na perna esquerda, para a menina que anda distraída com fones de ouvido cor de rosa ou para a moça que decidiu parar para beber água exatamente sobre a linha central, estabelecendo um ritmo outro do que acontece nas duas faixas da ciclovia. Penso que talvez aquela linha exista como uma zona, uma mancha. Uma zona muito particular dentre tantas outras: um lugar, aquele que sempre procuro em meu dia a dia, onde as regras que se estendem pelo resto de chão da cidade não existem, não funcionam, não dominam ou simplesmente não são tão definidas. Ainda que a intenção não tenha sido essa, não há um controle claro sobre os corpos ou um alinhamento disciplinar muito específico exatamente *dentro* das linhas divisórias. Faço a conexão com os muros que dividem cidades ou países, como o do México e Estados Unidos. Se um dia eu subir naquele muro e ficar sobre ele, em qual país estarei? Sobre qual código de leis devo me fundamentar para movimentar meu corpo e minhas ideias? Ou mesmo a linha imaginária que divide Estados Nações... não precisa ser um muro, mas talvez um rio, uma placa, um solo comum. Se eu ficar exatamente na linha, no espaço entre... imagino que não pertença a nenhum lugar ou a lugar algum. EM CIMA DO MURO.

Uma brecha... e se eu sentar em algum ponto de uma cerca fincada na terra, ou mesmo se plantar uma árvore sobre a linha de terra divisória de dois terrenos, esperar essa árvore crescer, subir nela e ali ficar, como o *Barão das árvores* de Ítalo Calvino... quem poderia me tirar dali? *Com que direito?*¹⁸

De certa perspectiva, me parece injusta a conotação sempre pejorativa que denominamos ao classificar alguma gente, opinião ou atitude como “em cima do muro”: como alguém que não se posiciona suficientemente para estar nem de um lado nem de outro.

Não poderia ser: estar de um lado e de outro?

Segundo o primeiro dicionário que encontrei no Google, estar *em cima do muro* significa *não tomar posição em questões importantes, normalmente para não assumir responsabilidades ou não se expor à crítica: para fugir de polêmicas, os principais*

18 *quidis* júris? Questão central do pensamento de Deleuze sobre a filosofia e seus fundamentos. LAPOUJADE, David. *Deleuze e os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2017. p. 5.

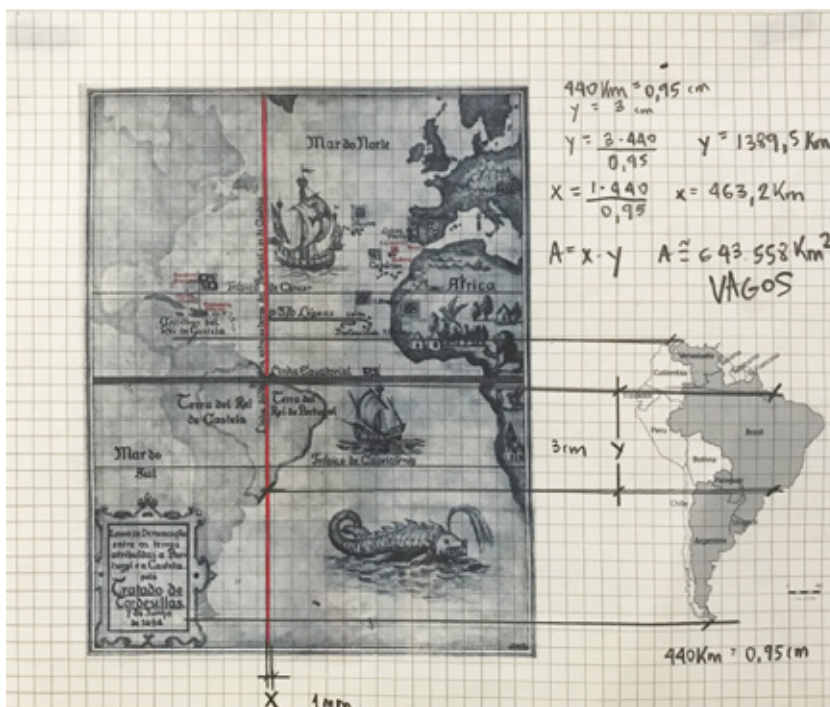
interessados acharam melhor ficar em cima do muro. Só que aqui pensando, agora-agora: estar em cima do muro, quando se pensa assim, literalmente [geograficamente, espacialmente?] estar sobre a linha que separa uma pista da outra da ciclovia talvez seja uma opção muito sagaz: é optar pelo vazio, pelo *vagar* [em seu infinitivo]. É uma zona de difícil controle, porque não pertence a nada muito especificado, nada nem ninguém muito definido, ainda que contraditoriamente, faça parte do projeto que busca, com sua rigidez da forma, conter os movimentos dos que ali passam. É um lugar *vago*, no sentido de ser cheio de intensidades e potências a se criar. Um espaço virtual, um lugar do possível. Um lugar onde quem está ali cria a própria regra de movimentação, de deslocamento. Onde a palavra regra não faça muito ou nenhum sentido.

Muitas das linhas traçadas que dividem nossos territórios são tão imaginárias,¹⁹ que me permito permanecer nesse meu devaneio particular. *As linhas de fronteira como territórios vagos.* Uma brecha no sistema.²⁰ Um lugar possível onde a imaginação corra solta, onde o corpo se movimenta como quiser... indomável.

Poder seguir em cima do muro. [o muro como uma linha].

19 A primeira *linha de conquista* feita sobre um mapa que consigo me lembrar, foi desenhada sobre o território que hoje identificamos como Brasil: a linha imaginária do meridiano de Tordesilhas. Riscada no papel com uma caneta vermelha, seu bico tem uma grossura, e traça no papel uma linha com certa espessura. Talvez o pessoal que estivesse envolvido nesta ocasião não tivesse percebido na época, mas vejo uma fresta nesse Tratado não especificada. Todo o território por onde essa linha divisória passa, exatamente ali: é de quem? Qual o tamanho dessa zona?

20 Ricardo acha que não. *Lógico que o capitalismo já deu conta de dominar todas as frestas, todos os restos.* Em termos práticos, ele tem razão, mas e simbolicamente? Pensar a linha como espaço, como mancha, expandiu os terrenos para essa minha escrita existir em movimento.



...

Deambular pelas bordas... não existe um centro estável nessa linha do percurso.

Ir pro centro pra não ser menina boba que só fica no canto. Ir pro canto para não ser menina boba que vive só no centro.

No limite, não há lugar possível, e o importante é deambular pelas margens, se deixar perder nas encruzilhadas – sejam elas decorrentes de um traçado urbanístico projetado ou mesmo improvisado, de linhas que se produzem por escritas de divisa, ou até as escritas erráticas, desviantes, fugidias. Parar alguns instantes no trajeto. *Não ocupar um lugar específico, no espaço ou no tempo [...] Essa escrita é ela mesma composta de palavras encontradas, apropriação de achados ... uma tentativa de torção entre o dentro e o fora. O espaço como terreno de subversão.*²¹ Lembrar que para subverter, como sugere Célia Xakriabá: *comece tirando os sapatos.*²²

...

A ideia de progresso pressupõe algo como andar para frente. Em um tipo de ritmo, de direção. Acredito que em algum momento da história, a noção de progresso teve algum significado e importância, mas esse sentido se perdeu... basta olhar para os lados. Penso que essa perda de sentido pressupõe repensar temporalidades e direcionamentos. Aprender a olhar ao redor, e não só olhar para frente. *O tempo e o espaço como algo não linear.*

Setas em diversas direções. Cruzamentos.

O que se coloca aqui, nesse caminhar inventivo, é reaprender a se movimentar... aprender a andar com os joelhos destravados... a olhar pelo canto do olho. O que se vê assim, são *figuras periféricas*. Então a figura periférica se torna visível, e agora, se torna central.

Seres que eram periféricos em meu caminho, ocuparam um lugar importante em meu trajeto.

21 Catálogo da exposição realizada no MASP, 2020. *Hélio Oiticica: a dança na minha experiência*. p. 32.

22 XAKRIABÁ, Célia. *Amansar o giz*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117, 2020.

23 *Entrevista a Hans-Ulrich Obrist, janeiro de 1995*. In BOURGEOIS, Louise. *Desconstrução do pai, Reconstrução do pai*. Escritos e entrevistas 1923-97. Cosacnaify, São Paulo, 2004. p.288.

imagens páginas 101-102: escaner de versos de lixas comuns. As setas indicam a direção em que se deve movimentar as lixas sobre a superfície a ser lixada.

Em minha vida, aqui. Nesse período. Essa ideia me interessa muito... a oscilação entre centro e periferia, entre aparecer e desaparecer. E acho que isso vem muito do deslocamento. Se sempre estamos no mesmo lugar, o centro permanece estável. Não gosto disso... não tem mistério e magia. Não tem poética. *Acho que nós reconstruímos essas figuras periféricas por meio do nosso desejo de retificar. As figuras periféricas formam uma espécie de rede entre si mesmas; a rede tem a ver com uma certa data porque tudo aconteceu junto, um laço se une a outro. Se você puxar, tudo se desfaz, como renda.*²³ Não acho que encontrei com essas pessoas periféricas por acaso. Encontrei porque estava desgarrada. Algo que podia ser muito insignificante toma uma grande importância... e isso não é pouca coisa.

Nas pessoas periféricas há sempre a ideia de potencial latente. Talvez esse encontro provoque algum desvio revigorante, talvez não. Tudo depende do potencial.

P220



21



P220



AA120

AA120

AA120

A120

120

120

20

20



LS 309 X



CS 912
CS 912
CS 912
CS 912
CS 912
CS 912
CS 912
CS 912
CS 912
CS 912

UNITY
CS 311
CS 311
CS 311
CS 311

AA120
AA120
AA120
A120
A120
120
120
20
20
0



LS 3

Nos caminhos, também percebi que não existem só seres periféricos. Existem edifícios, lugares, situações periféricas. Quantas vezes passei por um mesmo lugar sem dar importância a um estabelecimento. Como a loja de calçados do vendedor Leo. Agora não passo lá, sem parar para conversar; os prédios espelhados da Faria Lima mexem comigo, me fazem querer andar mais cheias de articulações²⁴... observando o movimento nos vidros espelhados da Avenida...; o lugar onde a pomba morreu atrai meus olhos. Um ponto qualquer no asfalto de São Paulo, não é mais tão qualquer assim. Nesse olhar mais demorado, posso perder algo que se passa pela esquerda, numa simples virada de pescoço. Acontece... a vida é assim, os trajetos são assim.

Movimentos periféricos não estão no nosso foco de percepção por não nos levarem *para frente*, em direção ao *futuro promissor*. São maneiras de mover de pessoas que, talvez – sem perceber –, caminhem no limite do que é legal e ilegal, porque os mapas da legalidade não são tão óbvios assim.

São esses seres e seus movimentos erráticos, ou que beiram o errático, *que são as matérias que me ensinam a existir mais próxima a mim*. Que me ensinam a abrir mão da ideia de uma identidade fixa e estável, e me libertam de mim mesma: me ensinam a me multiplicar.

A noção de identidade como um pião que tem seu eixo de rotação em um cruzamento, em uma esquina, em uma quina. Onde todos os pontos se convergem, mas também se expandem e apontam para quatro ou mais caminhos. A identidade que se faz como todas essas possíveis rotas, em que todas se fazem caminho. Onde se pode ir pra frente, pra trás, para cá e para lá... crescer por todos os lados, com todos os lados, ainda que em contradição. Aceitar nessas identidades o que não se entende totalmente e onde não se finaliza uma compreensão total dessa linguagem, onde tudo é e não é.

...

outras pessoas pensam,²⁵ outros pés caminham.

Pés escutam, veem, pensam, marcam, sentem, farejam, tropeçam, deambulam, giram, correm, sofrem, coletam, destroem, flertam, contaminam, experimentam, sabem. Gosto de escrever com os pés pois eles são também espontâneos e tem uma vontade própria, se os deixarmos seguir. Pensar com os pés... como os pés.

24 Esse sentimento reflete o encontro que tive com um homem que andava-dançava se olhando nos vidros espelhados dos prédios da Faria Lima. O relato desse percurso e desse encontro estão nas páginas 194–195.

25 Alfredo Jaar, *Outras pessoas pensam*, 2012. imagem página seguinte.

...

Cada material produzido neste trabalho, carrega parte do território desta pesquisa. Vale dizer da noção de território, não como chão, não como terra, não como cidade desassociada

do corpo. Acredito ser importante falar sobre o embaralhamento das noções do corpo e território, que se faz nessa pesquisa. Além disso, de como essa maneira de enxergá-los nos faz existir em movimento. Toda essa reedição de modo de compreendê-los está em constante andamento, e se faz possível ao escutar Célia Xakriabá e outros muitos seres que pensam de maneira não ocidental. Entender o território não apenas como lugar de morada do corpo ou de seu deslocamento, mas também como próprio corpo. Corpo-território. *A intelectualidade indígena não está apenas na elaboração do pensamento que acontece na cabeça. Está na elaboração do conhecimento produzido a partir das mãos, das práticas e de todo o corpo. Todo corpo é território e está em movimento, desde o passado até o futuro.*²⁶

Pensar a escrita que se distribui e acontece pelo corpo todo, um corpo em deslocamento, é uma tentativa de ampliar a noção da escrita e tudo o que a envolve, escutando outras maneiras de se relacionar com ela. Não para copiar certos modelos, mas para iluminar certas práticas ainda muito associadas ao modelo ocidental – dilatar esse modo de escrever e seu gesto; alargar as linhas que emergem da escrita. Desenhar as superfícies de inscrição, sem dominar, sem dividir, sem categorizar o território e as relações que o compõe. Por meio das andanças de vadiagem, manter um passo que visa nos construir como *corpo-território em permanente processo de [re]territorialização – abertos, portanto, a uma historicidade que deve ser reativada pelas memórias que nos ensinam não só sobre o passado, mas também sobre o presente e o futuro em que continuaremos a ser corpo [re]territorializado.*²⁷ A ideia é enunciar em voz alta a escuta do corpo. A tentativa de pensar junto com os pés, as mãos, os joelhos, tornozelos, as dores musculares, enjoos, unhas dos pés, e também com a cabeça e,

26 XAKRIABÁ, Célia. *Amansar o giz*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 - 117, 2020.

27 *ibid.*

28 *ibid.*

29 XAKRIABÁ, Célia. *Série Mulheres Cientistas*. [Entrevista concedida a UFMG]. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/mulheres-cientistas-celia-xakriaba-e-a-personagem-do-ultimo-episodio>



Trabalho de Alfredo Jaar. Caixa de luz com diapositivo p/b e material impresso.

ainda assim, lembrar: a escrita se faz pelo corpo e pelo seu contato e emaranhamento com o chão, o asfalto, a terra, em um dia de chuva ou de muito calor. *É preciso considerar o território como um importante elemento que nos alimenta, nos ensina, e constitui o nosso ser pessoas no mundo. Não podemos nos ver apartados do território, pois somos também parte indissociável dele, nosso corpo.*²⁸

Ainda escutando Célia Xakriabá, *eu só consigo produzir ciência com minha cabeça, se eu tiver firmes os meus pés e o meu corpo no chão do território. Educação reterritorializada é uma educação que produz deslocamento.*²⁹ Onde o corpo-territó-

rio se desloca, assim como o pensamento das coisas. As coisas do mundo.
Os mundos.

...

Perseguir ser vento. Como ele se move fluído.
O vento que gira o mundo, faz o mundo gira sem parar.

...

A dissociação da noção de corpo e território, se torna evidente por meio de uma dinâmica de demarcação e fragmentação do território [como terra, terreno, lugar de conquista e invasão]. Tal dinâmica se oficializa por meio de um modo de escrita: aquela que toma posse sobre um território. Que se faz e se inscreve sobre o chão, sobre a terra, e não junto a ela.

*Na década de 1940, houve uma grande campanha de regularização das terras pela escrita. A lei dizia que as pessoas que ocupavam a terra seriam chamadas de posseiros. Essa lei colocou um nome, coisificou essas pessoas.*³⁰ Os povos que viviam dentro das fronteiras da nação Brasil foram submetidos a cumprir as escrituras redigidas e estabelecidas pelo Estado. Povos que não sabiam ler *aquele tipo de escrita* assinaram forçosamente contratos que não significavam nada para eles: outras relações com a terra, que não a legitimada por essas escrituras, não estavam autorizadas a realmente existir. Como não sabiam como funcionavam tais contratos, a maioria das terras das comunidades tradicionais no Brasil foram consideradas espólios e muitas pessoas acabaram perdendo as terras em que viviam. *O poder quilombola sobre as terras é um poder baseado na palavra, na atitude, na relação – e não na escrita. Foi a Constituição de 1988 que nos disse que temos direito a regularizar as nossas terras pela escrita – o que é uma agressão, porque pela escrita nós passaríamos a ser proprietários da terra.*³¹ E isso vai contra a cosmologia *ontológica* de muitos povos, entre eles, do povo quilombola.

A Constituição de 1988, através da escrita, manifesta a relação colonial com a terra. O da conquista e da invasão. Ao escutar Nego Bispo, entendo como as escrituras de posse de terra são vestígios simbólicos do vínculo intrínseco entre escrita e poder [no sentido de ordem e obediência], que herdamos das Colônias. As opções de escrita ocidental preenchem a mesma função que as formas de ocupação do território colonial, nas quais se fortalecem as estruturas sociais desiguais e frag-

mentadas para assegurar mais poder e melhor controle dos cidadãos por parte do Estado. Os contratos de terra, assim como as linhas riscadas impositivamente sobre a terra, bem como as linhas de fronteira aqui já comentadas [fronteiras entre estados nações, cercas entre propriedades, estradas, muros...] fazem parte do que chamo aqui de *escrita de divisa*. Essa escrita feita

30 SANTOS, Antonio Bispo. *Somos da terra*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 44 – 51, 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/somos-da-terra/>

31 *ibid.*

com a mão que escreve as palavras dos contratos ou os traços de linhas sobre mapas, que, transpostas ao território, propõe um modo de movimentação sobre o chão: da fixidez, do controle, do ordenamento. Mais do que isso, promovem um caminhar sobre uma estrada bem marcada, que faz um vinco na terra muito profundo. Uma escrita, poderia dizer, que não se emaranha com outras linhas de vida. Não se deixa contaminar por outros modos de mover e de escrever [com o corpo]. É uma escrita que desenha, da página ao chão, um caminhar *antivadio*. As *linhas de divisa* andam na contramão às *andanças de vadiagem* e suas linhas enfraquecidas e falhas.

Tais *andanças vadias* e sua escuta às escritas erráticas traçada pelo corpo, abrem espaço para inventariarmos linhas de fuga, cartografias desviantes, geografias simbólicas, mapas e lugares de fabulação. Ferramentas que funcionam como propulsoras de uma outra noção de escrita, que coloca em questão o entender das coisas de modo dual. Tal como noções do dentro e o fora, o poder [como substantivo] e o poder [como verbo], legitimados e oficializados pelas *escritas de divisa*. Acredito que a escrita corporal que se faz pelo choque direto e imediato com a rua pode desempenhar um papel *incrível* para expandir sentidos e propor situações não tradicionais, que traduzam, instaurem, editem modos de se relacionar com a terra e de se mover sobre a superfície do chão. A *escrita da propriedade*, quando traduzida pelo corpo, estabelece um caminhar que se faz sobre o chão. Enquanto, vamos dizer assim, a *escrita imprópria*, no sentido de não tornar nada próprio, evoca um andar com o chão. *Ser da terra*.³²

...

A caminho de casa, notei um homem andando com as mãos na cintura. Ele mexia a calça que vestia, como quem dança uma coreografia pouco improvisada, de movimentos sutis e ainda assim dinâmicos. A roupa estava um pouco larga em sua barriga, amarrada por um barbante que ainda deixava a calça sambar por sua cintura quando mexia a mão



³² Referência ao título do artigo de Nego Bispo, anteriormente citado.

circularmente, de um lado ao outro. Ele estava em pé, atravessando um gramado em seu passo particular, perto da estação Vergueiro. Batia seus pés no chão com força, respeitando um certo ritmo calmo. O som de seus pés descalços batendo o chão, abafado pela grama, parecia o de um animal correndo. *Talvez essa confusão interesse aqui.*

Não tinha nada de explicitamente carnal naquele seu caminhar dançante, mas o fato dele estar sem camiseta, imaginei seu corpo morno pelo sol, onde sua mão repousava e mexia à vontade por sua cintura. Não era coisa só de brincadeira. O homem, sem saber, me guiava com um jeito muito sério, e também com uma presença que me fez me mover junto com ele, de maneira meio visceral, me trazendo um prazer de estar viva, por acidente, por gozação, sem razão nenhuma.

Me enrosquei no som confuso de seus passos, na circularidade de seu movimento, em seu passo ritmado suave, mas que também sabia ser bruto, e me deixei arrastar pelo gramado úmido próximo à estação.

Percebi nesse momento, que há um certo modo de pisar a grama, assim como *há um modo de pisar a pedra, como há um modo de pisar a poça, como há um modo de pisar um rosto, como há um modo de pisar um raio.*³³ Junto com o seu andar, pensei nos inúmeros tipos de chão, de superfícies onde os pés inscrevem seu caminho e seu caminhar. A mudança do peso de um calcanhar ao outro marca um chão de areia, de terra, de barro. Já o asfalto não se molda pelo nosso peso do corpo humano. Não quando a pavimentação já está seca. O piso pavimentado separa mais ainda o nosso corpo da terra. Talvez seria mais correto dizer que é esse tipo de superfície que molda nossos pés descalços, e não o contrário. Os pés, com ou sem sapatos, percorrem o chão do mundo. *Há vários pés, inúmeras solas. Aprenda cada um deles.*

33 RAMOS, Nuno. *Escritos de artista*, 2017. In: GALHARDO, Beatriz. *À escuta dos pés: caminhada e dança em "Notícias de América"*. Rio de Janeiro: ZAZIE Edições, 2020. p.7.

34 *ibid.*, p. 7.

35 Livre apropriação do poema de cinco linhas – como os cinco dedos das mãos e dos pés – do poeta norte americano Frank O'Hara:
*you come toda hora
you até sabe como usar os hashis
então porque você
não me escreve uma carta,
esquece*

*Depois, e isto é bem mais complicado, fabrique teu próprio sapato. Lembre que, se não puder andar, não pode mais nada. E quanto mais velho for, de mais sapatos precisará. Há os pés.*³⁴
Escutar cada um deles que pisam tantos chãos por onde se fazem existir. Uns nos atraem mais do que outros, outros pisam com mais ou menos atenção.

...

Você anda o tempo todo.
Sabe muito bem usar seus pés.
Então porque você
não me escreve umas linhas
esquece³⁵

...

O que tem valor para as andanças aqui propostas seja tentar uma percepção das coisas do mundo mais próximos ao chão. Fazer o percurso de A a B – ou simplesmente um percurso trivial – descalça ou escolher calçados que permitam a maior proximidade dos pés e do piso. Chinelos: são abertos... *os pés, quando escorregadios de suor ou sujeira, podem sair das sandálias entrando em contato direto com o solo.*³⁶

Quando feitos de borracha, os vestígios de uso se exibem nas superfícies dos chinelos pela pressão do peso do corpo. O caminhar inscreve no calçado marcas de uso e estes funcionam como mediadores que permitem certos tipos de contatos com o chão. Os sapatos fechados os separam – corpo e chão –, assim como a pavimentação das ruas nos distanciam ainda mais do contato direto com a

terra. Estas, muitas vezes, não absorvem esses rastros: nossas escritas corporais. Imagino que isso seja um pouco intencional.³⁷

³⁶ GALHARDO, Beatriz, op. cit., p. p.29.



37 Fico pensando no chão da cidade, mas também nas paredes das casas, dos prédios, nos túneis, nos muros das escolas. Superfícies que foram construídas e moldadas por múltiplas mãos - umas mais brutas, outras de toque mais suave. Mãos de dedos finos e compridos, ou talvez grossos e calosos. A variedade que existe dentro de um canteiro de obras quase não é revelada nas superfícies das cidades, que são em sua maioria, lisas e apáticas. Nada parece feito

AÇÃO: ir descalça até o ateliê. Escutar os barulhos das palmas dos pés batendo no chão. Confundir sonoridades de pisadas. Ao chegar no ateliê: limpar os pés em um balde de água e depois colocar uma camiseta branca de molho dentro dessa água. Estender ao sol. Quando seca, vesti-la e voltar para casa com ela. Incorporar a sujeira da rua. Ou, também: pegar uma havaiana, cavar uma linha em sua sola que atravesse a borracha: aumentar a zona de contato entre o pé e o chão. Não se proteger da rua e sua sujeira. Levar a sujeira de casa para o ateliê... e do ateliê para casa.³⁸ Carregar com meu corpo vestígios de um trajeto. O corpo como trabalho, a rua como museu.



...

Fabricar meu próprio sapato não isolado do contexto, mas em meio ao contexto. *O sapato como meio.*

Os pés sujos, desprotegidos em maior contato com a rua, ou os pés mais protegidos, com mais zonas de separação, mas que ainda assim pensam suas marcas. As solas, os Xis, as marcas que fazem, como desenham. Como quem assinala um mapa e é assinalado por ele também.

O corpo desenha a rua...mas não só.

A rua escreve o corpo também.

Aparecem aqui, pequenas invenções nos pés, para pensar com eles. Escrever por eles.

Os pés com línguas e mãos... suas escritas em seu aspecto vivo.

...³⁹

Charles Darwin comenta em *A descendência do homem*, sobre o que chamou de a divisão sociológica do trabalho, pela qual os pés e as mãos foram se desenvolvendo e se aperfeiçoando para funções diferentes: respectivamente, de suporte

por gestos corporais humanos.

A cidade até parece inteira construída por máquinas que não emanam calor nenhum. Talvez tudo aqui seja mais um indício de um projeto urbanístico, de um modo de existir, que nos distancie da ideia que a nossa inscrição nas superfícies da cidade, aconteça como algo que se associa ao corpo todo. Que seja assimilado como feito só a partir da mente: pelas cabeças ditas intelectualizadas, pelas máquinas ditas inteligentes.

38 Referência ao projeto *Carregando poeiras nos pés*, Paulo Nazareth, 2006.

39 Trecho elaborado a partir do livro *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Tim Ingold.

e locomoção, e de preensão e manipulação. Essa é uma das características que nos diferenciam dos animais. Enquanto para nós humanos, o papel de segurar, sentir e gesticular é delegado às mãos, o macaco, por exemplo, tem as mãos com um significativo papel de apoio e os pés muito mais habilidosos do que os nossos.

Para Darwin, a possibilidade de manter-se em pé, erguido, com o apoio firme dos pés, deixa as mãos e braços livres para questões essenciais de subsistência e sobrevivência – sendo liberados de gestos mais instintivos, podem exercer funções *mais produtivas*, como a manipulação de ferramentas. Para ele, essa possibilidade configurara as condições para a ampliação do cérebro [outra característica que nos diferencia dos animais... o tamanho do nosso cérebro]. O pensamento da evolução de Darwin é que sermos bípedes nos confere superioridade intelectual de todos os outros animais, por conta das mãos respondem ao apelo da razão... liberados da função de locomoção, se tornam destinadas ao desenvolvimento do intelecto. *A evolução humana foi retradada como a ascensão*



e finalmente o triunfo da cabeça sobre os calcanhares.⁴⁰ Para Darwin, a proporção do instinto natural e inteligência racional se desequilibra com a humanidade, sendo a segunda muito mais evidente. E é isso, que para ele, faz com que a humanidade consiga se sobrepor e controlar a natureza. É como se essa inteligência racional nos colocasse sobre a natureza... ou fora dela. Já os pés e calcanhares, os quais se confere a função de nos impulsionar e embasar, funcionam de maneira mais instintiva... e nos aproxima da natureza: nos coloca dentro dela. A cosmologia ocidental não divide só as terras. A lógica da dualidade se expande para o território do corpo. Imaginária ou não, também foi traçada uma linha divisória sobre o corpo bípede. Existe uma diferenciação entre mão e pé do corpo humano, na construção da noção de "homem moderno". O projeto busca um *triunfo da inteligência sobre o instinto*.

Pensando em povos que vivem mais próximos a natureza e utilizam pouco ou nada de sapatos, seus pés já não perderam tanto as habilidades como a dos *homens ditos civilizados*. Parece que na marcha adiante da civilização, o pé tem sido progressivamente retirado da esfera de atuação do intelecto, e tem regredido ao aparato meramente mecânico... os sapatos, as botas, aprisionam os pés, limitando sua liberdade de movimento e embotando seu sentido tátil.

⁴⁰ INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. p. 72.

⁴¹ *ibid.*, p. 80.

*Os homens "civilizados" tem a parte de cima para pensar, e a parte de baixo funciona mais parecido com uma máquina.*⁴¹ Reduziram a atividade do caminhar à atividade de uma máquina de pisar, priva os usuários da possibilidade de pensar com os pés.



...

Estava caminhando até o ateliê vestindo havaianas com rasgos que fiz em suas solas. Meus pés, sentindo diferente o peso de meu corpo, acabou por me fazer perceber, mais *sensivelmente*, as irregularidades do piso, assim como outros tipos de calçados que vestiam as pessoas que cruzava pelo caminho.

Passei na rua Direita, como quase todo dia, e percebi só hoje que ela inteira é cheia de lojas que vendem calçados: [Mundial Calçados, Clovis Calçados, Cláudia Calçados, Zuken Shoes, Sasha Calçados, Lulê Calçados, TennisBar e por aí vai]. Ou pelo menos, percebi de *outro jeito*. Na esquina de um desses estabelecimentos, um homem apoiado na parede vestia um sapato social marrom. Apontou para loja ao lado e disse que pagou 100 reais pelos *pisantes* que calçava. Outras três pessoas que faziam um círculo ao seu redor, aprovaram com a cabeça. Parei para olhar uma outra vitrine vizinha e um vendedor chamado Leo, logo saiu a porta ao me ver. Começou rapidamente a me contar a história do tênis que ele notou que gostei, da Nike. Que era antigo e que foi lançado com Micheal Jordan em 1940. 1940!! Gritou ele. *Dá pra acreditar?* [Pensei comigo mesma, foi na mesma década da promulgação da Lei de Terras aqui no Brasil]. Leo continuou e afirmou que antes Jordan usava um Adidas, mas ninguém lembra. Que

Messi e Cristiano Ronaldo não eram mais do Manchester e Barcelona, mas que continuamos a associá-los a esses times. *Por quê?* Que o tênis do Jordan é legal e bom, mas que seu valor alto é pela imagem que nos fazem ter dele... foi feito há anos atrás, mas ainda insistimos em olhá-lo e desejá-lo, e não para os outros mais novos, e quem sabe, até mais confortáveis.

Que a Nike está na bolsa de valores e eles não ligam para os consumidores. *Os calçados são um dos imaginários mais malucos de classes...* que não temos escolha do que gostamos, porque invadem nossas cabeças-telas-corpos-desejos. Concordei com tudo e o que não concordei era porque não sabia e gostei de saber.

Segui descendo a rua e passei pela Sé. Mais uma vez uma multidão difícil de acreditar. Um grupo de homens se reunia em volta de um moço jovem que tocava violão e cantava. A maioria celebrava junto e dançava sorrindo. Reparei nos pés: batiam no chão. Em sua maioria esmagadora estavam de chinelos os descalços. Os pés bem próximos ao piso.

Atravessei o viaduto Nove de Julho, passei pelo lugar que tem aula de Taekwondo. Desci mais uma vez a rua São Paulo e corri em uma zona que não me senti confortável. Meu chinelo arrebitou, carreguei um pouco na mão. Consertei com prego, que pedi na borracharia da esquina. O vesti novamente. Chegando na rua do ateliê uma moça limpava as calçadas em frente a sua loja de construção. Jogou um balde d'água com sabão bem quando passei na frente dela. Não me molhou, mas pisei na água, logo que ela tocou o chão. Levei um pequeno susto, tropeiquei, pisei esquisito. Olhei para as pegadas a seguir: os rasgos nas solas dos meus chinelos agora eram linhas no chão, anunciando um passo meio atípico. Havia um X também, *um-pé-depois-o-outro*. Duas linhas sobrepostas em ângulos opostos demarcaram a calçada de cimento, na rua de meu ateliê. Meus pés ficaram escorregadios nos chinelos pelo contato mais próximo ao piso molhado.

42 *Em sua série Máquinas, o artista mineiro Paulo Nazareth se apropria e subverte a função da máquina: ferramenta criada para aumentar a produtividade, diminuir o tempo de trabalho e que, historicamente, sob domínio do capital racial e global, apoiou a máxima extração de mais valia do trabalhador e a exploração do trabalho. As máquinas de Nazareth são para estimular práticas experimentais de liberdade na vida cotidiana e na prática política das pessoas. Trecho escrito na individual Vuadora, de Paulo Nazareth. Galeria Pivô, São Paulo, 2022.*

Chegando no ateliê descalcei as havaianas. Meus pés estavam doloridos, molhados e sujos. Tinha marcado em suas solas uma leve linha preta de sujeira. Na verdade, era um esboço de linha de sujeira, que se esfumava e se expandia pelas laterais e cantos de meus pés.

...

Editar as técnicas e imaginários sobre os calçados.

Seguindo Tim Ingold e seu questionamento, Nazareth e sua subversão,⁴² Nuno Ramos e Célia Xakriabá com suas su-gestões, fabricarei meus próprios sapatos. Desenhados e criados para estimular o pensamento sobre nossas formas de estar no mundo. Para nos aproximar do que queremos, produzir um conhecimento do intempestivo.

Fabricar meus próprios sapatos como um exercício para reconsiderar parâmetros, trajetórias e maneiras de produzir cartografias. Para viver em estado de deslocamento, penso que é bom vestir sapatos apropriados para percorrer caminhos que quero seguir. Se deslocar é também recusar, ou ao mínimo encarar, as estruturas que nos circunscrevem e nos definem como indivíduo fechado, cidadão comum. Em um vocabulário visual deliberadamente fragmentado, em processo constante de elaboração, percorro minhas ferramentas para caminhar. Não as jogo no lixo, mas procuro agir pelo verbo que Nego Bispo me trouxe ao ler e ouvir seu pensamento: *edito* essas minhas ferramentas.

A vida anda e nós também.

E quando andamos, é possível elaborar as relações de poder com o território, evidenciado na cidade. Penso que isso é também elaborar sobre as relações de poder sobre nossos corpos moventes, e desejo assim, agir de maneira a não perpetuar o Poder – o poder de tomar posse, mas sim o poder do verbo – poder fazer, ser, existir. Todos nossos gestos podem ser ferramentas para questionar o poder.... para reconfigurar o mundo. Estar junto... a arte de muitos

lados, os artistas de muitos caminhos... editando tempos... o não linear: o que se percorre hoje, é para matar a curiosidade de amanhã.

43 Trechos extraídos e editados da entrevista de Paulo Nazareth, também presente na exposição *Vuadora*. Galeria Pivô, São Paulo, 2022. https://www.youtube.com/watch?v=p-d57Cq00_E

*Ando porque a vida anda. Do canto pro centro do centro pro canto entre centros entre cantos: não ter medo do caminho. Quis subir a ladeira da rua. Quis chegar lá em cima para enxergar longe, mesmo que enxergando embaçado.*⁴³













...

Um pé atento e o outro aberto
Um ligado e outro esperto
Um acordado e o outro em vigia

...

*Ficar de cabeça para baixo
Com a cabeça no chão e o pé para cima..*

Na dança de capoeira da rua
um homem fica um tanto de tempo parado com a cabeça pra baixo.
A cabeça próxima ao chão e os pés apontados para o céu.
Linha divisória do corpo se inverte no mapa do mundo.

...

**FORA DA ROTA FORA QUE ROTA QUE FOR
FORA DA ROTA
ROTA FORA
DA ROTA
ROTA QUE FOR
FORA QUE ROTA
DA
QUE
FOR**

...

Todos os dias que andei de casa ao ateliê ou do ateliê de volta a minha casa, fiz uma série de registros e escritos a partir do trajeto. Diferentes modos de escrever foram elaborados para marcar e pensar sobre os escapes da via comum. Uma delas se refere a uma espécie de mapas desenhados sobre a superfície do papel. Se trata do traçar desses meus deslocamentos feitos em uma jornada, e todos seus desvios, escapulidas, rodeios, feitos ao cruzar outros adultos, crianças, cachorros, formigas, que me atraíram por suas trajetórias errantes, desviantes, vagas e/ou vadias. Por outros seres *moventes*. Sobre a movida e o movimento, os mapas desenhavam esses maiores ou menores

desvios e suas intensidades, feitos ao longo da jornada a pé, de um ponto A ao B e do B ao A [por aqui, cartografias do desvio]. Deslocamentos corporais que indicam algum tipo de vacância, escape de uma trajetória certa e intencionada, que pressupõe um saber que se vai sair de um ponto específico e chegar a outro também previamente definido. O que interessa para se cartografar nesses mapas não é o todo, mas suas partes. Poderia dizer que são os restos de um todo que fazem dessas cartografias uma escrita viva. *Afinal, o todo que é a engrenagem para o Estado.*⁴⁴

A grande maioria de minhas andanças se materializaram nesses diferentes mapas, que poderiam ser chamados também de diagramas. Eles fabulam e inventariam uma cartografia desse deslocamento: *uma cartografia das escritas vadias*. Os mapas combinam linhas, palavras, manchas e cores, como tentativa de tornar visível modos de escritas do corpo e diferentes padrões de relações entre eles. São feitos no instante preciso que chego em meu ateliê ou casa, logo após percorrer o caminho de um lugar ao outro. O tempo que separa o andar desse escrever é de, no máximo, o tempo de um xixi ou o de beber um copo d'água.

Como notações coreográficas, os mapas imprimem a grafia do movimento que decorre desse deslocamento quase que diário. Um desenho como um mapa geográfico, mas que é também um mapa imaginário. O deslocamento das andanças nas ruas aos diagramas – do chão à página – *sofre um processo de redução de escala para “caber” nos mapas desenhados sobre os papéis. São como uma espécie de miniaturização de movimentos muito maiores.*⁴⁵ Os mapas fazem parte de uma composição [ainda que cheia de lacunas], onde me interessa também conferir-lhes uma independência de forma plástica. Constituem uma narrativa de fragmentos, assim como se imprime na cabeça a memória dos trajetos.

Cartografá-los são uma maneira de marcar e pensar de alguma forma essas andanças, através de uma escrita da mão, mas que se contamina pela escrita dos pés. São também, formas de expressão de situações e atuações na rua. Podem até ser justificados como representações gráficas de territórios e caminhos, para uma melhor compreensão do lugar que mapeio – mas sinceramente, não acho que seja isso. Não tem como objetivo nada muito claro e conclusivo, e acho importante dizer que a intenção não é *representar*. Tem algo a ver com deixar o corpo escrever, através de lápis grafite e giz pastel, a superfície do papel. Percorrer *vadiamente* a página assim como nas *andanças de vadiagem* os corpos percorrem as ruas. Da página ao chão e do chão à página, escrevendo nas diferentes superfícies e experimentando suas contaminações, seus atravessamentos e distanciamentos.

44 PÁL, PELBERT. Linhas erráticas. In: *O avesso do nihilismo, cartografias do esgotamento*, São Paulo, 2016. p. 305.

45 GALHARDO, Beatriz., op. cit., p.47.

Iniciar esse escrever mais diagramático tem muito a ver com a tentativa de pensar sobre as coisas de uma outra maneira. Poderia até dizer: de uma maneira mais *livre* sobre aquilo que ainda não foi muito articulado. *Livre*, no sentido de poder abrigar fluxos capazes de deslocar, transpor, correlacionar modos de se mover

de seus lugares tradicionais, sem se barrar por questões pré-definidas, leis estabelecidas ou regras comportamentais. Pelo escrever dessas cartografias ou mapas mentais, e por sua posterior e estendida leitura, novas relações podem ser percebidas e pensadas *mais sensivelmente*.⁴⁶ O que se marca ali, de forma tão instantânea e pouco definida, cria uma narrativa do momento que ali se faz também. O que fica no corpo. Registros mais espontâneos e menos articulados, sem um projeto pensado ou mesmo rascunhado. Uma escrita que desenha e inventa ritmos e territórios, acredito que possa dizer que seja por um traçado errático de linhas. Existe nela um caráter performativo também. Por se desenhar pelo instante, exige um certo grau de presença do corpo que libera a espontaneidade e intempetividade do gesto, daquilo que o corpo carrega pela trajetória do dia. Seria como uma espécie de fabulação baseada em fatos reais, através do gesto.

Em minhas *andanças de vadiagem*, existe as linhas das ruas, da ciclovia, da faixa de pedestres. O caminho que sigo pelo GPS e seu sentido específico de localização. O andar que se faz sobre um caminho definido, já desenhado. Os desvios feitos dentro desses trajetos não seguem um GPS, mas outros corpos. Ao persegui-los, um desvio é feito e sou conduzida por outras andanças. Às vezes, esse outro ser tem claro o trajeto que quer perseguir, mas nem sempre. Para onde esses pés alheios vão caminhar, não é totalmente compreensível para mim. Não é mesmo. Ainda que possa especular, imaginar, não sou capaz de controlar totalmente esse caminho ou de projetar suas possíveis rotas. Poderiam me dizer: então você pode seguir qualquer corpo, qualquer ser, que você não vai saber definir totalmente para onde eles vão. Então sua experiência do vagar vai estar dada também. Eu diria que não. As estradas, os alinhamentos comportamentais, as linhas

evidentes e profundas, fazem ser muito mais fácil de capturar os corpos que os obedecem indiscriminadamente. Muito mais fácil de *prever* suas rotas. Cada corpo, em cada instante, produz linhas que se diferenciam.

46 BASBAUM, Ricardo. *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013. p. 244.

...

**SEM SENTIDO SEM SENTIDO SEM
SENTIDO SEM
SENTIDO
SEM SENTIDO SEM SENTIDO SEM
SENTIDO SEM SENTIDO**

**UM TRABALHO TODO
QUE TEM UM SENTIDO
SEM SENTIDO
UMA CAMINHADA TODA
QUE TEM UM SENTIDO
SEM SENTIDO**

...

Não faz quinze dias que estava olhando para a parede branca do banheiro de minha casa, enquanto fazia xixi. Bem próximo à pia tinha uma pequena mosca morta. Olhei mais de perto e vi que existiam, também ali, várias formigas que percorriam a parede até o corpo-resto de inseto. Saindo de um buraco entre os azulejos, vinha uma atrás da outra, sem parar. Fiquei alguns minutos observando esse caminho e esse caminhar: ritmo constante, rápido e, de certa forma, certo. Eram formigas pretas bem pequenininhas. Acho que são chamadas de *formigas carpinteiras*. Ou de *loucas*. Pelo movimento de suas patas curtas, elas faziam como uma linha preta na parede. Como uma escrita, um rastro mesmo, que só dava para ver quando aproximei bem o rosto e fiquei um tempo olhando, até perceber seu fluxo: a escrita se fez pelo fluxo. Nessa aproximação, reparei um movimento outro, contracorrente. Uma única formiga caminhava no sentido oposto de todas as outras. Trombando em muitas delas, desviando de algumas, mas ainda assim continuava no caminho oposto ao que as outras formigas faziam. Uma outra trajetória mesmo, outra existência ali entre tantas similares. O que isso significa? Não faço a menor ideia o motivo pelo qual a formiga fazia uma trajetória na *mão contrária*, mas me fez pensar que é mais difícil prever o que aquela formiga vai fazer do que todas as outras que caminham em uma mesma direção [nenhuma delas desviou o traçado comum que faziam até chegar na mosca morta]. Andavam em linha reta e sem titubeio, diferente da única formiga que caminhava sozinha, em uma trajetória mais tortuosa e incerta. Ela seguia como as margens dos rios que correm em sentido oposto a correnteza central. Quase imperceptível, em um curso mais íntimo, silencioso... seu movimento, assim como o fluxo contracorrente das margens dos rios, inscrevendo a parede branca agora repleta de palavras secretas, ocultas, misteriosas. Pensei na escrita assim mesmo... como esse grande rio que corre solto, que tem um fluxo mais comum, e também uns outros, onde corpos misteriosos e mais silenciosos correm e moram. Nessas margens secretas, nessa contra correnteza quase imperceptível. *Alguém me contou sobre esse curso do rio e suas correntezas, mas não consigo me lembrar quem*. Permaneci olhando as formigas percebendo como é mais difícil categorizar e captar essa formiga de trajetória diferente, que não sabemos o motivo que a fez mover-se em outra direção. Como é quase invisível seu movimento. *Tive um certo tipo de impulso de atração por aquele caminhar, que me levou em direção a esse universo labiríntico e um tanto incompreensível, para mim. Sem saber exatamente por quê, fui sendo guiada pelo afeto desse encontro que gerou em meu corpo um*

47 ROLNIK, Suely. **Deleuze, esquizoanalista**. Revista Cult, 14 de novembro de 2006. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/deleuze-esquizoanalista/>

*certo movimento diferente; como uma metamorfose de mim mesma e de meu território de existência.*⁴⁷ Não simplesmente, por ser um movimento único e diferente dentro daquele universo dos insetos na parede branca do banheiro de minha casa, mas por entender, ali mesmo, como esse transi-

tar nos impede de o julgar, categorizar e o compreender em sua totalidade: por sua lógica particular, pelo seu ritmo tão íntimo. Fiquei imersa nessa movimentação improvável e um tanto silenciosa. Afino o ouvido para essas formas de percurso. Essas cheias curvas e trombadas. Fico pensando em como experimentar um ato de caminhar mais imprevisível, menos planejado. Ou planejado e ao mesmo tempo aberto a possíveis outros caminhos que se abrem ao andar; aberto à experiência. Um caminhar do não poder. Contrapoder. Poder no sentido de domínio mesmo. Uma trajetória que seja a expressão de uma existência aberta à experiência, onde não se tem como predefinir o que vem por aí, o que é que aparece na próxima curva. É por isso que acredito que este tipo de caminhar tem a ver com o não saber... com o não controle, com o não poder. Um corpo que movimenta e também gera movimento. Foi o rastro deixado pela vida-morte de uma mosca, os restos que marcam seu ciclo, que me fez perceber os tantos outros percursos que se criaram ao seu redor.

Outras linhas de vida se emaranharam ali. Cada uma daquelas formigas, o inseto morto, eu mesma com o rosto ali colado, e logo depois minha irmã, que veio também ver o que eu estava fazendo com a cara na parede. Ela carregava meu sobrinho no colo que não percebia nada daquela movimentação que me levou até ali. Não estava lá pela mosca e também não pelas formigas. Mas estava lá. Algo naquele momento, uma outra linha de vida, um outro rastro de existência, num instante muito específico, o fez desviar do curso que provavelmente faria sozinho. O mesmo para mim, o mesmo para as formigas. Nos emaranhamos ali. As trajetórias são mesmo muito imprevisíveis, se quisermos e permitirmos.

Como a mosca, acredito que outros corpos provocam outros tipos de movimentações e rastros no espaço. Uma escrita aberta a outros modos de transitar, – que desenha seu movimento junto com os deslocamentos de outros corpos, seres, objetos, acontecimentos, – acaba sendo, como já devaneei aqui, mais difícil de controlar. Talvez por sua fluidez e por sua imprevisibilidade.

São escritas escorregadias, como sabão.

...

O rastro do percurso das formigas não molda a superfície de uma parede de alvenaria, como os caminhos que desenharam – decorrente do fluxo intenso e repetido [coletivo] – a grama, a terra, a areia. Nesses casos, criam-se linhas como pequenas estradas de suas trajetórias. Assim como as formigas, os seres humanos também produzem linhas, não importa por onde percorram. Em todas as atividades cotidianas, as linhas surgem através do gesticular, do falar, andar, escrever, desenhar... pelo uso das mãos, pés, vozes, corpo. Formando todas essas atividades, um mesmo campo de investigação. As linhas que desenharam essa pesquisa se referem àquelas provenientes da escrita e do andar. Como essas atividades se assemelham e se confundem.

Entender como o andar é uma maneira de escrita: *uma escrita apoiada no corpo, no gesto e no rastro*. Acrescentaria aqui que ela [a escrita deste trabalho] também contém um tanto de mistério... e o que seria o mistério? o mistério pode ter um tanto de desvio... daquilo que não se sabe, ou que se sabe só algumas partes. Do que é oculto.

...

Sentei-me na grama para pensar porque estava pensando o que estava pensando: aquela menina tem um segredo. Alguma coisa no seu gesticular de pés e mãos, me faz pensar isso. Essa menina que aparenta uma potência com todo um passado de potência. *Habilmente encantadora, simpaticamente forte, aparentemente inteira, tem um segredo. Como foi que chego a essa conclusão? Por que um segredo?* Por que acredito que esse segredo está presente quando ela caminha e esconde as mãos nos bolsos. Alguma coisa está ali dentro, mesmo que não seja material. O segredo, presente em seu passo, que é o magnetismo daquela mulher. Os pés se levantam e levitam um pouco no ar, a cada pisada. Anda como uma gata que não quer que escutem seus pés batendo no chão da rua, enquanto as mãos se escondem e manipulam algo que está no bolso de sua camisa. *O que encanta é alguma coisa que não está lá, o que ela não quer que escutemos. E é essa coisa que me atraiu. O quê de enigmático que essa mulher afirma em sua existência como só sua e de mais ninguém. Ela dá um jeito que só metade dela seja visível. Um pouco como a lua. Há uma lacuna, apesar dela ter essa aparência de estar com os dois pés bem firmes no chão, é sua mão e seu movimento escorregadio e fugitivo que entrega que existe um segredo. Seus pés também. É só isso que posso dizer dessa mulher... essa sombra.. essa omissão.. embora eu não faça a menor ideia do quê... na verdade nem sei se faz sentido essa minha intuição, ou esse é apenas meu registro fantasioso de minha ignorância a respeito de um outro ser humano.* De alguma forma o pensamento se esvai ao pensar que aquilo que está no fundo do corpo do outro, é inacessível a mim. Isso é verdade, e me consome. Se materializa um limite aí... só que esse mistério todo alimenta minha curiosidade e me prende ali mesmo, naquele ponto de vista onde consigo vê-la pela metade – ou nem isso –, fluindo pelo chão.

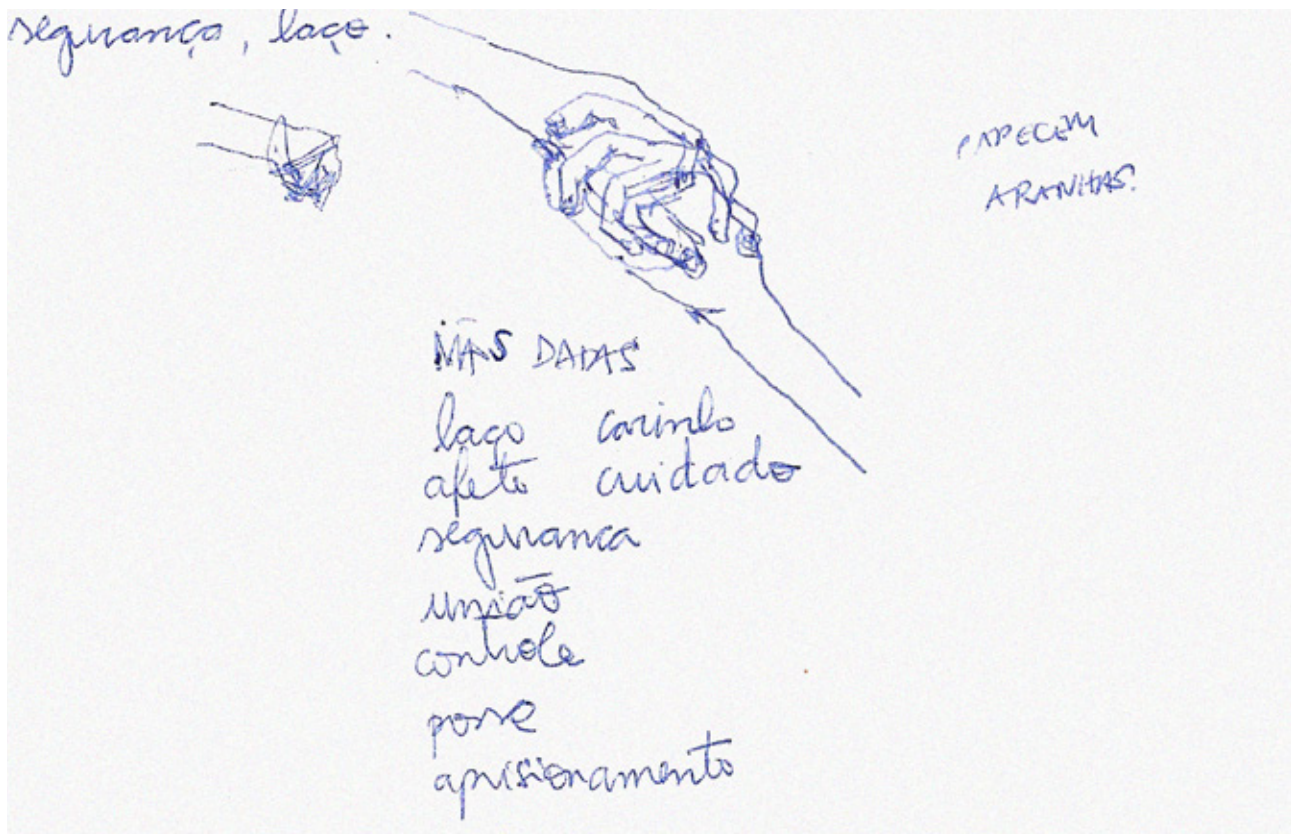
...

48 Reiterando: do bar já não é o ponto A e nem o B. Os relatos não estão em ordem cronológica. Nesse momento, os pontos A e B já estavam se borrando também.

Voltei caminhando do bar⁴⁸ já no fim do dia.

Pescoço de coruja, girando e olhando ao redor. *o-tempo-todo-o-corpo-todo-atento.*

O tempo todo.



O dia já estava ficando escuro e quis seguir por um caminho mais movimentado. Logo antes de anoitecer completamente, passei em frente à uma escola de ensino infantil, logo no horário de saída dos alunos. Pai-mãe-babá-avó. Mãos dadas com as crianças. Pensei nesse caminhar conjunto. Um movimento guia, de segurança. De laço.

Pensei novamente nos amantes. Ou em amigas. Ou em pessoas cegas, mais velhas.

Laço//Carinho//Afeto//Segurança//Guia//Cuidado//União//Controle//Posse//Aprisionamento.

As mãos dadas são isso e aquilo. Depende do dia em que vejo...e do que se esconde.

Cada dia é um projeção, que se inventa no oculto.

...

É sobre essa escrita-andar que desejo falar aqui: *escrita misteriosa*. Enquanto a noção de escrever está muito mais associada, nas culturas ocidentais, a uma escrita feita pela mão e que tem a página como superfície de inscrição, o andar é como uma escrita que traça linhas, através do movimento do corpo, na superfície do chão. *O chão e a página são as superfícies dessa minha escrita.*⁴⁹

Gosto de pensar sobre as superfícies porque acredito que é um espaço de permanente construção

49 INGOLD, Tim. *Lines: A Brief History*. London, 2007.

de significados, onde esses são traçados e rasurados, compartilhados. Tem os pontos de expansão e de contato também. E

a superfície não está dada, não está definida. Ela é construída, transformada, editada, apagada, a partir de como povoamos a terra e do que quisermos nela inscrever. Penso aqui as ranhuras nas superfícies do cotidiano. Encontramos *a página com mais frequência na folha de um livro, ou talvez em um manuscrito ou um documento não encadernado, muitas vezes em branco ou razoavelmente cobertos por escritos. Encontramos o chão como uma superfície de apoio para as nossas atividades, um terreno limpo para cultivo, com construções ou com a inscrição dos traços de nossa passagem, com pegadas, caminhos e trilhas.*⁵⁰

O próprio gesto de andar pronuncia, por sua vez, diversas linhas. Os mapas são a tentativa de enxergar também no gesto feito com a mão, onde todo o corpo se apoia, quando uma linha de fuga se sobrepõe a uma linha costumeira. O que sai desse emaranhamento? Se traça uma linha de fuga ou costumeira? Talvez nenhuma das duas, talvez as duas. Talvez essas linhas não queiram nos dizer nada.

Acredito que os mapas podem muito nos evidenciar – essa cartografia das linhas – a partir do traçar de movimentos de seres que estão bem próximos a nós, sem ser preciso se isolar, como Deligny o fez. Outras crianças, adultos, animais, insetos. Observar como um ser se desloca pelas ruas, *que pequenas invenções que põe nisso?* Em seu caminhar, em seus gestos, estilos, escritas... uma cartografia que é uma análise dos deslocamentos, das linhas que se estendem entre acontecimentos, sujeitos, objetos de uma terra. Uma investigação sobre os fios que são desenhados nessa terra intencionalmente e os que não são tão intencionais assim, os que correm mais soltos, como as águas, os animais. A cartografia se desenha a partir do cruzamento de um comum e de um inadvertido. E algo se inicia aí.

...

Por meio dos mapas, penso as linhas emitidas do corpo como vestígios das *andanças de viagem*, somados a um pensar sobre eles. O que se vê desenhado no papel são traçados feitos sobre a superfície do chão e apreendidos em circunstância ordinária. Depois traçados por uma escrita a mão: *o humano tem em comum a mão em movimento.*⁵¹ Desenhar esse trajeto de escapadas sobre/com outra superfície: o papel. O que se diferencia nesses escritos sobre superfícies distintas? O que se assemelha? São como rastros de desvios que se estabelecem de maneira mais ou menos violenta, mais ou menos silenciosos e traçam linhas de fuga, de intensidades e permanências diferentes. Provisórias. A cartografia cria linhas que se emaranham, atravessam, se enroscam, se diferenciam.

Se diferenciam.

⁵⁰ *ibid.*, p. 80.

⁵¹ *ibid.*, p. 83.

Aponta pontos de conexões e de desvios, de intensidades, e produz aberturas, acontecimentos, situações. Fissuras dentro

do sistema, junto com suas próprias leis. São como fragmentos de acontecimentos que se fazem pelos restos de um todo, onde tenta se iniciar algo, mesmo que esse algo seja para nada. *Sem compromisso e sem consequência*. O que ali interessa é o que não se sabe, justamente por isso escapa-se o desejo de fazer esses mapas para alguma finalidade. Se traça o não saber, as linhas de fuga, de desvios, os movimentos errantes, o que quer que seja que não se compreende totalmente. Quando a mão já desenha algo muito intencionado, muito conclusivo, sinto que é preciso voltar a observar, perseguir, perder de vista a rua e suas *escritas vadias*, coletando gestos, caretas, danças, fragmentos, resíduos que indiquem algo de natureza fugidia e que não nos diz respeito. Mas que muito interessa. As palavras para escrita já estão em nós. É preciso fazer elas aparecerem e saírem. Experiências que as ativam.... Às vezes, as linhas que se fecham nos mapas e na vida acontecem justamente para se fechar um sistema: *para impedi-lo de fugir*.⁵² As linhas, quando feitas de maneira erráticas no mapa, são possíveis pelo permitir-se ser levada pelo agir, e não pelo fazer. Porque o fazer é sempre para alguma coisa, enquanto o agir não... é o agir pelo agir. O desenhar pelo desenhar. Não é sempre que se traça o errático, é preciso tentar em um terreno propício para urdir essas linhas: um terreno que se ache e se crie por essas *andanças de vadiagem*, pelas escritas que instauram algo, pelo tropeço e perda de equilíbrio ao mudar de rota.

Escrever pelos desvios.

...

Não imaginava que ia me desviar pelo caminho de cima. Como tantos outros dias, sai mais uma vez procurando alguma coisa que não sabia o que era, atenta às ranhuras do chão. Hoje eram as nuvens que estavam gritando por atenção, ainda que em silêncio. Comecei acompanhando-as pelas sombras que desenhavam no chão, depois acabei apontando o queixo pra cima. A grande maioria estava estática no céu. Bem escuras... maçudas. Se juntaram tanto umas nas outras, a ponto de não haver mais fresta nenhuma entre elas: existiam como se fossem uma só. Como um plano...

Algumas outras, poucas e menores, estavam bem brilhantes. Brilhantes de raios de sol mesmo, andavam sozinhas e eram mais desenhadas, mais tridimensionais do que a grande massa uniforme. Eram solitárias, ainda que bem ativas... mais leves. Que por isso acho que se moviam com maior intensidade. Tinham talvez, mais motivos pra mover.

Tentei acompanhar essas mais leves e de movimento mais forte. Estava gostando de viajar nas nuvens do céu.... é só você sozinha... tem paz e silêncio. *nada em volta, só um céu ilumi-*

nado e quieto. Ninguém para te encher, ninguém para dizer aonde ir ou o que fazer. A única parte ruim de estar lá em cima

52 PÁL, PELBERT, op. cit., p. 322.

é ter que voltar. Ao seguir olhando para essas nuvens, percebi a quantidade de fios elétricos bem esticados e retos que cortavam o céu em alguns quadrantes. De onde eu via, as nuvens pareciam ignorar essas linhas. Passavam por cima delas sem vergonha, sem medo. O preto dos fios se diferenciava da massa cinza que vinha tomando conta do retrato do olho. Muito mais imponente do que antes...

As nuvens menores e soltas foram correndo para fora do meu caminho, sendo dominado pela massa negra, que agora vinha devorando cada pedaço do céu azul. Senti uma agitação na rua. O escuro. As pessoas estavam mais frenéticas, inclusive eu que queria ser mais rápida do que a nuvem que vinha carregando água... mas não deu tempo. Entrei numa loja já aqui no bairro do Cambuci que vende papéis para filtros de café. Passando a mão por eles, sentindo sua textura e suas variadas espessuras, esperei ali a chuva forte cair. Comprei um rolo grande desse papel e depois que cheguei no ateliê desenhei sobre ele. Desde então desenho bastante sobre/com essa superfície. Filtro de café... às vezes em algumas lixas também, papel craft e jornal. Gosto dos materiais cotidianos, que são encontrados com facilidade.

Olhando da loja, a rua era outra enquanto chovia. As pessoas corriam e com as passadas mais pesadas, os pés levantavam a água do chão para o ar. O chão refletia o céu... as águas levavam os sacos de lixo da frente dos estabelecimentos, para os vizinhos... um troca troca de resíduo. Como beijo. Os ritmos, as danças, a composição era outra.

Parou de chover e caminhei até o ateliê. Vi o céu no chão, agora aberto e azul.

As crianças da loja de frutas à duas casas do ateliê estavam batendo com as mãos nas poças de água que formaram nas irregularidades da calçada, tentando pegar seus rostos desfigurados no chão.

Não eram personagens de ficção, nem estátuas imóveis. A luz e o calor daquele momento era realmente uma benção: a tranquilidade que tudo parecia imutável da vida de cada uma daquelas crianças observando com atenção o chão, a água e seus rostos. A adulação crescendo dentro delas, suas expressões de quem jamais vivera nada tão emocionante que aquilo, e meu fascínio por aqueles rostos deslumbrados com a disparidade imensa de suas próprias imagens. Imagens que mostram aqueles que vivem intensamente, em uma presença ativa de suas vidas de criança: que enxerga seu mundo inteiro naquele momento, naquelas mãos em contato com o chão, que é água também. As roupas que já estão inteiras sujas da rua, se esfregam no chão, sem planejamento e nem receio. *O mergulho do corpo.*

Naquele momento fiquei pensando na absoluta falta de sentido da existência, mas ao mesmo tempo percebendo as minúsculas impressões que apareciam nos rostos das crianças... e tudo o que é enigmático ali. Sua plenitude sensorial, a fatura, a abundância – a superabun-

dância – de razões para mover aquelas pequenas mãos na água presa à um buraco do chão. Um defeito na calçada...

Andei mais alguns poucos passos, estava agora praticamente na porta do ateliê. Do outro lado da rua, tinham três meninas, também crianças, de mãos dadas, formando um círculo conciso. Todas de costas uma pra outra. O círculo as fazia olharem para a cidade, e não para elas mesmas. Sem soltar as mãos umas das outras, giravam dançando em sentido horário, saltitando e rindo. Aos poucos o ritmo foi se tornando mais intenso, mais acelerado: até que a linha fechada que marcava o círculo das três meninas se rompeu em um ponto. Agora formaram juntas uma linha orgânica, ainda em movimento. Giraram um pouco o pescoço e o tronco, e se olharam. Riram mais ainda.

Pensei como esse caminho podia ter terminado de modo muito diferente, se tivesse acontecido um pouco depois [ou mais devagar]. Nada dura muito nesses trajetos, mas ao mesmo tempo nada passa, tampouco. E nada passa porque justamente nada dura. [Como diria Philip Roth]. Comecei a desenhar o percurso, mas não conseguia esquecer, ou melhor, lembrar, o porque de tudo aquilo. Desenhava e compreendia algo que antes só havia achado que tinha entendido em minhas leituras noturnas, quando fico absorta em personagens e histórias ficcionais, criações da literatura: como é fácil a vida virar para um lado em vez de virar para o outro, como é acidental o destino de uma pessoa... em contrapartida, como o destino pode parecer acidental quando as coisas não podem deixar de ser o que são, ou quando são muito mais do que se pretendiam ser. Ou seja, caminhei até aqui sem compreender nada, sabendo que não ia conseguir compreender nada, ainda que imbuída da ilusão de que teria compreendido metafisicamente alguma coisa muitíssimo importante a respeito da minha teimosa decisão de determinar meu início de percurso e meu destino final se... se fosse possível compreender essas coisas.

...

Hoje não teve desvio ou nem sempre tem desvio ou nem sempre quero o desvio.

...

Não vejo mais muito sentido de por quê sair e chegar em lugares já definidos. Os desvios acontecem em qualquer lugar. Não é que nunca fez sentido isso, mas agora é diferente. A e B estão borrados para mim. É como se eles representassem uma dualidade... pólos duros. E isso é tudo o que aprendo que não existe ao caminhar. Desenhar A e B em um lugar e tudo o que acontece para além. O que permanece é a caminhada corriqueira e seus desvios.

Existe agora uma dissolução dos pontos. Os caminhos acontecem também em outros lugares. Meu ateliê é maior do que o estabelecimento no Cambuci. A e B Não são mais necessários para o trabalho acontecer, ainda que façam parte de tudo isso. Estava na rua, fora de

casa, fora do ateliê. Vi um cachorro correndo. Corri atrás. Não sai de nenhum lugar e cheguei a lugar algum. A e B não são os mesmos de antes. Seus limites agora extrapolam das quatro paredes que antes os definiam.

...

Os mapas são sobretudo o traçado de linhas. *Como Deleuze e Guattari diriam: linha dura para o trajeto costumeiro e linha flexível para o trajeto errático, e linha de fuga para os desvios, as escapadas – tudo isso a grosso modo.*⁵³ Os diferentes rastros do corpo exibem diferentes linhas [in]visíveis no chão e na página.

Hoje me pergunto de novo: traçar tais linhas teriam qual intenção? *Em vez de querer compreender, e eventualmente significar, interpretar, cabe traçar, cartografar, diria Guattari, seguir o curso das coisas, como se diz, seguir o curso de um rio, e não fixar-se nas supostas intenções, sempre projetadas, sempre pressupostas.*⁵⁴ Detectar, reparar, seguir os gestos sem interpelar os fluxos, e nos mapas: traçar essas linhas.

No início eram só linhas, depois foram se agregando palavras e signos. Palavras que vieram de falas que cruzavam os trajetos; olhos dourados ou pretos, pontos de cruzamento de diferentes linhas no espaço e no tempo; pequenos pés [ou mãos ou nuvens] que indicam modos esquivos de caminhar detectados, outras aberturas que não chegaram a ser perseguidas com tanta intensidade; o “X” vermelho, preto. No início também eram traçadas linhas contínuas e muitas vezes fechadas: que ligavam um lugar ao outro em um circuito bem especificado e definido. Depois isso foi se perdendo, o traçado se fazia cheio de lacunas, espaços vazios, sem a obrigação de ligaduras entre zonas, manchas da cartografia. Um mapa mental que recorta o acontecimento, assim como fica na memória do corpo e da mente. As linhas são desenhadas diferentemente, as que traduzem as linhas do fazer são fechadas, mais fortes, com poucos nuances e curvas.

As linhas do agir abrigam um traçado mais titubeante. Alguns mapas são compostos por um gesto mais inadvertido, sem finalidade. Isso fica claro no desenho. Outros, são mais duros, menos erráticos. Assim como nas andanças, o estado de vadiagem exige um tipo específico de presença. Quando a intenção está muito clara, o fazer do mapa se torna menos interessante. De dia para dia, encontram-se circunstâncias propícias para alargar meus gestos, que acabam se contaminando por outros, aco-
plando-os, incorporando-os, produzindo semelhanças e diferenciações, gestos que se inventam e se multiplicam, variam e se perdem pelo traçar de linhas nas páginas. É aí que sinto que o fazer dos mapas ilumina e aquece essas andanças, quando se constroem outros mundos. Mundos a-conscientes,

onde aparece o que é inato do ser. Quando a linguagem está sendo criada no ato de fazer, ela ainda não está domesticada. Quando está, imagino ser necessário instaurar novas formas de andar, novos modos de escrever. Inventar novos sapatos para vestir.

⁵³ *ibid.*, p. 320.

⁵⁴ PÁL, PELBERT, *op. cit.*, p. 307.

...

SAPATOS DE FUGA⁵⁵

SAPATOS DE DESFAZIMENTO DE PEGADAS

SAPATOS DE GUERRA

SAPATOS DE UM TEMPO NÃO LINEAR [OU ATEMPORAIS]

SAPATOS DE FAZER CAMINHO DAS SEMENTES: como os pássaros que distribuem as sementes... espalham hoje pra germinar no amanhã.

SAPATOS DE DESVIO⁵⁶

SAPATOS DE PARAR O TEMPO

SAPATOS DE MAPEAR

SAPATOS DE APROXIMAR O CHÃO DA MENTE

SAPATOS DE OUVIDOS/ORELHAS

SAPATOS VESGOS

SAPATOS DE VOLTAR

SAPATOS DE MOVER O PENSAMENTO

SAPATOS DE PODER SEGUIR

SAPATOS DE PODER CAMINHAR SOZINHA

SAPATOS DE DEFESA/ATAQUE

SAPATOS DE FERA

SAPATOS DE CONVERSA

SAPATOS DE CRUZAMENTO

SAPATOS DE ENCRUZILHADA

SAPATOS DE COEXISTÊNCIA⁵⁷

SAPATOS DE ABRIR CAMINHO

SAPATOS DE CONSTRUÇÃO

SAPATOS DE EDIÇÃO

⁵⁵ A fuga enquanto estratégia, a opção pelo o que é fugaz... a fuga como uma operação constante nessa escrita.

⁵⁶⁻⁶⁰ Notas-desenhos, deslocadas para próxima dupla de páginas.

SAPATOS DE PERDER
SAPATOS DE ACHAR
SAPATOS DE GUARDAR
SAPATOS DE DORMIR
SAPATOS DE SAIR
SAPATOS DE PREENSÃO
SAPATOS DE COLETA
SAPATOS DE DESCANSO
SAPATOS DE MAGNETISMO
SAPATOS DE NÃO TER MEDO DO CAMINHO
SAPATOS DE ESCOLHA
SAPATOS DE ESCRITA IMÓVEL⁵⁸
SAPATOS DE NÃO APERTAR OS PÉS
SAPATOS DE CAÍREM EM SI [E SAÍREM DEPOIS]
SAPATOS DE ATRAVESSAR ZONAS FRONTEIRIÇAS⁵⁹
SAPATOS DE ABRIR CAMINHOS
SAPATOS DE PÉS COLETIVOS
SAPATOS DE VIA DE MÃO DUPLA
SAPATOS DE NÃO APERTAR A MENTE
SAPATOS DE APRENDER A FALAR A LÍNGUA DO CHÃO QUE PISA⁴⁹
SAPATOS DE CHEGAR RÁPIDO AO LUGAR QUE QUER
SAPATOS DE VADIAGEM
SAPATOS DE MISTÉRIO
SAPATOS DE INCOMPLETUDE
SAPATOS DE PERSEGUIÇÃO
SAPATOS DE ANDAR DE LADO⁶⁰

56



57



58



59



60







...

Desenhar o que o mundo oferece, mostra, esconde... outras coisas: a diversidade de trajetos e trajetórias. Nos desenhos, como essas linhas que fazem aparecer... essa variedade de trajetos que se comunicam, se enrosca, criam aberturas.... As linhas que se traçam e se trançam, e como. Os desenhos como primeira materialização do pensamento, talvez a mais rápida também. *Mas não só o pensamento em como algo desencarnado do corpo, porque às vezes a gente tem essa dimensão do pensamento como algo que tá só na cabeça... o over think, você precisa ficar produzindo ideias eternamente. Não. Eu acho que o pensamento ou qualquer outro nome que a gente possa dar, ele percorre o corpo e se distribui. É o que a gente pode chamar de sensibilidade... [...] o desenho é um pouco isso que nos faz mudar.⁶¹ [Ou transformar].⁶² E transformar envolve um deslocamento do que era para o que se torna... e esse movimento é infinito. Assim como Tadáskia, quando eu faço o desenho tento fugir da ideia da finalização. Não que ele não tenha ali, uma composição. Eu gosto da ideia de composição, porque me lembra mais música, dança, ritmo... do que a finalização. Até porque o fim e o início, eles tão muito implicados.⁶³*

...

Assim como nos trajetos a pé, cada dia eu vejo uma coisa diferente nos desenhos. Mesmo que seja exatamente o mesmo caminho, mesmo que seja exatamente o mesmo desenho. Olho e as coisas vão se abrindo, vai tudo se alargando... meu mapa do percurso. Desenhei aqui uma pomba morta e fui olhar para ela de novo, outra hora... e em outra posição o desenho parecia o rosto de um outro pássaro, e que vivo. Os desenhos, também percorro eles... acontece uma leitura estendida. E depende de como os vejo, encontro algo que não imaginava que eu ia encontrar. Algo improvável...: um desvio.

61 TADÁSKÍA, também conhecida como Max Willà Moraes. *Entrevista com Tadáskia*. [Entrevista concedida a Auroras]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-dD2PIDHm6c>. A ideia sobre o pensamento que se distribui pelo corpo se conecta com o que a antropóloga indígena Célia Xakriabá pensa e escreve em seu texto *Amansar o giz*, já citado nesse texto.

62 Transformação e não mudança. Gosto de transformação porque envolve a palavra *ação*.

63 TADÁSKÍA, op. cit.

...

Depois de um tempo fazendo esses mapas, experimentei outro tipo de escrita que acredito que ainda faça parte dessa cartografia do desvio. Acabei por nomeá-la de *andanças de incorporação*. A partir da vadiagem por trajetos costumeiros, comecei a experimentar fazer as mesmas caminhadas do dia a dia, mudando algo em meu próprio andar. Na maioria das vezes, acoplado ao meu corpo fragmentos, materiais, ideias e gestos trazidos da rua. Teve um dia, por exemplo, em que vi um homem de peruca sentado na Praça da Sé. Ele balançava a cabeça de um lado para o outro, delicadamente. Ainda assim, sem parar. A peruca fazia sua cabeça mexer e seu mexer fazia a peruca balançar. A movida e o movimento, aqui, de novo. O que veio primeiro? Um jogo... brincadeira.

Por sua causa e seu movimento, resolvi experimentar andar até o ateliê, vestindo a única peruca que tenho e que normalmente uso só em dias de Carnaval. *Vestir uma peruca, por exemplo, mais do que o ato prático, é um ato mágico: é a incorporação de uma nova realidade.*⁶⁴

...

A escrita-desenho feita nos papéis em branco são práticas cartográficas onde em seu produto, identifico certa semelhança com outros desenhos cartográficos. Dos desenhos de mapas, daqueles das grandes navegações, que tem um tanto de imaginação colocada. Desenhos figurativos, linhas, monstros no caminho, anjos, os fins de planos..... invenções, suposições de territorialidades. Narrativas cheias de personalidades, prevendo um espaço-tempo bem próprio, a partir de uma ou outra perspectiva *sobre* o mundo. Estes mapas vão sendo desenhados e redenhados a partir das experiências, deslocamentos e do interesse de quem – ou para quem – se traçam.⁶⁵ Quanto mais de território se encontra a partir das navegações, mais essa cartografia se expande e delimita. As linhas no papel se traçam a partir do trajeto feito no mar – desenhando o que veem até onde chegam, assim como suas prováveis aspirações e medos. Não são recursos

64 OITICICA, Hélio. Texto-legendado de foto para o suprassensorial, enviado para Revista Artes. Documento 1597/ sd, acervo Projeto Hélio Oiticica.

65 *É importante salientar que historicamente os mapas carregavam os interesses e perspectivas de quem os produzia: a projeção de Mercator, elaborada no século 16 por Gerhard Mercator (1512-1594) em Flandres, atual Bélgica, agiganta a Europa e encolhe os territórios no entorno da Linha do Equador, como África e América do Sul; já os mapas do continente sul-americano durante o período colonial eram um constante campo de conflito gerado pela disputa territorial entre a coroa portuguesa e espanhola pela posição do Tratado de Tordesilhas, que dividia a América entre Espanha e Portugal.* (TOLEDO, Tomás. *Anna Bella Geiger: vísceras, mapas e retratos in Anna Bella Geiger: Brasil Nativo, Brasil alienígena.* São Paulo: MASP, 2020, p. 33).

66 SCOVINO, Felipe. *Encontro: Cildo Meireles.* Organização Felipe Scovino, Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p. 126.

neutros ou isentos e despolitizados. Em seu sentido figurado, os mapas são uma ferramenta de manutenção dos jogos de poder entre nações, culturas, cosmologias. Servem, muitas vezes, como instrumento de dominação de potências hegemônicas. Seus símbolos de conquista, o "X" desenhado sobre pressupostos *terrenos vagos*, como quem toma posse de um território, ou mesmo suas linhas fixas impermeáveis, evidenciam uma lógica binária de inclusão e exclusão, do dentro e do fora. Só que esses xises e essas *linhas não separam o espaço, talvez, no máximo o plano.*⁶⁶

As *cartografias do desvio* e suas simbologias de significados fluídos e permeáveis, não se fazem para separar espaço algum. Suas linhas não se interessam em contornar e dominar lugares, e nem mesmo representar um território. Ainda assim, contém, como os mapas antigos, muito do que é oculto, do que é íntimo, imaginado. Como anotações em um diário, repleto de mistério, *aspirações* e *medos* também. As linhas de fuga das cartografias vadias, não compõe mapas em seu sentido estrito de representação de um território para

sua melhor compreensão. As cartografias são *minhas*: existem a partir de mim. Partem de experiências pessoais, ainda que a tentativa é que façam parte de processos abertos.

...

Na primeira vez que sai com a peruca não passei do portão do meu prédio com ela na cabeça. Cruzei com o primeiro morador, arranquei ela de mim e logo a guardei na mochila. Na segunda vez, resolvi vesti-la virando a esquina do quarteirão de onde moro. Cheguei no metrô e não consegui continuar. Tirei também. Na terceira vez sai do ateliê e cheguei até em casa com a peruca na cabeça. Foi uma experiência divertida e também incômoda. Não pude esquecer nenhum minuto que a vestia, porque os olhares eram muitos. Risadas, crianças apontando o dedo.... atravessamentos. O que entendi é que era algo, apesar de uma peruca ser comum, um pouco demais para *realidade* daquele percurso – daquele *meu* percurso. Tão estranho que era quase óbvio que não tinha nada de possível nessa realidade... uma fantasia mesmo, e talvez algo que não consegui incorporar. Muito disso, pode ter sido pela minha maneira de a vestir, é verdade.... mesmo assim, o que interessa nesse momento não são as estranhezas tamanhas que nem esquisito mais fica... mas pensar algo que minha imagem se distorça, só que apenas um pouquinho. Que gere olhares oblíquos e risos de canto de boca, cheios de dúvidas... *o que será aquilo? Pra onde ela vai? O que está fazendo? Ou quem sabe, introduzir alguma invenção em meu caminhar, capaz de gerar alguma transformação nos próximos passos das*

peças que me veem – e que vejo também –, e em mim mesma. Fico pensando, não sai da minha cabeça isso, a possibilidade de ser muitas, ainda que uma. Quero dizer... o interesse por isso é entender como um mesmo corpo, e *que corpo é esse*, pode fazer de um trajeto: infinitos. Abrir em uma mesma rota, estradas, picadas, trilhas. *Alargar minha linha de existência*. Me passa pela cabeça uma entrevista de Emanuele Coccia, em que ele fala sobre o[s] ser[es] borboleta e lagarta.⁶⁷ Um mesmo ser com corpos muito distintos, formas de mover totalmente outras. Mas

ainda sim, um mesmo ser. Um corpo que se locomove pelos ares e outro pela terra. Como, que com meu corpo, me locomoveria pelos ares? E que ares são esses....

67 COCCIA, Emanuele.

Encontro com Emanuele Coccia.

[Entrevista concedida a Damiano

Fedeli]. Disponível em: [https://](https://www.youtube.com/watch?v=P8EeaSN3hJw&t=742s)

[www.youtube.com/watch?v=](https://www.youtube.com/watch?v=P8EeaSN3hJw&t=742s)

[P8EeaSN3hJw&t=742s](https://www.youtube.com/watch?v=P8EeaSN3hJw&t=742s)





Hélio Oiticica no evento "Mitos Vadios".
São Paulo, 1978. Foto: Solón Ribeiro.

Diferentemente desse dia em que vesti minha peruca rosa, não senti constrangimento algum ao transitar pelas ruas vestindo a roupa azul vermelho. Percebo que os detalhes que mexi em mim mesma, pode sim afetar o caminhar de algumas outras pessoas. A roupa foi algo interessante porque existiram reações, só que mais sutis, mais comuns do dia a dia, do que a peruca rosa. Enquanto esta rompia certa fluidez do percurso, a roupa fez caminho, sugerindo pequenos desvios em outros passos, quase imperceptíveis. *Como tropeços - e não quedas*. Em meu próprio trajeto, com a roupa, parava nas esquinas, cruzamentos. Corria de um lado ao outro. Me senti um vulto e de certa maneira fui um vulto. De peruca, sentia como se andasse de pernas de pau. Não alterei meu trajeto, não parei. Pelo contrário.... Queria chegar logo ao ateliê. Pensava que idiotice eu estava fazendo ali, mas que queria ir até o fim. *Roupa vestida, vivida, dançada... vivenciada*.

...

Como as *andanças de vadiagem*, as *andanças de incorporação* alimentam as cartografias de gestos instáveis e descontrolados. Também, as *andanças* se contaminam entre si: em um duplo sentido, triplo talvez. Esse tipo de implicância das escritas umas nas outras, interessa muito para construir uma linguagem que se faça existir sem matar outra linguagem, mas para coexistir entre seus dissensos. Acredito que as linguagens domesticadas só se fazem sobre outras. Se fundam sobre algo, enfraquecem outros signos e comunicações.⁶⁸

Nesse grupo fazem parte as *escritas de divisa*. As linguagens da vadiagem não precisam, e nem mesmo desejam, extinguir nenhuma outra para se fazer existir.

Muito pelo contrário. Elas crescem pelo acoplamento, pela contaminação, pela coexistência. São dessas linguagens que as cartografias se alimentam. A que estamos constantemente perdendo, reencontrando, incorporando. Aqui se procura a língua fugidia, que não se domina e não se captura, mesmo que ela se inscreva em um espaço tempo já desenhado, já definido, onde ainda existe a presença de uma única língua legitimada. Acredito que ela, a língua fugidia, exista em zonas de fronteira.

68 LAPOUJADE, David. *Deleuze e os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2017. p. 9-25.

Línguas de miscigenação.





A lagarta é um bichinho que rasteja na terra. A borboleta transita em um mundo aéreo.... e o casulo? O casulo é uma pequena casa onde vivem dois corpos [a lagarta e a borboleta], que é um ser só. O casulo deixa que dois corpos bem diferentes entre si, partilhem a mesma vida. Dois corpos, lagarta e borboleta. Duas silhuetas diversas e formas de vida também. Dois mundos distintos.

Apesar dessa diferença moral, cosmológica, anatômica, ... se trata do mesmo ser. Essa possibilidade de existência aquece as escritas de incorporação. Uma vez que revela, tão claramente, que uma vida não é reduzível a uma identidade anatômica ou uma identidade moral. O ser não é algo que podemos contornar.... a vida passa facilmente de uma forma a outra e permite a conjugação de dois mundos diversos.

Metamorfose.

Circular livremente entre formas. Entender as *escritas vadias* como essa circulação: com esse fluxo *mais livre*.

Vivenciar a vida de uma forma que não poderia ser completamente reduzida à forma de um corpo. Até porque o corpo não precisa ser imutável, estável.

O mesmo eu, a mesma personalidade, podem viver em dois corpos, em dois mundos, que não tem nada a ver um com o outro.

...

Parei para escrever para não esperar o pensamento fugir. O pensamento cheio de outras palavras, que não sei de quem são, mas misturam com minha saliva feminina.

Mulheres propondo; mulheres esperando; mulheres fugindo; mulheres camuflando; mulheres existindo; mulheres desejando; mulheres na rua.

69 Trecho elaborado a partir da entrevista de Emanuele Coccia, citada na página anterior.

70 A lógica do cerco, não delimitam e fecham só as ruas e os terrenos. Cercam nossas cabeças e corpos.

imagens páginas 142-143: *Língua*, São Paulo, 2020. Ação: coletar chicletes pelo chão da cidade e colá-los em uma mesma língua.

...

Tornar o que é periférico *em mim*, em algo central. Todo esse exercício parece que vem dessa vontade de cair em si e se expandir. E não ficar prisioneira de sua própria imagem.⁷⁰ Simplesmente por uma vontade de viver mais feliz e mais. A vida é mais importante do que meu trabalho. Só que quando se misturam, um move o outro e o transforma, de maneira a me sentir mais aberta. Faz mais sentido assim.









...

- E se ninguém ver azul e vermelho?
- Talvez *ninguém* seja como *todo o mundo*.

...

A tentativa é que a escrita seja discutida enquanto rede, movimento, desvio e invenção que atravessa divisas, desafia categorias e promove múltiplos níveis de encontro. As cartografias – dos desenhos aos relatos – são meios de aparecer essa discussão. Assim como a roupa/objetos levados pelo corpo: são meios, são lugares de sobrevir, de incitar e quem sabe instaurar uma discussão. *Escritas de instauração*.

Pelas roupas, coube sensações de deslocar noções de identidade, sempre em fluxo. Existe um lugar, lógico, que meu corpo mulher, meu corpo branco, pode ou não existir de tal maneira. E dentro desse corpo, existe muitas identidades possíveis – identidade fluída. A noção que o outro tem de mim transforma a minha própria noção de mim mesma. Mexer em nosso corpo é mexer em como nos veem, e conseqüentemente, como nos vemos. É como se o si inchasse. Compreender que nosso corpo não é neutro e é cheio de intenções: se responsabilizar por isso. Transformar o que quiser, a partir do que é possível. Entender seus limites e ainda sim, entender suas possibilidades infinitas de instaurações.

..

O que diferencia os mapas aqui experimentados dos mapas de um GPS; do mapa mundi oficial; dos mapas ocidentais; contemporâneos? Estes últimos *representam* um território.

Legitimam seus contornos e definições. Desenham o que está dentro e o que está fora de forma muito clara: pelo traçar de *linhas divisórias*. Fecham sistemas, impedindo ou dificultando que se fuja do que significa *território* e as relações que o compõe, assim por eles oficializado. A saída é uma porta fechada.

As sinalizações de rua, os mapas das estradas, das vias mais desenhadas, são traçados para uma finalidade: *otimizar e controlar a performance urbana e social, tornar os fluxos mais eficazes e mais fluídos, ao passo que para Deligny [e para mim], tratava-se de traçar um comum impossível, salpicado de desvios, de gestos, de temporalidades, de Nós, de atratores estranhos.*⁷¹ Se eu fosse dizer, ainda que contradito-

riamente, para que *servem* as cartografias das andanças, diria que seria para preservar o resto que os mapas contemporâneos não representam, onde suas *linhas divisórias* se fundam e deslegitimam as linhas mais enfraquecidas e erráticas. *Seria isso. Para preservar.*

⁷¹ PÁL, PELBERT, op cit., p. 327.

...

As escritas de incorporação vieram como os mapas desenhados sobre papéis. Fazem parte de deglutições [respostas talvez?] às andanças. Em sua maioria, acabaram sendo materializadas em objetos de vestir o corpo que usava quase sempre quando retornava a minha casa. Vestia essas peças criadas a partir do mesmo trajeto. *Editar uma travessia a partir dela mesma.*

Chinelos, camisetas, calças, mochilas, maletas, colares, transformados a partir da apropriação de materiais triviais encontrados na rua. Criados por essas andanças diárias e usados nelas mesmas, *os quais deveriam ser carregados ou vestidos em situações diversas de movimento corporal para existirem como trabalhos.*⁷²

O corpo que veste se estrutura não só como um suporte para a movimentação e animação das roupas criadas. Um corpo que se move através das roupas e é por elas provocado. E que as suscita, que as movimenta também. Uma veste que move e que se move pelo gesto. É como um *descobrimento do corpo*, que no gesto de se mover, desenha a cidade. O chão, a rua.

Uma situação que promove a *incorporação do corpo na obra e da obra no corpo.*⁷³

A incorporação como uma tentativa de interlocução.

72 DOS ANJOS, Moacir. op cit., p. 26.

73 Depoimento de Hélio Oiticica para Ivan Cardoso, janeiro de 1979. In: OITICICA FILHO, César; COHN, Sérgio; VIEIRA, Ingrid (Org.). Op. cit., p. 229.

Quando um estado de presença permite realmente *incorporar* essas peças ao fazer o trajeto específico desse trabalho, acredito que algo se instaure. Quem sabe, outros modos de escrita. *Escritas de instauração.* Mesmo que nem sempre se tornem intensos o suficiente para desejar pensar mais sobre eles, entendo que o conjunto desses objetos de por no corpo e suas incorporações fazem parte de um grande mapa imaginado desse percurso específico, um misto de sensações e narrativas que ali se atravessaram e se emaranharam. Montam um mapa cuja construção e desconstrução está em constante andamento, assim como o mapa feito no chão. São escritos que marcam e pensam sobre a experiência da descoberta da rua através do andar. Um tentar, mesmo que fragmentado e indeterminado, em descobrir algo que seja aberto e múltiplo, ainda que se inicie por meio de uma experiência pessoal.



Saindo de lá, recebi dois cachorros dançando pela calçada.

Assisto o movimento dos dois cachorros de rua brincando... que se encaixam, se machucam, reclamam e voltam a se enroscar, mesmo assim. Se entregam por inteiro para essa festa guerra agitada. Nenhum quer ser o que primeiro que para esse jogo cheio de negociação. Quando cessam, meu corpo se recupera com eles, mas só por um instante. Logo se provocam de novo... uma mordidinha no canto da boca; uma puxada de rabo; uma latida aguda; e já se entregam mais uma vez. Se doam verdadeiramente, em um movimento puro. Nesse entrelaçar dos corpos, acontece algo de uma união incompreensível, e de maneira confusa, me sinto muito distante e ao mesmo tempo muito misturada em tudo aquilo que vejo, em um lugar situado bem aquém de minha existência ali, limitada.

Eles não olham pro chão, não percebem bem o caminho que juntos vão percorrendo. Começam em um ponto e saem em outro, lá longe. Um vai levando o outro, a sair de onde estavam antes de tudo começar. Sem planejamento, vão indo e indo em um estímulo inquebrável: cheio de vida.

Isso é caminho... um mundo aberto onde múltiplos movimentos e seres se encontram.

É o movimento que gera movimento, é uma cutucada aqui que leva ao deslocamento. O chão e o ar em volta deles se confundem um pouco. Tudo aparece como um borrão. Tudo pelo jogo, pela brincadeira...

Um entrelaçar confuso. Gira, gira, se joga no chão. Um parece ganhar sobre o outro. Às vezes não faz sentido pensar em vitória... é só um movimento sem desejo de finalização. Quem para? E quando? Um movimento ressoa no outro.

Os dentes de um na orelha de outro, as patas do outro entre os pelos de um, seus dentes em suas peles, suas patas em sua cabeça: afastando-a. Juntos, passam por uma negociação a respeito do jogo no qual estão vivendo... *é uma iniciação mútua.*

Eles, que correm e pulam feito feras mansas, pela espinha dorsal da rua... eles que se encontram... que eu encontro também. Essa outra vida.

Nesse dia, escrevo que é preciso acreditar nas feras, em seus silêncios, em suas pausas, suas

brincadeiras, em seus sinais de alerta, em seu comedimento, sua defesa. Acreditar no retraimento do corpo e no impulso iminente... onde o movimento do corpo conserva um lugar da sua não-neutralidade, da sua não-estabilidade, da sua não-indiferença.

74 A escrita desse trecho se contamina pela escrita de Nastassja Martin em *Escute as feras*. p.53-55, 2021.





Em algum momento os corpos se tornam um, e essa unicidade que nos fascina, logo aparece enfim como aquilo que é: um engodo. E rapidamente essa unicidade se torna algo disforme.... impreciso. Misturam-se, fundem-se, enxertam-se. Se animam e se irritam. Um corpo em êxtase e cansado, um corpo cheio de vida, de baba e de pelo: corpo em forma de curtição. Corpos que se recuperam com o silêncio do outro, que se defende sem força pelo tempo curto de descanso. Pela vivacidade alheia. Esse movimento como revolução.

Penso nos ataques de riso com amigos.

Agora, um mergulha na batalha feito uma fúria, o que acabou marcando a pele do outro cachorro com seus dentes desmedidos. O outro logo responde com um sinal de alerta, de limite. E a brutalidade é substituída por uma lambida na orelha. Penso agora nos amantes!

O apoio um no outro, transforma o movimento possível de antes quatro patas: agora em duas, ou uma. E mais persistentes. Tudo parece tão permanente nesse jogo... no sentido de não se ver fim. A cena muda. O outro cachorro é ao mesmo tempo uma possibilidade de expandir, de alargar gestos e formas possíveis, como um limite que se materializa. Óbvio que vejo de longe e não compreendo tudo, porque isso está lá dentro do corpo desses cachorros... talvez tenha reduzido essa brincadeira deles para refletir apenas a minha própria trajetória, meu próprio estado de espírito. Não consigo dizer quais motivos os levam a se moverem assim, ou o que sentem... além de uma passagem por mim mesma. O que não quer dizer que seja preciso renunciar de pensar sobre isso, de renunciar à existência de compreender mais.

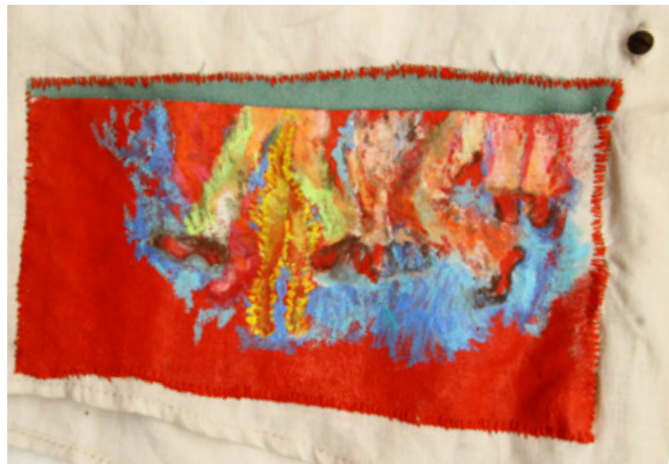
Eles só param essa festa-guerra quando um homem, aparentemente incomodado com a diversão e confusão entre os cachorros, os separa aos chutes. A interrupção só prospera por alguns segundos onde fingem se ignorar, e logo voltam a se enroscar... e vão correndo e se enlaçando, até eu os perder de vista.

imagens páginas 152-153: Festa guerra azul vermelha, tinta, pastel oleoso e grafite, sobre papel filtro. [15x20 cm]

imagens páginas 155-157: Camisa de algodão com bolsos pintados e costurados a mão. Os botões são cabeças de parafusos enferrujados, costurados no tecido.







...

Hoje vim a pé até o ateliê. Estava tão frio que cheguei aqui sem suar.

Outra coisa.

Um homem me olhou, bêbado, no meio do caminho. Ficou parado ali ao meu lado... me analisando enquanto esperei o farol abrir... ansiosamente. E berrou: é homem ou mulher? É homem!! PA-LHA-ÇO.

No começo do trajeto, ainda bem perto de casa, vi uma menina de cabelo verde claro. Estava de perfil e fiquei olhando bastante para ela, até que virou de frente para mim e vi seu cabelo também azul. A menina tinha o cabelo verde e azul. Muito bem penteado, dividido precisamente ao meio: as cores não se misturavam. A linha da cabeça dividia o lado azul do outro verde: perfeitamente. Se não tivesse parado o olhar nela, talvez só teria visto o seu cabelo cacheado pintado de uma única cor. Verde. E essa narrativa seria desenhada em minha cabeça e tida como verdade única. Minha verdade que seja; uma verdade toda verde, com certeza.

As duas faces da moeda. $1 + 1$ não é igual a 2, necessariamente. Pode ser = 1. Sendo que esse 1 pode ser 2 diferentes. Ou 3. Que seria o azul, o verde, e a relação entre o azul e o verde. O que disso sai. Ou esse texto seria o terceiro elemento dessa equação. Ou só é produto desse terceiro, que se deu ao ver esse um mais o outro.

Fiquei tentando achar coisas para iniciar um pensamento outro ou justificar uma hipótese... não adianta. Parece que Deligny sabia muito bem o que dizia sobre projeto pensado. Hoje acho que fiz um caminho, não agi.

Agora acho que inicio algo. Tentativas....

Teço minha rede entre o azul e o verde.

... ⁷⁵

Os pequenos modos de mover que me desviam em meu percurso, clareiam essa pesquisa. Me vem à mente a imagem de uma noite que se iluminada por luzes de minúsculos vagalumes. Luzes que não cegam, assim como as emitidas de holofotes, televisões, dos estádios de futebol, dos comícios políticos. O que me move, me ilumina como vagalume. Existe luta nesse modo de iluminar *vagalúmico*. E poesia também. E ambas juntas, acredito que são partes indispensáveis para se descrever a existência. São essas pequenas luzes que me fazem sentir brilhante – no sentido de iluminada mesmo –, e acendem as escritas aqui compartilhadas. E não aquelas que tem ânsia de iluminar tudo, que desejam ofuscar tudo o que não compreendem – que impõe vigilância e silenciamento. Esses modos distintos de emitir luz, têm a ver com uma maneira de pensar:

75 HUBERMAN, Didi. *A sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011.



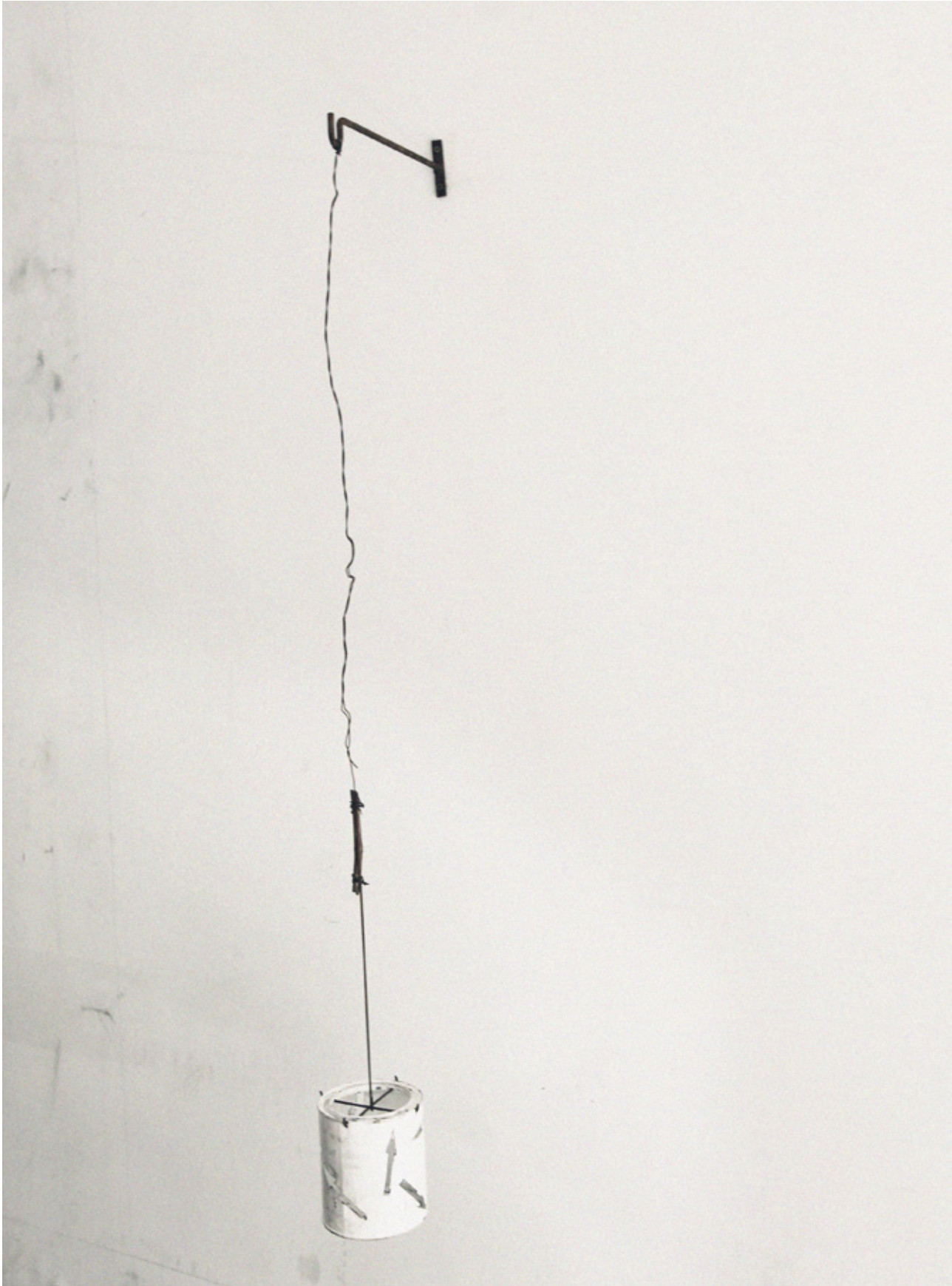
Hélio Oiticica, Bólide lata, 1966.

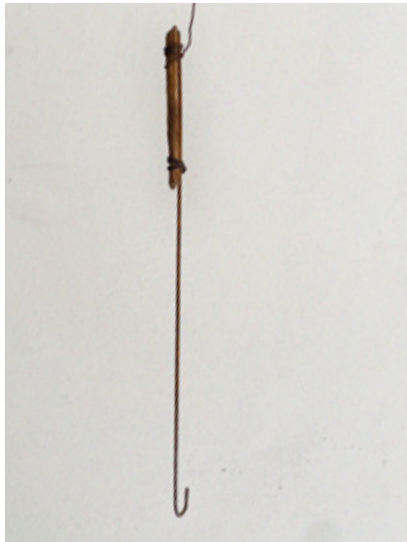
Foto: Cesar Oiticica Filho [Cortesia Projeto HO].

...

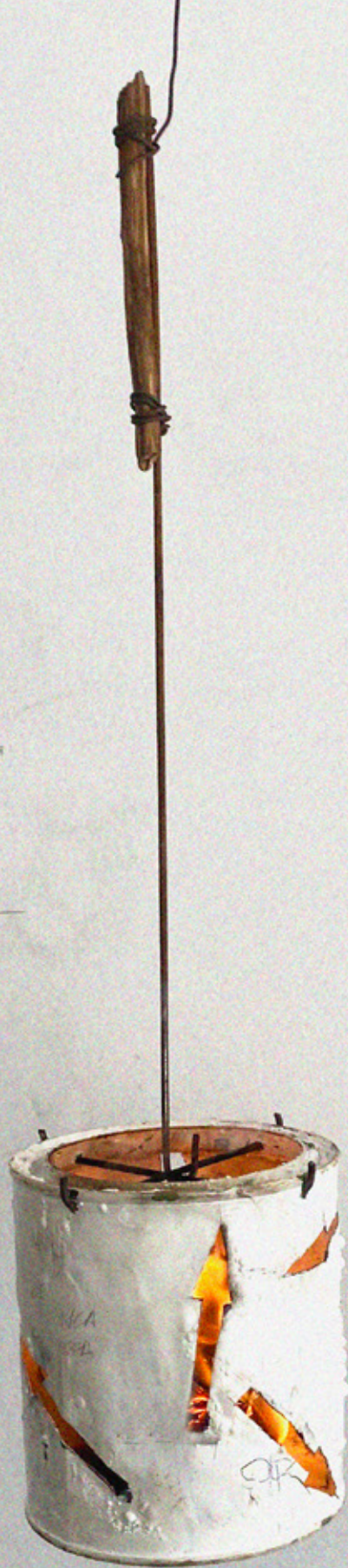
VÁRIAS LATAS, VÁRIAS PESSOAS CARREGANDO DESORDENADAMENTE O FOGO. COMO UMA MANADA DE VAGALUMES, UMA MATILHA DE LUZES, UM BANDO DE INCENDIÁRIAS, UM ENXAME DE VIDA, UMA ALCATEIA DE ANDARILHAS, UM CARDUME, UMA PRAGA, NÚVEM, COLÔNIA, TROPA, REVOADA DE LUZ. PEQUENOS FOGOS INTERNOS. NA CAMINHADA, IR DEIXANDO AS LATAS NAS ESQUINAS E QUINAS. NOS EIXOS DOS RODAMONINHOS.

imagens páginas 160-164:
Vagalume, 2022. Lata de tinta recortada e ferro enferrujado. Trabalho em andamento.











...

Em bando, caminhar pela cidade de noite carregando latas de tinta editadas [como as da imagem ao lado] com fogo dentro. As setas iluminam e evidenciam sentidos. Deixá-las pelo caminho.

...

Iluminar como um vagalume. Sinalizar o que é vital.

Os movimentos que me atendo falam de coisas imateriais de uma maneira muito viva. Isso que me interessa neles. A vitalidade. Sinalizar neste caminho o que é que nos atrai, ainda que seja trivial e instável. Sinalizar as pegadas ou fazer das pegadas um sinalizador. Imito o homem-fogo que sempre cruzo em meu caminho: *o fogo que nunca acaba*. Na maioria das vezes que chego ou saio do ateliê, cruzo com ele. Homem que sempre leva consigo o fogo, ou faz do fogo seu caminho.

*O poeta é um verdadeiro ladrão de fogo.*⁷⁶

Onde tem fogo, tem gente. Onde tem gente, tem linhas de vida. Escrever por essas linhas... entre elas.

...

O corpo que se move é a faísca pro incêndio.

O atrito do corpo com a rua é o verdadeiro fazedor de fogo.

...

Riscar um fósforo no corpo e ascender uma pegada.

Riscar outro fósforo: outra vida.

76 RIMBAUD, Arthur, 1875.

imagens páginas 164-169: Setas [recortadas de versos de lixas comuns] e lixas de fósforos costuradas em tecido algodão.

imagem página 168: Ana Mendieta, Hojas Rojas Silueta [da série Silueta], fotografia, 1977.

Fonte: The Estate of Ana Mendieta Collection, cortesia da Galerie Lelong, Nova Iorque.













...

Vi duas meninas de cócoras brincando no chão com tampinhas de garrafas plásticas. Faziam delas, uma grande luta entre cachorros histéricos. Saltitavam as tampinhas com as mãos, latiam. Tinham umas rosnadas também e alguns choques ferozes entre elas. Na brincadeira, que parecia fruto da monotonia irritante de crianças que esperam os afazeres dos pais, transmutavam as tampinhas em cachorros com facilidade, sabendo aproveitar os gestos ao máximo.

– VAMO BORA, LUZIA!

Devia ser a mãe ou irmã de uma delas. A menina de roupa verde se levantou em um salto e guardou em um de seus bolsos a tampinha-cachorro e correu com a mãe-irmã-mulher que a chamou. A outra, de roupa rosa, continuou sentada imersa em seu devaneio secreto.

Ao observar essas meninas verde-rosa, me lembrei de Giacometti quando foi fazer uma exposição em outra cidade que não a que morava, e levou todas as peças de sua exposição guardadas nos bolsos de sua roupa. Também pensei em Duchamp e seus pequenos museus portáteis: as maletas [*Boîte en valise*] onde fazia circular alguns de seus trabalhos.

Pensar em coisas que caibam nos nossos bolsos ou que consigam ser levadas pelo nosso corpo.



Calder fez um grupo de minúsculas obras que cabem dentro de uma caixa de charuto para o aniversário de Louisa, sua esposa, 1948 . Atualmente em exibição na Calder Tower na National Gallery of Art, Washington, DC (@ngadc).

77 Trecho elaborado a partir da escuta da aula concedida pelo filósofo Gilles Deleuze. *Anti-Édipo e outras reflexões – Aula de Gilles Deleuze*, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wtbLZaOpmDQ&t=4s>

...

Vagar pelas ruas pode ser também vagar pelo corpo. As linhas que seguimos, as estradas, vias, vielas, mas também as linhas de expressão, das mãos, da pele. Existem aquelas que são desenhadas a partir de escritos feitos como um devaneio, uma viagem, um processo.

Me mostram⁷⁷ esse caminho, essas linhas de

fuga. Me mostram que alguns fogem das linha visíveis, que não existe um trilho por onde o pensamento corre. Que dá para não caminhar sobre trilho. A trajetória se faz sobre ela mesma, cria-se sobre ela mesma. Em um terreno livre, sem linhas marcadas, ou com linhas enfraquecidas. O território do corpo, as linhas das mãos: elas não são as únicas. Tem também aquelas invisíveis, flexíveis, sedutoras. As linhas que percorremos, a do tempo: somos jovens e envelhecemos, mas também as linhas que nos fazem fazer uma careta, um gesto, um movimento, um traçado outro. As linhas, não *quais* elas são, mas *como* são. Como correm e se transformam, se

emaranham, embaraçam, se soltam. Como fazem isso: um processo. Não quero que as linhas se enrosquem nelas mesmas e girem sobre si mesmas. Quero que elas percorram cada milímetro do corpo, cada centímetro da terra. Memórias da Terra, memórias do corpo. As linhas das palmas das mãos, das cabeças dos dedos: digitais. As linhas de expressão. São visíveis, fieis, certeiras. As linhas de fuga são incertas. Acaba com toda certeza que temos... onde os fluxos acontecem com maior intensidade.

...

*O Chapéu faz o homem*⁷⁸ ?

A peruca faz o caminho?⁷⁹

...

As *andanças de incorporação*, quando se desdobram em *instauração*, não estão muito distantes do que percebo da brincadeira dos dois cachorros de rua brincando. As dinâmicas estabelecidas a partir das *deambulações* acontecem como uma situação de jogo. Todo esse *andar instaurado* se faz como um tipo de negociação e reverberação. Desenhar um movimento a partir de um outro, modificá-lo e tentar um gesto, seja por se usar uma peruca, ou sair com uma roupa metade azul e metade vermelha, é minha reação ao perceber outros modos de se movimentar.

A rua como tabuleiro; dois ou mais participantes. O tempo de jogo é indefinido e a língua de comunicação varia – dependendo de quem está envolvido.

Às vezes os contragolpes, provocações ou reações, são movimentos instantâneos que acontecem diante da instauração. Ainda que em intensidades e forças variadas, rápidos olhares, pequenos desvios, uma breve suspensão no andar, bate bocas podem e acontecem pelo choque direto com o participante que incorpora. Às vezes a reação necessita de certos momentos de silêncio..., de um certo tempo para se fazer perceptível.

78 ERNEST, Marx, 1920.

79 *A peruca faz de mim, outra?*

80 BASBAUM, Ricardo, op cit., p. 204-205. Trecho elaborado a partir dos escritos do artista Ricardo Basbaum, sobre a modalidade: conversa. Nesse trecho, me refiro a ideia de jogo, que não pressupõe, necessariamente, uma conversa. *Ainda que a conversa seja uma espécie de jogo.*

Vale dizer também, que não é sempre que o jogo se inicia, mesmo que o tabuleiro esteja posto e os participantes estejam presentes. *Nem sempre o corpo que veste, incorpora.* Para isso acontecer, os participantes precisam de *certa prática em como manter-se em um estado permanente de atenção e mudança [flexibilidade]*. Uma vez dentro dessa brincadeira, não se sai o mesmo... nem que se saia para longe dali, e não volte mais.⁸⁰ Alguma coisa se transforma no território do corpo e nas vias da cidade.

O jogo, com uma constante movimentação instável, tem seu eixo de rotação nos cruzamentos das vias. Aqui, a brincadeira é ambivalente: de festa a guerra. É um jogo sobre movimento, de movimento, diante do movimento. Jogo de incorporação e perseguição. E vice-versa. *A ordem dos fatores pode variar.* A ação de um participante interfere diretamente na movimentação do outro. Se permitir atravessar por outras movimentações, é a regra básica desse jogo. Sem cruzos, a brincadeira não se inicia. Os participantes não se fecham a uma comunicação sempre única e direta, verdadeira ou inflexível. Às vezes, são línguas distintas que se comunicam, sem se entenderem em suas totalidades. *Para o jogo se manter em mobilidade, os participantes não precisam ter as mesmas formas de comunicação.* Caso se abram ao que é exterior à sua língua particular, àquilo que dominam, *tocam língua com língua*, e o atravessamento acontece: uma língua se inventa.

Nas *andanças de vadiagem*, tentar instaurar alguma coisa, algum desvio, alguma rota de fuga no trajeto comum de alguém que também queira dizer [com o corpo todo].

Iniciar uma brincadeira, ainda que seja em silêncio.

Tentar estabelecer uma linguagem de negociação a partir desse silêncio, eliminando-se do jogo a intenção de finalidades e objetivos definitivos. O silêncio permite partir para um regime outro e pressupõe uma linguagem ainda a ser criada.

Com línguas desinstitucionalizadas e deslegitimadas, ou não, existe aqui uma especificidade da maneira que se comunica. *Como um beijo demorado, pra boca não esquecer.*

...

Você não tem que ser isso ou aquilo,

*Você pode ser as duas coisas.*⁸¹

...

Hoje estava muito frio aqui em São Paulo.

Muito vento. *Me sinto vibrando como uma folha.*

O vento que descabela foi elemento importante dessa trajetória. Me fez andar mais rápido, caminhar com pressa. Ao mesmo tempo, me fez perceber uma força que puxa para trás. Flechas que apontam contra as forças que impulsionam.

Tento deixar mais forte o que impulsiona e mais fraco o que pede para parar. A soma de vetores tem que resultar no mover...

Continuei percorrendo as ruas que já passei. Vi um homem dormindo, com seu corpo inteiro enrolado em seu cobertor, deitado no chão. Um grupo de mais homens se aproximando querendo ver o rosto dessa pessoa deitada, querendo saber se

⁸¹ SCOVINO, Felipe, op cit.,p. 198.

era mulher. Tiraram sua coberta, sem pedir permissão: era

homem? Queriam ajudar com alguma coisa. impediram o sono e o expuseram. Hoje também vi um ninho em uma árvore no centro da cidade barulhenta. *Passarinha presa ao ninho*. Não consegue se mover para fora dali. A impossibilidade de sair. ... Tentar correr com os próprios pés. Olhos correndo o risco de serem perdidos. Não vou deixar, embora eu me tente olhar para trás. Vou continuar a enxergar, embora isso implique em deixar coisas passarem. Fui a procura de mais.

...

— Menina, sextou ein! Sextou viu. Se sextou pra você, sextou pra eles também. Todo mundo quer farra na sexta. Esconde essa mochila, menina. Aqui é osso de baleia!!!
— quê?
— é matar ou morrer. Quem você pensa que é pra tá essas horas na rua, passando sempre pelo mesmo lugar? Olha que eles marcam você ein. Porque você tá sempre a pé? O que você tá aprontando? Você não trabalha não, é?

...

Colecionadora de movimentos e caminhos: escritas do corpo. Encontro coisas fora da classificação habitual. *Abrir os olhos para aspectos inadvertidos do mundo*.
O trabalho causado pelo descolamento contínuo, que *jamais perdeu sua magia, jamais perdeu seu mistério e jamais perdeu seu drama*,⁸² ainda que *nada demais* aconteça.

82 *Entrevista a Hans-Ulrich Obrist, janeiro de 1995. In BOURGEOIS, Louise. Desconstrução do pai, Reconstrução do pai. Escritos e entrevistas 1923-97. Cosacnaify, São Paulo, 2004. p.1. Louise Bourgeois diz isso em relação à sua infância, tema de seu trabalho. Para mim, o tema dessa minha pesquisa mantém seu mistério desde o dia que iniciei esse trabalho. As linhas não se fecham e não se definem.*

83 Não cercados.

imagens páginas 176-183: colares de ferro enferrujado, carvão, entulho e malha de arame de construção civil.

...

Pequenas janelas começam a aparecer.

...

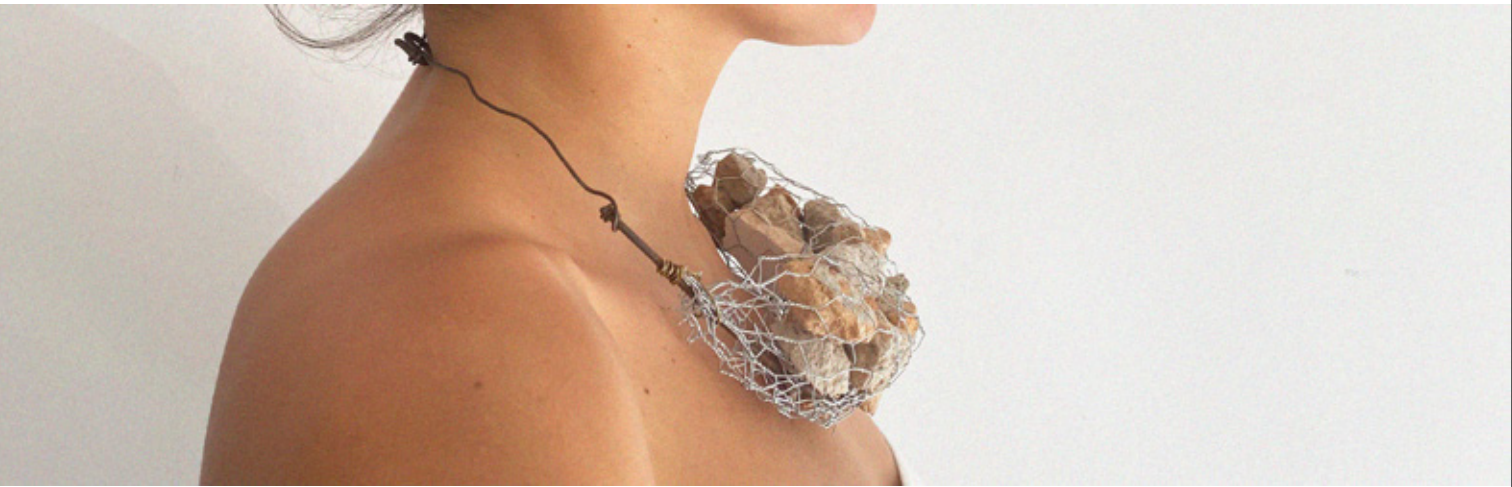
Desde que livres⁸³, o cachorro e a galinha podem conviver no mesmo espaço, sem um querer devorar o outro.

...

Eu caminhei muito, e fiquei muito pouco tempo sentada. Minha escrita foi feita nesses dois momentos. Muito mais no primeiro, embora o segundo tenha a importância de conseguir mostrá-la para vocês nessa mesa, nesse tipo de organização e compartilhamento de conhecimento.



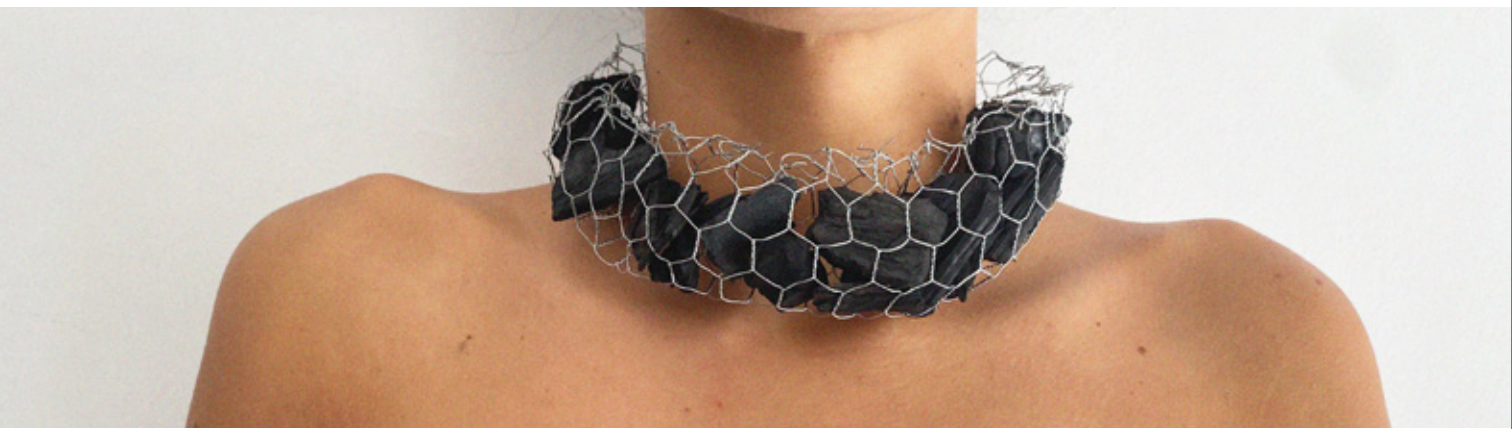


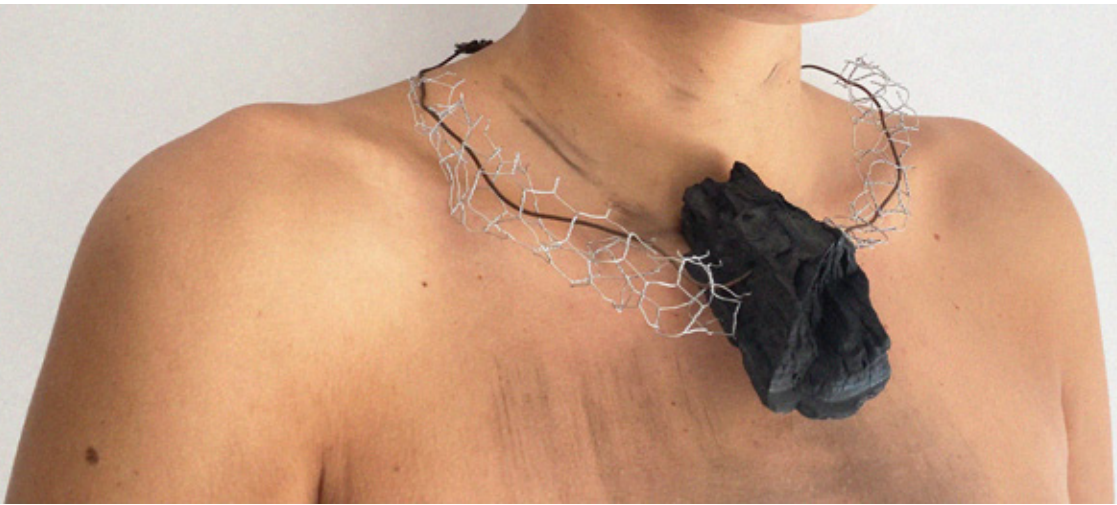












...

O que quero dizer aqui, é que é a partir da caminhada, aprendo a seguir e ser uma lógica de mundo que não seja classificatória, impositiva, binária.... A ideia é romper com esse dualismo como que muitos veem o território, a gente mesmo, nossos corpos, nossas cidades.

É muito simples na verdade... é pensar a caminhada desalinhada da ideia de futuro à frente do presente. É aprender a ver possibilidade de caminhada por todos os lados....em um território que se percorre, como quem anda por uma fita de Moebius.

Estou reaprendendo a me movimentar... reedito meus passos.

...

Agir uma escrita do corpo que implica ter vislumbres da invenção do vazio. *Hora do sonho.* Vaguear dentro de um vazio, sabendo para onde, mas não como. O trajeto de A a B [e vice-versa] pode ser feito por escritas [dos pés] vagas? As coisas que abrem a descoberta do corpo para quem se deixa atravessar e afetar pelo choque com outros ritmos, gestos, rastros e escritas; com outros mundos possíveis.

No vagar pode-se *encontrar a circunstância propícia para alargar seus/meus gestos, que se multiplicam, variam, se inventam, ampliando seu campo de possibilidade.*

Gostar de habitar e tentar ambientes não preservados do contágio do mundo. Público. E o que seria *público*? Estar na rua não basta. Como *ocupá-las* e não *as invadir*? Como criar uma situação de engajamento do corpo? Acredito que isso seja público. Instaurar algo e não impor. Seguir um GPS ou as sinalizações mais *convencionais* da rua, obedecer a certos signos, caminhar por uma estrada bem projetada é como ímã. *Uma conversa se inicia.*

Ainda que com as linhas emitidas pelas escritas de propriedade desenhados sob nossos pés, manter abertos os ouvidos nas pontas dos dedos dos pés. Exercitar e exercer uma presença ativa, ainda que vaga, que permite o contágio com outros modos de mover. *Mostrar que meu corpo está à escuta.*



Visto roupa
Feita de asas de cigarra --
Agora já posso cantar!

Amoreira já com frutos
Para a borboleta que os suga
É este o seu vinho de eremita?
O saco de arroz vazio --
Que belo capuz
Para enfiar na cabeça!

Com o feno às costas
O homem vai riscando
A paisagem de verão



...

Enquanto caminhava por debaixo do Glicério, me lembrei dos espíões durante a guerra, que conseguiam esconder as coisas, engolindo-as. Quis me esconder em minha própria garganta.

Andar por debaixo do Glicério enrolada no manto do esconderijo [manto garganta].

84 Poemas soltos de Matsuo Bashō [Tóquio, 1644 - 1694] poeta japonês. Matsuo era professor, mas renunciou a carreira e a vida urbana para vagar por todo o país e ganhar inspiração para seus escritos e haiku. Seus poemas são influenciados por sua experiência direta do mundo ao seu redor.

...

Hoje cruzei pombas se molhando em uma poça d'água; urubu voando e planando no meio da rua, dando outra perspectiva do céu e do espaço entre os prédios; também cruzei com uma mulher que falava-berrava olhando para o céu, enquanto andava. Tiveram ruas que não entrei. Fazia tempo que não vinha a pé... e no caminhar me fiz lembrar que não era possível virar antes da rua São Paulo, senão teria que atravessar por baixo da ponte do Glicério. *Não tem como fazer isso, nem mesmo a luz do dia.* Senti como os caminhos vão ficando limitados. O medo diminui muito dos percursos.... as linhas que emito ao andar se espalham quase sempre pelas mesmas ruas. De qualquer maneira, isso não impede que essas linhas se diferenciem em possibilidades infinitas. Ainda bem que existem movimentos que permitem essa amplitude de diferenciações... os seres que transitam pelas mesmas ruas são diferentes a cada dia. Assim como eu. Se não tudo seria muito aprisionador.

Fazer uma roupa: para me sentir segura. Para não ter medo.

Isso é impossível. Sempre há o medo.

Como mostrar que meu corpo está em alerta? O que evidencia o medo em mim? Continuei andando e persegui um cachorro com rabo entre as pernas. Pensei nas coleiras, imaginei colares-guia.. colares em contrução. Cruzei com cachorros que não consegui acompanhar, ou não quis... tentei seguir um que observei andando muito rápido. Corri atrás dele, mas logo o perdi de vista. Depois o encontrei novamente.... o perdi de novo. Um outro cachorro que vi no meio do caminho, só segui com a câmera. Deixei-o caminhar sem ser perseguido. Um outro, preto e de patas brancas, atravessou a faixa de pedestres e parou no ponto de ônibus... achei engraçado. Teve ainda outro, de rabo-espanador, que corria e latia. Não sei muito bem para o quê e nem para quem.

Passei em frente a um brechó de duas senhoras simpáticas. Entrei na loja e experimentei roupas legais que estavam à venda. Comprei duas peças, uma azul e outra vermelha. Senti vontade de e editá-las e depois devolver para o brechó novamente.

Um novo circuito? Ou curto circuito?

...

Estou muito cansada para andar, mas não tem o que fazer.

É o único jeito.

Só que não sei se faz mais insistir no que antes tinha sentido: de tudo precisar acontecer nesse mesmo trajeto. Por que tenho que sair de lá e chegar sempre ao mesmo lugar? Os deslocamentos cotidianos se ampliaram novamente. O desvio no trivial permanece. ...

...

DESVIOS: SABER PISAR.

ATRAVessar CAMINHO/ABRIR CAMINHO: ARRANCA TOCO.

CRUZOS: ESBARRÕES EM CRUZAMENTOS.

CRUZAMENTOS: POSSIBILIDADES. o contrário de Descartes e seus caminhos e linhas retas. ou ainda: ONDE ESBARRAMOS E LEVAMOS UM POUQUINHO DO OUTRO.

MOVIMENTOS E ASSENTAMENTOS: UMA POSSIBILIDADE PARA QUE HAJA UMA MATERIALIDADE DAQUILO QUE A GENTE NÃO VIU. O QUE SE PODE E O QUE SE DEVE ASSENTAR.

...

Do metrô Vergueiro até aqui, vim andando. Um moço me parou.

– *Hoje vai chover. E apontou pro céu.*

– *Mas o céu tá muito azul. Não tem uma nuvem.*

– *Tá muito bonito pra não ficar feio.*

Não choveu.

Ou ainda:

Um homem encostado em um poste me olhou de cima abaixo quando passei por ele, e gritou grosseiramente para mim: VA-GA!

Pensei no vago.

À parte toda a estupidez e mediocridade desse comentário, que curiosa coincidência ele não ter terminado a palavra que imagino que queria dizer.

...

Senti raiva no trajeto.

A mulher que caminha

– *vadia!*

Sabe a cada passo que é mulher.

Não podem esquecer.

Nas ruas, o seu corpo nunca permanece em segredo.

Parece até que são raras as mulheres,

Mesmo sendo metade do mundo.

Esse é o limite que se consolida no sexo oposto, e a impede.

Como pode o homem privar metade do mundo a andar sem medo?

Como pode se sentir sempre – invariavelmente, sempre – invadida no ato de andar?

O vermelho interior é *obrigadamente*,

exigido a se tornar vermelho exterior.

Só que o vermelho não é mais o mesmo...

Fica mais apagado e cada vez com um pouco menos de vida.

Parece...

...

EU QUERO ME MOVER

EU QUERO SER MOVIDA

EU QUERO CAMINHAR

EU QUERO PERSEGUIR

EU QUERO TRANSFORMAR

EU QUERO FALAR

EU QUERO SENTIR

EU QUERO TIRAR A POEIRA DOS PÉS

EU QUERO CORRER

EU QUERO NÃO TER MEDO

EU QUERO ENCONTRAR MOTIVOS

EU QUERO TENTAR

EU QUERO ABRIR CAMINHOS

EU QUERO ERRAR CAMINHOS

EU QUERO DESVIAR

ME DEIXE

...

Qual tipo de presença a mulher-que-sou pode ter na rua? O que está autorizado a circular ali? O que, do meu modo de mover, pode oprimir outras escritas ou o que dela se oprime pelo ambiente? Pelas andanças acho que vamos construindo e desconstruindo não só trajetos, como a noção idiota que nos ensinaram, de identidades fixas. Ainda assim, nossa imagem é carregada de símbolos, de códigos de comunicação. Ao alterarmos qualquer peça que componha essa imagem, a comunicação muda.

Quando se edita essa imagem, ou a transforma, assim como o vestir de uma peruca, guardadas as evidentes diferenças de contextos, o que parece importar em ambos os casos é a elaboração de gestos e a adoção de estratégias que subvertam o que é dado como certo e estável, promovendo a desregulação dos corpos e sua "comunhão com o ambiente".⁸⁵

Ficar atenta aos códigos.

Mais uma vez aproximando a escrita ao caminhar, penso nas peças feitas e incorporadas a partir das *andanças de vadiagem* e as relaciono com as palavras de um texto escrito.

Como uma "retórica" elaborada não com palavras, mas com o corpo. São possíveis analogias entre figuras de estilo de linguagem e "figuras ambulatórias".⁸⁶ Reformular, moldar, transformar, flexibilizar percursos pelo corpo, assim como tentar o mesmo com as palavras em um texto. Os objetos de vestir se aproximam da ideia das palavras aqui, sendo que cada palavra pode ter inúmeras interpretações e significados, dependendo com o que se associa e também de quem a lê. Toda uma narrativa constrói seus sentidos e fluxos. O modo de caminhar [in]define seus significados. Compreender nosso corpo como uma superfície, assim como a página e o chão, que está em construção. As peças de roupas como palavras que deslocam significados, emitindo escritas ambivalentes [que carrega em si dois ou mais valores ou poderes contrários ou não].

...

Ousaria dizer aqui que todas as linhas traçadas nesse trabalho estão marcadas pela presença insistente da palavra e texto, ainda que isso não seja tão explicitamente visível. Seja pela inscrição no próprio objeto e/ou superfície, seja pelos relatos como enunciação para se pensar e marcar de alguma maneira o próprio processo. O que faz essa discussão aparecer, são tam-

⁸⁵ Hélio Oiticica: *a dança na minha experiência*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. p. 26.

⁸⁶ DOS ANJOS, Moacir, op cit., p. 34.

bém escritas: os desenhos, as roupas, as pegadas, fazendo da linguagem: *coisa*.

...

Movimento da mulher em espiral. Estar suspensa indica certa passividade. Alguém, ou algo, a controla. Estar presa ao

teto e ao chão é um certo misto de passividade e atividade. Cada pensamento aqui transposto em matéria, é uma maneira de dizer. Não desisto de falar sobre o que vejo, mas ainda preciso aprender como dizer, pra ser entendida melhor. Ou mais amplamente. Agora, todo percurso sinto que não vou ter tempo o suficiente para dizer tudo o que quero a partir dos deslocamentos. Venho sofrendo pela maneira como as palavras se desgastam aqui. Ando meio desconfiada do que digo e do que dizem. Todo mundo mente. Mente quem dizer que não. Me perguntam se tudo isso que escrevo aconteceu. Eu respondo que sim, porque é verdade. Mas como confiar nessas palavras? *Você pode mentir o tempo todo com as palavras e ninguém descobrir.* Com a experiência não. As palavras já não me satisfazem como antes... a tentativa de olhar bastante para o deslocamento como experiência, e aqui compartilhar, é também buscar movimento na maneira de dizer. A experiência no objeto – e o objeto no corpo – e a experiência do corpo-objeto. Procuro me movimentar porque é assim que a vida é, e ao mesmo tempo desejo e não quero me afogar no movimento. Não ficar girando sobre meus calcanhares e entrar em uma espiral frenética que não sei mais como sair. E perceber que corri tanto atrás do deslocamento, que nunca consegui permanecer. Atropelada pelo medo de parar. *Estar sempre dentro e fora dos limites... uma dupla e um mundo fechado.*

...

Se mapear os trajetos em folhas de papel têm sido um primeiro passo a impulsionar uma compreensão de outras noções de escrita, assim como uma maneira de entender o que meu próprio corpo carrega de signos e comunica à rua e seus povoamentos, as *escritas de instauração* são maneiras de responder a tudo isso e ativar outros corpos possíveis existentes em meu próprio corpo: experimentar outras rotas em uma mesma rota, mais uma vez.

Em uma contradição talvez limite, me questiono se os gestos dessas *escritas incorporadas* acabam sendo trabalhos artísticos ou não. Que tipo de incorporação estamos falando aqui? De qual intensidade? Ao mesmo tempo em que não entendo isso como uma produção de arte, acredito que a experiência se torna, por alguma razão, artística.

O que entendo é que são vestígios, rastros do ato criativo.

Não só isso.

São também, assim como os desenhos feitos em papéis, uma espécie de mapa imaginado que recria situações, as edita, as correlaciona e, por isso, instaura novas escritas e novas cartografias. Cria-se uma espécie de circuito.

[Essa] *escrita se confunde com a invenção de territórios e ritmos, ao vivo. Assumindo traços performativos, tenta acompanhar uma fala que percorre rapidez e viscosidade.*

87 *ibid.*, p. 36.

*São invenções gratuitas e improvisações triviais.*⁸⁷

O vestir acaba sendo um elemento muito estruturante nessa descoberta do corpo. Abre meu corpo a outro tipo de experiência. Acredito ser preciso viver o que se veste, deixar-se misturar com a roupa. Como uma mão que segura uma caneta: existem múltiplas formas de segurá-la para se escrever na superfície da página. Sinto que vestir uma roupa, muito se assemelha a pegar uma caneta com minhas mãos. É preciso incorporá-la para se escrever na superfície chão. Veja, é importante dizer que esse pensar não quer dizer que todas as ações na rua que ando experimentando entendo como incorporações. Apenas existe um pensar e tentar isso, muitas vezes feitos até depois do vestir-se e deslocar-se. O que talvez aconteça é uma experiência de entender que, em meu próprio corpo e identidade, ainda existem espaços vagos ou até vazios. Ocupá-los por um período não significa preenchê-los eternamente, mas permite o sentir ocupar um lugar e vislumbrar suas possibilidades. Abrir o corpo à experiência e abrir minha imagem à transformação. Entender a mutabilidade do corpo, entender que não somos fixos e que não temos um centro estável. A prisão de nossa imagem e corpo implica uma noção muito restrita em relação aos nossos movimentos e territórios. Acrescentar pequenas invenções no nosso andar, perseguir e estabelecer lugares possíveis para elucubrações, invenções, errâncias, fugas: tá aí a vitalidade que vejo nos lugares proibidos, interditados, vagos. São lugares de potências.

...

Quando estava andando hoje, passei por um terreno baldio que nunca tinha visto no caminho. Ali vi todo meu trabalho... vi tudo o que penso sobre arte, ainda que nenhuma.... O terreno baldio me deu meio que uma vertigem: tara pelo vazio.

O que fazer agora?

—Moça, melhor você não ficar aqui sozinha. É meio perigoso.

...

Lugares vazios deixam abertas possibilidades de invenção do caminhante. Fragmentos, materiais que pegamos das ruas e coletamos, são simbólicos na performance do trajeto. Imagino esse modo de escrever do vagar, em que não se pretende representar e nem estabelecer personagens estáveis. Pense em uma escultura que tem a base mais fina... para mim indicam maior fragilidade; maior instabilidade. As personagens de Louise Bourgeois são assim. Passageiras. Agora veja, personagens consolidados com a base mais grossa – como as esculturas de Giacometti, mesmo que depois seus corpos se afinem um tanto. Sua base, sua história, indica uma outra coisa: uma vontade de ficar, de permanecer. Uma estrutura mais firme, mais difícil de mover. Aqui, vejo tudo como Louise. O movimento está na estrutura: nos pés, na intuição.

...

É bem provável que os trajetos vagos que acabo seguindo tenham sido feitos/agidos de maneira inconsciente, sendo capaz de nem terem sido imprimidos na memória. O que me faz lembrar deles é que ao segui-los eu não estou agindo da mesma maneira, andando ao acaso. O trajeto que faço atrás do vagar é um trajeto do desvio. Desvio? O que faz com que consiga lembrá-lo e cartografá-lo quando chego em meu ateliê é que tem mais a ver com o fazer.

Ainda que o motivo pelo qual sigo essas pessoas não componha uma explicação muito precisa e clara. O caminho que faço anda por uma estrada que se constrói a cada passo. Vou abrindo uma picada com meus pés, por meio de outros pés.

Não tem um caminho preciso, é como uma fuga para mim – de mim. Um escape do meu corriqueiro que permite ampliar minha noção de escrita, de deslocamento, da rua. As linhas que se desenham pelo meu movimento *vadio*, não fazem parte nem do projeto pensado, nem mesmo se constitui pelas linhas erráticas. Ainda assim, seguir os erráticos pode me faz emitir linhas de fuga. Estas se inscrevem nas superfícies pelas quais me movimento, sem deixar de aparecer um traçado – como uma ranhura – que evidencia uma transformação, um deslocamento: me leva para lugares que não iria escrever sozinha. Como os cachorros que brincam, e seus gestos ressonantes.

Pensando nos mapas feitos nos papéis, a linha de desvio se forma a partir de linhas erráticas. Um duplo fio que às vezes se confunde. *Ainda assim são dois, mesmo que sejam um.*

...

No contexto de pandemia em que vivemos, que se faz por tão poucas incertezas e acasos, foi muito importante para manter meu corpo em movimento e em diálogo, escutar esses desvios. Tentar junto com eles. Imitando, inventando, perseguindo, incorporando. *O acaso como método de organização: umas das formas mais eficazes de conseguir resultados não intencionais e espontâneos, mais coletivos e menos individualizados.*⁸⁸

Os ritmos que ainda que muito pessoais, combinavam um interior coletivo. Os gestos e os passos, acredito que fazem parte de um universo contagioso. Um contágio pela estranheza, pela liberdade, pela falta de verdade única. As pluralidades dos movimentos como experiências de modos de entender a superfície chão, redesenham a cidade em que piso, assim como o corpo que se desloca. Propõem uma mudança na superfície do papel, assim como na mão que a desenha. As linhas que são elaboradas por/com os movimentos das

escritas vadias não são aleatórias, mas tem momentos de imprevisto a partir da experiência do cotidiano. Algo como gestos intuitivos. *Um retorno ao movimento como forma de encantamento.*⁸⁹

88 HÉLIO Oiticica: a dança na minha experiência, op cit., p. 58.

89 ibid., p. 63.

As experiências aqui compartilhadas não são nem aleatórias e nem puramente espontâneas, mas fazem referência a movimentos coletados, perseguidos, imitados, extrapolados da rua e suas instabilidades. Uma apropriação de formas e gestos triviais.

Sinto que esse trabalho é infinito. E gosto disso. Um círculo que não se fecha. Afinal, como diria Maurice Blanchot, *escrever é o interminável, o incessante*. Encontro, nessa escrita do trajeto, a mistura da palavra, do corpo, do movimento, da cor, do gesto, do rastro, da língua, da contaminação... como a vida .

...

Com que direito uma linha se sobrepõe a outra? Quem autoriza uma escrita a, de fato, existir? As escritas que são oficiais sobre o chão que piso nas andanças de vadiagem são as desenhadas pelo Estado. Linhas de poder, de divisa, de ordem e obediência. Ao pensar nessa escrita sobre a terra, tão impositiva e poderosa, gosto de acompanhar o artista mineiro Paulo Nazareth em seus deslocamentos e materializações visuais, porque aprendo com ele proposições a partir de deslocamentos físicos, profissionais ou identitários. Que funcionam como um *modus operandi* poético. Como um nômade, vejo uma escrita cheia de desvios e rotas de fuga. Se esquiva do sistema dominante. Desconstrói a ideia de limites territoriais, de um lugar fixo para morar e cria pequenos espaços de liberdade em meio à violência da ordem social imposta. Em seu blog pessoal, Paulo Nazareth comenta que em seus longos trajetos que realiza a pé, através do seu corpo e da sua imagem, questiona a noção de nação, de identidade e fronteira.

*mi concepto de patria todos los días se expande... nacido en Brasil soy latino americano, siendo latino americano soy tambien mexicano... soy parte de cada tierra por donde pisaron mis pies... no hay como separar estas tierras con una linea imaginaria llamada frontera... quiza sea por eso que llevarom el muro al norte: un intento de impedir que Mexico siga siendo Mexico adentro de Estados Unidos.*⁹⁰

Ler isso – essa sua escrita contaminada, esse seu movimento contínuo – é para mim, sentir vibrar outras variedades infinitas de escritas. Escritas que traduzem povoamentos que experimentam uma maneira fluída de ocupar a terra. Um modo de existir que não seja tão preciso, permanente, imutável – como o pensamento fundante colonial-moderno –, representado pelos contratos de terras e fronteiras geográficas e políticas.

Ao viver esse contexto pandêmico, muitas pessoas tiveram que passar dias praticamente

90 NAZARETH, Paulo. *Paulo Nazareth, Arte Contemporânea/LTDA*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012. Livro sem numeração de página.

inteiros entre quatro paredes, para evitar que a contaminação do vírus seja ainda mais incontrolável. *Linhas imóveis*. O trânsito do corpo, como essas longas caminhadas do artista, já não foi/ou não é, possível para muitos.

Será que quando o corpo não pode se mover, quando não podemos nos misturar uns com os outros, sentir o calor dos corpos, tocar língua com língua, contaminar nossos gestos, isso significa necessariamente fixidez?

Que não conseguimos ver outros corpos? Ser outros corpos? Pensar que o deslocamento dos corpos pode também acontecer por meio do deslocamento de ideias, conceitos.

Metamorfoses. Corpos sem limites, ideias sem contornos. Mutáveis. *Linhas em movimento, ainda que estáticas*.

Pensar o deslocamento é pensar também no que impede ou no que pressupõe a fixidez: o não-movimento, a não-transação. Quais linhas nos aprisionam. Olhar para os conceitos formados, poderosos, duros e intransigentes, é enxergar também o gesto que obedece. Enclausurado. Pensamentos que habitam um corpo cercado. Definido. Contornável. Limitado: fixo. Um gesto que marca um tipo de forma de fazer vida. Mas quais e como são os outros modos de existência? Como a variedade infinita de existências se torna real? É possível se deslocar pela linguagem? Fazer escritas que coexistam em seus dissensos? Entender como existem formas de escritas na terra que são geradas por uma movimentação do corpo, mas possíveis também por um [quem sabe] trânsito do pensamento; da comunicação; da linguagem. Investigar *isso no campo das artes é aliar-se a pluralidade dela, que vem das diferentes maneiras de fazer existir um ser, de tornar real uma existência. Fazer da arte/filosofia uma exploração das maneiras de ser. Estudar as maneiras pela qual os modos saem do Ser. A arte seria aquilo que rompe, aquilo que transforma a epistemologia tradicional, onde exercita-se resistir a ser fixo. Ser artista é isso. É ser nômade.*⁹¹

...

Pela sola: separa-se o chão do pé.

Como aliar, pela sola, o chão e o pé?

*“onde colocar os pés?”, “Como você vai andar?”, “E se não andar?”, “O que acontece se isso não anda/funciona [...]” “Quando andar – e por qual razão – andar?”, “Quem anda?”, “Com quem?”, “Com qual?”, “Sobre os pés de quem?”, “Quem faz andar quem?” “O que faz andar quem ou qual?” etc.*⁹²

...

Pisar no chão novamente.

Recolher pedaços dispersos do comum.

⁹¹ MEIRELES, CILDO, op cit., p. 53.

⁹² DERRIDA, Jacques. *A verdade em medida*. 2015. p.8.

...

Saí de minha casa em direção ao metrô Faria Lima. Até chegar lá, nunca tinha reparado tão atentamente o entorno como nesse dia [nos *prédios periféricos*]. Nesse começo de

percurso, não costumava olhar os movimentos fugidios ativando aquele tipo de presença necessária, como faço quando chego mais próxima ao centro da cidade, já mais distante de minha casa. Só que nesse dia cruzei com um homem de movimentação mais improvável, antes mesmo de entrar no metrô. Ouvindo música e dançando – *dançando sem parar* –, o homem tinha um caminhar que se fazia como uma coreografia de um espetáculo. Ao andar, ia se dobrando todo ao ritmo da música que só ele escutava. Não dançava para trás ou para do. Ficava andando-dançando, sempre em deslocamento. Em um rigor de movimentos que o corpo parecia se fragmentar e aglutinar repetidamente. Por meio de micro gestos, todas suas articulações eram vivamente ativadas. Ou melhor, parecia que pelo seu corpo se espalhavam mais pontos flexíveis do que os outros a nossa volta.

Senti um certo pânico ao observá-lo, porque não via possibilidade dele parar. Era como se estivesse dominado, em transe, sem nenhum anúncio de descanso. Por algum momento, achei que teria que ajudá-lo a cessar. Acalmá-lo, tirar seus fones de ouvido invisíveis, ou até mesmo amarrar seus cadarços uns nos outros...

Por alguns instantes seu corpo parou e se assustou ao se chocar com sua própria imagem refletida na fachada espelhada de um prédio da avenida. Largou a sacola que carregava e apoiou sua mochila amarela no chão, e ficou dançando em frente ao vidro espelhado. Permaneceu lá por vários minutos. O segui com meus olhos e corpo todo do outro lado da avenida, ainda escutando sua dança-caminho. Parou para conversar com um segurança de outro prédio, cantou algumas poucas mulheres que passaram por ele. Entrou em um café. E de lá, não saiu. Sempre dançando... Permanecendo ali em um ritmo incontrolável, incansável, incompreensível. Esperei por ele, até que depois de exatos 43 minutos, acabei retomando meu caminho, sentindo oposto ao que ele percorria. *A dança ajuda a mudança.*

Em um outro dia, fazendo o mesmo percurso de casa ao metrô, cruzei com o mesmo homem novamente: ainda em seu caminhar vadio de coreografia errática. *É assim que é* – à sua maneira dançante, segue para frente, para os lados, para trás...

A fantasia da realidade do progresso, de seguir otimizando tempo-espço, de olhar só para uma direção e esquecer de agir pelo lado intuitivo de nosso corpo, é grotesca. Sem sentido. A ideia de querer explicar e fazer tudo por uma racionalidade irritante, o olhar sempre reto, é uma piada. Uma piada muito ruim ainda por cima. Penso se essa dança que vejo nesse homem, nesses dois dias, está em todo o mundo. Ou nele, todos os dias. Por dentro. Inerente. Definidora. A marca que me atrai é esse vestígio de desobediência. Está lá, antes de seu sinal aparecer. A marca que precede a desobediência, que abrange a desobediência e confunde qualquer explicação e qualquer entendimento.

Nesse segundo *cruxo*, não segui o homem. Tampouco cheguei ao ateliê.

...

Escritas de deriva, vaga, vadia. Escritas de instaurações, de elucubrações...

Os distintos modos de escritas e suas nomeações que comentei até aqui, funcionam mais para iniciar um pensamento. Dentro desses modos de escritas, entendo que um pode se encontrar dentro do outro. Eles se esbarram, se borram, às vezes podem até se contagiar, ainda que vagamente. Outros modos se sobrepõem, fragmentam, tentam apagar uns aos outros. Essa espécie de nomeação não tem como intenção separá-los com uma linha rígida e inflexível. Funcionam para mim mais como manchas, borrões. Não existe um dentro e um fora tão definido [a não ser nas escritas de divisão e de ordem].

Existe ainda um outro modo de escrita, uma outra forma de fazer mundo, que também anima esta minha experiência. São elas as *escritas de evocação*: algo como uma voz que evoca um desejo, uma ideia ou um acontecimento, inscrevendo e vivenciando o solo como superfície de ação. Não encontrei essas escritas na rua e em meu trajeto diário. Caminho pelas palavras de Conceição Evaristo, em seu depoimento *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*.



Marco Zero de Brasília, cerca de 1957. Foto: Mario FONTENELLE, cortesia Arquivo DF.

Nesse texto, a escritora nos conta sobre as primeiras escritas que teve contato quando criança. Como lavadeira, vivenciou a escrita em sua função utilitária. No momento em que iam devolver a roupa limpa às suas patroas, estas faziam uma leitura da lista de roupas para conferir se as lavadeiras tinham devolvido tudo que as haviam entregado. Escrita e poder. Penso também, *muito mais*, no desenho do sol que sua mãe escreveu na terra. Conceição Evaristo acredita que foi seu primeiro contato com a escrita. *O sol de sua mãe me*

faz lembrar o X no planalto central do Brasil, o marco zero de Brasília. Modos distintos de escritos na terra, de tradução e evocação de cosmologias outras.

O gesto do corpo de sua mãe, o vestido arregaçado, a posição de cócoras... o graveto que marca o chão, que escreve o território. A escrita é corpo aqui. Escrita como algo que vem do solo. Que vem da terra. *A grafia desenho de sua mãe. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. [...] Desenhar um sol na terra para evocá-lo.*⁹³

Escritas de poder/divisa/posse/fragmentação, envolve um caminhar sobre o chão. Esse é apenas um jeito particular de se estar no mundo.

As escritas vadias se apropriam de modos de mover que desenha uma *existência regida por outra coisa que não o que a linguagem supõe, carrega e implica: o rendimento e o sentido*.⁹⁴ Provinda de um modo de existência anônimo, de uma língua sem linguagem, assujeitada, e aquela que também se apoia no corpo e no seu gesto, assim como tudo que dali se ranhura. Uma escrita do agir: do gesto desinteressado, o movimento não representacional, sem intencionalidade. É quase uma escrita ante palavra que suspende o privilégio do projeto pensado. É preciso *limpar o terreno constantemente, livrá-lo do que recorta o mundo em sujeito/objeto, vivo/inanimado, humano/animal, consciente/inconsciente. Só assim é possível traçar as linhas de errância, estabelecer lugares*.⁹⁵

Abandonar – com urgência – tudo o que distingue as coisas do mundo, em dois.

93 CONCEIÇÃO, Evaristo. *Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita*. In: Representações Performáticas Brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces. Marcos Antônio Alexandre (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 17.

94 PÁL, PELBERT, op cit., p. 327.

95 *ibid.*, p. 300.

96 <https://francisalys.com/looking-up/>

imagem: cruzamento no centro de São Paulo, Anhangabaú.

...

Das escritas imóveis:

– Sai da minha frente. Quero falar isso sem pedir licença. Não tenho certeza se foi para mim... mas só podia ser. Estava parada em cima de um degrau do escadão da Igreja da Sé, olhando para os acampamentos na praça. Foi aí que uma moça dirigiu essa frase a mim. Ela estava sentada nesse escadão, olhando para o céu e eu provavelmente estava atrapalhando seu campo de visão.

Saí da frente e me sentei próxima a ela. Fiquei lá por exatamente 1h33 minutos. Não trocamos uma palavra, mas fiquei observando-a e olhando para onde olhava.⁹⁶ Acho que era

para as nuvens que estavam muito agitadas naquela tarde. A mulher, que vestia roupas coloridas e coladas ao corpo, não estava interessada em nada que não fosse aquele céu, aquele momento.

Parecia que nenhum compromisso a tiraria dali, nem que fosse mentalmente. Estava ali, quase imóvel, em uma presença alarmante. Me desviei em seu deslocamento estático, tão forte, tão presente, tão único em meio aos corpos frenéticos que nos envolviam.



...

Um pião girando sem sair do lugar.... escrever nele a palavra *imóvel*, de maneira que só daria para lê-la quando o pião estivesse em movimento, rodando por sua base [ideia do Cildo Meireles].⁹⁷

Manter-se imóvel como o pião que gira sobre seu próprio eixo. Como o cão que corre atrás do próprio rabo e nos entoa a noção do movimento em toda sua pureza do giro, sem rendimento ou sentido. Que se mantém imóvel pelo seu movimento sutil, quase imperceptível [dependendo de como o vê] ... Sua escrita imóvel como a moça sentada na praça da Sé. Parada? Ou ainda: manter-se imóvel como um beija flor que para no ar.

Tento riscar essas trajetórias que permanecem *estáticas*, nas cartografias sobre os papéis. De princípio não consigo.... imagino o próprio ato de desenhar como uma *escrita imóvel*. *O desenho é algo tão frágil e veloz como um beija flor.*⁹⁸ É um processo muito rápido... *só não é mais rápido do que o pensamento*. Ainda assim, meu corpo quase parado, *gira um mundo* ao traçar as páginas. O mais habilidoso seria conseguir incorporar o giro do pião com as mãos e o corpo, sem interromper seu movimento.

*Em princípio, tudo é desenho. O poema que Anchieta escreveu na beira da praia, no litoral paulista, pode ser visto como desenho.*⁹⁹ [...] *Mas há também o desenho em que você marca ou altera uma superfície, estabelecendo com ele um vínculo corporal. O gesto, o arco da mão, o dedo, o osso.*¹⁰⁰

Os desenhos se diferenciam pelo modo como o atacamos. Talvez pela rapidez de sua materialização, sinto que é um meio de expressão bem impulsivo, intempestivo... irracional. As coisas se desvendam no fazer... e às vezes até depois do fazer. Existem como um sentimento fugaz, um pensamento fugitivo... caem como um relâmpago. Essas cartografias são a materialização desse sentimento, pensamento... dos relâmpagos que caem na rua. Relâmpago-desenho.¹⁰¹ Que atravessa, explode, transforma a rua e as relações que as compõe.

Tento riscar o papel sem o medo de errar. Passar a borracha não seria suficiente para apagar o traçado: o vinco do lápis no papel já teria sido feito. A borracha não desmancha o sulco.

97 MEIRELES, Cildo, op cit., p. 195.

98 ibid., p. 195.

99 ibid., p. 196.

100 ibid., p. 197.

101 ibid., p. 202.

102 Howardena Pindell é uma artista, curadora e educadora norte americana.

...

Howardena Pindell¹⁰² iniciou em 1973 sua série *Video Drawings*, em que desenha de forma intuitiva, uma composição de setas, linhas e números feitos sobre folhas de acetato, colocadas em frente à tela da televisão que ficava em seu estúdio. Inicialmente, fazia esses desenhos sobrepostos a



Howardena Pindell, *Video Drawings: Swimming e Hockey*, 1975. Collection Museum of Contemporary Art Chicago, Anixter Art Acquisition Fund. Cortesia do artista e da Garth Greenan Gallery, Nova York.

compreendi melhor minhas composições depois de ver as dela. Entender tudo em fluxo, mesmo quando se pressupõe uma estabilidade controladora. Onde o que se diz estável, parece que é por estar tudo bem, só que na verdade é um mecanismo para manutenção do controle por certos discursos, símbolos, territórios. As setas, linhas e X cortados por mais linhas e setas, trazem todo um pensamento da inconstância de nossa identidade e de nosso território. Uma desconstrução de estruturas de autoridade.

eventos esportivos: jogos de basquete, beisebol, competição de natação etc. Aludindo com suas notações, movimento, velocidade e direção desses jogadores. Em 1988, Pindell retomou essa série agora colocando o acetato sobre noticiários e eleições que eram televisionadas. Especialmente nesse período, as composições somavam aos vetores e números, algumas palavras. Propunham uma certa instabilidade de certos símbolos tidos como estáveis e fixos, relativos a algumas figuras públicas e especialmente discursos sobre a guerra do Vietnã. *Repetia ações como desenhar vetores o que acabava por investigar a ordem, por trazer questionamento da estabilidade de certos sistemas que governam a vida cotidiana e as concepções de realidade. Chama atenção para a trivialidade relativa de certas lógicas que são aceitas como verdade.*

As setas, as linhas que não se fecham, os Xs, as nuvens-pés-mãos feitos em minhas escritas de incorporação e cartografias: nas roupas; na maleta; nas ruas, são símbolos que também aludem a ideia de fluxo. Trabalhar com esses elementos e fazer composições de certa maneira também intuitiva, surge como uma tentativa muito similar a Howardena Pindell e seus desenhos. Só



Howardena Pindell, *War: The "L" Word (George Bush)*, 1988. Cortesia do artista e Garth Greenan Gallery, Nova York.

...

As roupas, as instaurações: como tentativa para desenhar e materializar a escuta. Uma escuta do chão, do território e das relações que se dão sobre ele. Escuta do cruzamento de linhas que se emaranham sobre o solo, se sobrepõe, às vezes se perdem, se apagam, mas que são traçadas em uma escrita do corpo. E como se dão essas escutas? Estabelecem conversas pelo corpo. Uma aproximação, uma ancoragem ao chão. A travessia como o transe. Como uma escapada de sentido. Confundir as figuras de um caminhar para algo e de um caminhar com algo. Mover o corpo pelo corpo do outro. Perseguir outras danças com os pés e mãos.

...

Desviar é como entrar em um certo estado: fluir em outros mundos. Em outras escritas. Colocar minha escrita em jogo. Um tabuleiro.

Contínuo estágio de movimento. Razões para mover.

Sinto que os desvios são estados. Sei do paradoxo que se estende ao dizer: desejo procurar os desvios e achar que assim me desvio. Um desvio só é um desvio quando não é planejado.

Quando procuro por ele tão obcecadamente já caminho para o desvio. Mas não é todo dia que o desvio me desvia. Nem sempre o desvio é o mesmo.

...

Carregando minha mochila pesada, notei as pessoas que caminham transportando coisas ao caminhar. As que levam na cabeça, nos ombros, em sacos, sacolas, carrinhos... coisas. Coisas como cartas, comidas, encomendas da internet, contas, sacos de arroz, latinhas de cerveja ou de tinta. Tem aqueles que levam essa alguma coisa de um lugar ao outro, mas também os que colhem e guardam para si, ou mesmo que carregam e deixam cair pelo balançar do movimento, partes da coisa que levam. Mais uma vez me veio Francis Alys à mente, ainda na rua do ateliê, passos depois de ser libertada de minha *enclausurice* de tudo aquilo que está cansativamente comum.

Um pintor carregava latas de tinta branca em suas mãos até a construção em obras ali na esquina. Ele levava em uma mão a lata, e na outra mexia no celular. Tropeçou levemente em uma abertura da calçada provocada pelo crescimento de raízes de uma árvore. Nesse tropeçar, um tanto de tinta branca caiu no chão cinza da cidade. *Uma escrita como mancha branca*. Depois os pingos que escorriam da lata fizeram seu caminho visível, do ponto do tropeço até chegar de maneira tortuosa na obra. Escrita rastro..., mas não é qualquer rastro: é evidente, visível. São como pistas de um crime, mas não tem crime nenhum. Rastros materiais, talvez seja isso. *Escrita material inevitável*. O que se diferencia da linha de Alys – do trabalho *Green Line*, por exemplo – é que as escritas desses carregadores que observei são involuntárias ou mesmo *por acidente*.

...

Catar material nas ruas. Dar valor às coisas antes desvalorizadas. Poder aliar a ideia conceitual à forma, sem abandonar o estudo estético das peças.

...

Todo esse emaranhado de pensamentos, palavras e vidas, da invasão e suas fronteiras geopolíticas, os X de Brasília, ao desenho do sol da mãe de Conceição Evaristo feito na terra, são trazidos aqui como reflexões de escritas do movimento. Em relação ao deslocamento dos corpos, como também por meio do pensamento das ideias. As escritas como posse de terra, mas também as escritas como lugar de emancipação, expansão, expressão. De evocação! Que não acontece a fim de tomar posse, mas que se movimenta em um terreno sem muro, cheio de curvas e barrancos, como o caminhar da pequena formiga solitária que estava no banheiro de minha casa. Uma escrita que não consegue prever o que vem nas próximas linhas, porque são as linhas de cima e de baixo que as criam e significam. Uma escrita que faz do gesto de escrever uma ocupação nômade: em trânsito, em fluxo. Um fluxo como o curso dos rios.

Esse emaranhado, essa repetição nunca suficiente de se fazer fim, se inventa para potencializar e intensificar o corpo e seus deslocamentos. Entender como o deslocamento físico pode se fazer como um gesto possível e contracorrente à forma como o significado de *território* é hoje oficializado. Repleto de cercas, de muros, linhas traçadas sobre a terra, sobre o mar. Entender como isso também se faz através da transmutação da linguagem. De uma língua, uma escrita, uma palavra que se desloque. Em uma linguagem sem fundamentos, nômade. Uma linguagem que se faz pelo corpo e seu modo de mover, de escrever a nossa superfície do chão: que conecta alguns pontos e expande outros.

Acredito mesmo que seja necessário repensar a linguagem hegemônica. Pensar uma língua que se contamine com a de outras sociedades, outros seres, outras vozes e saberes, que divirjam da relação com a palavra como forma de controle e fixidez. Abrir meu corpo para escutar não só o que dizem, mas *como dizem*. Como diferentes usos da palavra, diferentes deveres, maneiras de dizer com o corpo *nos colocam em diferentes relações com o mundo, com nós mesmos e com os outros*. Ouvir como os dissensos que existem entre linguagens dizem sobre dissensos de existências; de formas de fazer mundo. Escrever [n]os dissensos. Viver os dissensos.

...

Processos vazios. Ermo que prepara outros terrenos. Airados e agudos. Alguns mais demorados, outros mais difusos. Desfazimento de hierarquia de conteúdos. Corpo escrita... desvios, remontagens, destruição, reconstrução.

A estrutura promove escolhas e giros, desvios.

Entre movida, escrita e transformação: palavras veiculadas pelo corpo que se desloca.

Sair de casa e praticar uma escrita. Desvios e extravios roubados ou desviados no caminho.

Viver e depois narrar. Narrar pra quem? Viver pra quem? *não é pra responder, é pra pensar em voz alta.*

A vida é uma escola e o corpo é um caderno. Os escritos vadios aqui se apresentam como quem escreve em um diário: bem íntimo, sem revisão. Pensamentos que se repetem. Algo que habita no segredo e no sagrado, naquilo que é oculto.

*Quero escrever como que conversa, ou escrever e conversar como quem age.*¹⁰³

Rascunho infinito... gesto de inscrição e incisão. O pesquisador pode ser estrangeiro em sua própria língua. Minhas palavras não são todas as palavras para serem ditas... tomar esse cuidado. A escrita como gesto que inscreve, perfura....

Com os desenhos sinto que vivo duas vezes... me lembro de Blanchot, que fala disso em relação ao diário.

Como escrever e manter o mistério. Como ativar a rua com outras línguas e gestos?

Deixadores de rastros infinitos. Solo como um diário de uma vida infinita. Pensar com as máquinas para além das máquinas. Pensar com as conversas para além das conversas. Pensar com os sapatos para além dos sapatos. Achar aquilo que nem imaginava que procurava.

Como diria Cildo, *o artista é como o garimpeiro. Vive procurando algo que nunca perdeu.*¹⁰⁴

Mesmo sem procurar por um movimento escorregadio, torto, louco, quando se depara com ele, improvável não o perceber. *Se sentirá a sua presença... a beleza desses movimentos.*

...

As ruas não são neutras. Existe toda uma exigência do espaço também. Entre vigilância, controle e liberdade. Meu corpo também não é neutro. *Minha escrita tenta se contaminar, e não se isentar.*

Pegadas que são vistas... que são ouvidas. Sou só mais uma boca que fabula, numa língua composta por palavras catadas nas ruas e moldadas pelos meus pés e mãos. *O que se perde e o que se ganha enquanto a história passa de corpo em corpo.*

Razões para perambular e manter-se perambulando vem de uma vontade de acumular, de inventariar o mundo.

A memória se faz no corpo... sobrevive nas ruas... em outros corpos. Os corpos lembram outros corpos... tudo se tenta como uma rede que vai se jogando mais um ponto.

Tira um ponto e a rede se organiza mais um pouco. A rede

¹⁰³ JR. Jandir. 2020. <https://jandirjr.wordpress.com/>

¹⁰⁴ MEIRELES, Cildo, op cit., p. 46.

não totaliza.... Isso produz uma certa ansiedade. Essa promessa de mais um link possível... constantemente adiada. Inscrição da rede para fora da rede... rede sendo incorporada em corpos reais: com questões políticas... de classe, de raça etc.

Nesse redesenho do corpo, não criar um corpo máquina, mecânico. Mas um corpo com coração... com calor.

...

Ela queria muito meu colar. Insistiu que eu desse para ela na próxima vez que passasse por lá. Só que antes de sair, sua mãe me fez prometer que não deixaria nada ali, para não acostumar ela a ganhar coisas sem conquistar. Além do mais, poderia tirar sua liberdade de brincar sozinha [o colar, segundo ela, machucava o pescoço]. Eu contei a primeira questão para a menina... e aí ela me sugeriu: *quando você vier mais uma vez aqui, e for embora, vou seguir seu percurso com os olhos, daqui do começo da rua. Mesmo que comece a ver embaçado, vou ver longe seu caminho. Depois de uns 10 minutos andando, você joga no chão. Vou acompanhar a trajetória com o olhar e achar seu colar. Aí minha mãe vai entender que quero ele de verdade.*

...

Cheguei na Liberdade e aproveitei para comprar um guioza no *Empório Hitomix*. Saí de lá ouvindo um homem, com uma latinha de cerveja equilibrada no topo de sua cabeça, gritar: *Lázaro!!! Onde tá o Lázaro???*

Duas mulheres riam compulsivamente e pareciam o entender.

— Se eu soubesse eu fugia! Lázaro!!! Alguém viu o Lázaro? Sou eu HAHAHAHÁ

Seu caminhar emitia linhas de corpo cheias de pequenas sinuosidades. A latinha mexia pra direita e o corpo dele se jogava para lá também, na tentativa de permanecer em movimento junto com a latinha. Meio bruto e sutil ao mesmo tempo. Constantes micro movimentos no passo a passo para mantê-la sobre a cabeça e divertir quem estava em volta. Era isso que queria, ficar rindo e divertindo quem estava a sua volta, vendo-o equilibrar a lata na cabeça enquanto gritava frases sem sentido.

Lázaro, o equilibrista.

...

No mesmo dia do homem que carregava a tinta branca, também vi uma menina saindo da lavanderia. Brincou com os amigos: colocou um saco cheio de roupas apoiado em sua cabeça. Deu alguns passos equilibrando a sacola. Lembrei também do homem carregando a latinha de cerveja na cabeça.

Toda vez que faço o trajeto casa-ateliê ateliê-casa, carrego uma mochila com alguns livros cadernos computador. Só que isso não importa para quem eu cruzo e nem para mim mesma. No máximo um cuidado maior para não ser roubada ou um cansaço antecipado pelo peso da mochila. Nessas de seguir alguns catadores, observar os carregadores, ao mesmo tempo que estudava Alexander Calder e suas miniaturas do circo que carregava em maletas, e as esculturas de Giacometti e seus personagens que cabiam em seus bolsos, pensei que também poderia elaborar esse trajeto com um dispositivo para guardar coisas, coletando fragmentos da rua e levando para outros lugares. A maleta que desenhei, de ferro, veio daí. Ainda não experimentei muito ela, mas imaginei incorporar a rua, os personagens e seus movimentos, em possíveis fabulações e brincadeiras.

Imito um pouco como as duas meninas que brincavam juntas esperando suas mães, viam nas tampas de garrafas, cachorros ferozes.

...

Pensar com seres moventes, um solo movente também.

Quem sabe aí, o corpo entra todo em movimento e emite linhas que se iniciam e terminam em poesia.

...

As maletas teatrais partiam, assim como tudo aqui, de experiências vividas em trajeto comuns. Relações, situações, contextos trazidos ali numa caixa... fabulando em cima de outras vivências, deslocamentos e maneiras de se afetar. O desenho antes seria algo bem comum: uma maleta de madeira que se abria pelo centro e se instauraria uma pequena caixa-teatro. De novo Giacometti me surgiu como referência, em uma conversa que tive com Roberta, com quem compartilho ateliê. Ela me mostrou as esculturas presas a pequenas estruturas de ferro, abertas em suas laterais. Adaptei o projeto para uma maleta-teatro vazada. Funcionaria também como uma espécie de museu portátil repleto de experiências, gestos, signos apropriados da rua: um conjunto de ritmos, movimentos, escritas arrancadas do mundo – e pro mundo. Carregarei pelo trajeto e experimentarei criar pequenas cenografias colhidas da rua, assim como seus personagens. Catarei materiais pelo percurso, mas levaria também tecidos, linhas e agulhas de onde estiver. Construiria com quem quisesse pequenas histórias, narrativas. Carregaria comigo fragmentos da rua e espalharia pelo resto do percurso. Fragmentos e invenções da rua e dos rueiros.

Teatro da vadiagem... tudo vadio.

imagens páginas seguintes: *Teatro da vadiagem*, 2021-2022. Cenografia e personagens páginas 206-217: caixas de fósforo desmembradas e editadas.

páginas 218-224: entulho, peças de ferro enferrujado e malha de arame utilizadas na construção civil.



Small vertical tag with illegible text.

Vertical drawing on a yellowish-brown strip, featuring a figure and a red 'X' at the bottom.

Two horizontal drawings on yellowish-brown strips, depicting figures in a landscape.

A small, folded paper structure with purple and brown patterns.

Horizontal drawing on a yellowish-brown strip, depicting a face.

Partial drawing on the right edge, with the text "VENTURE" and "OF MINDS" visible.

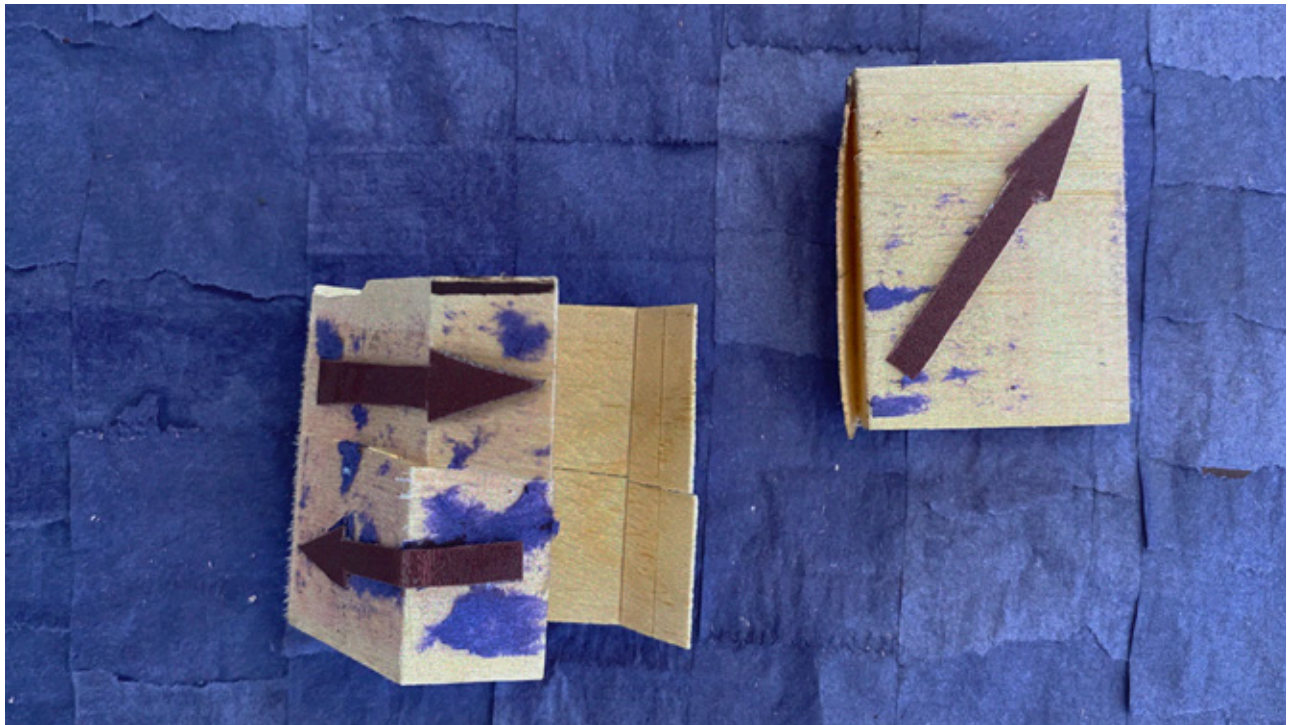
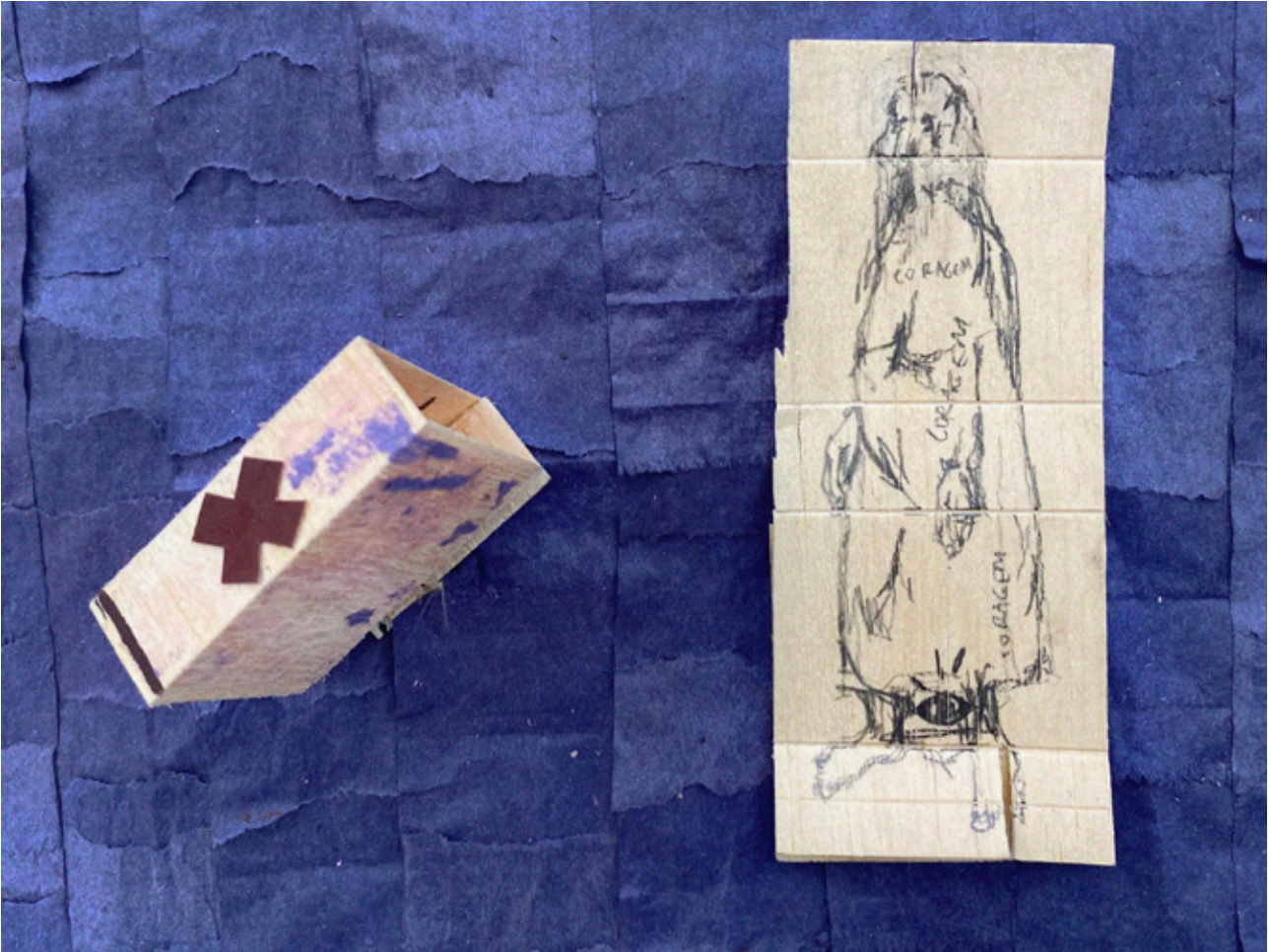














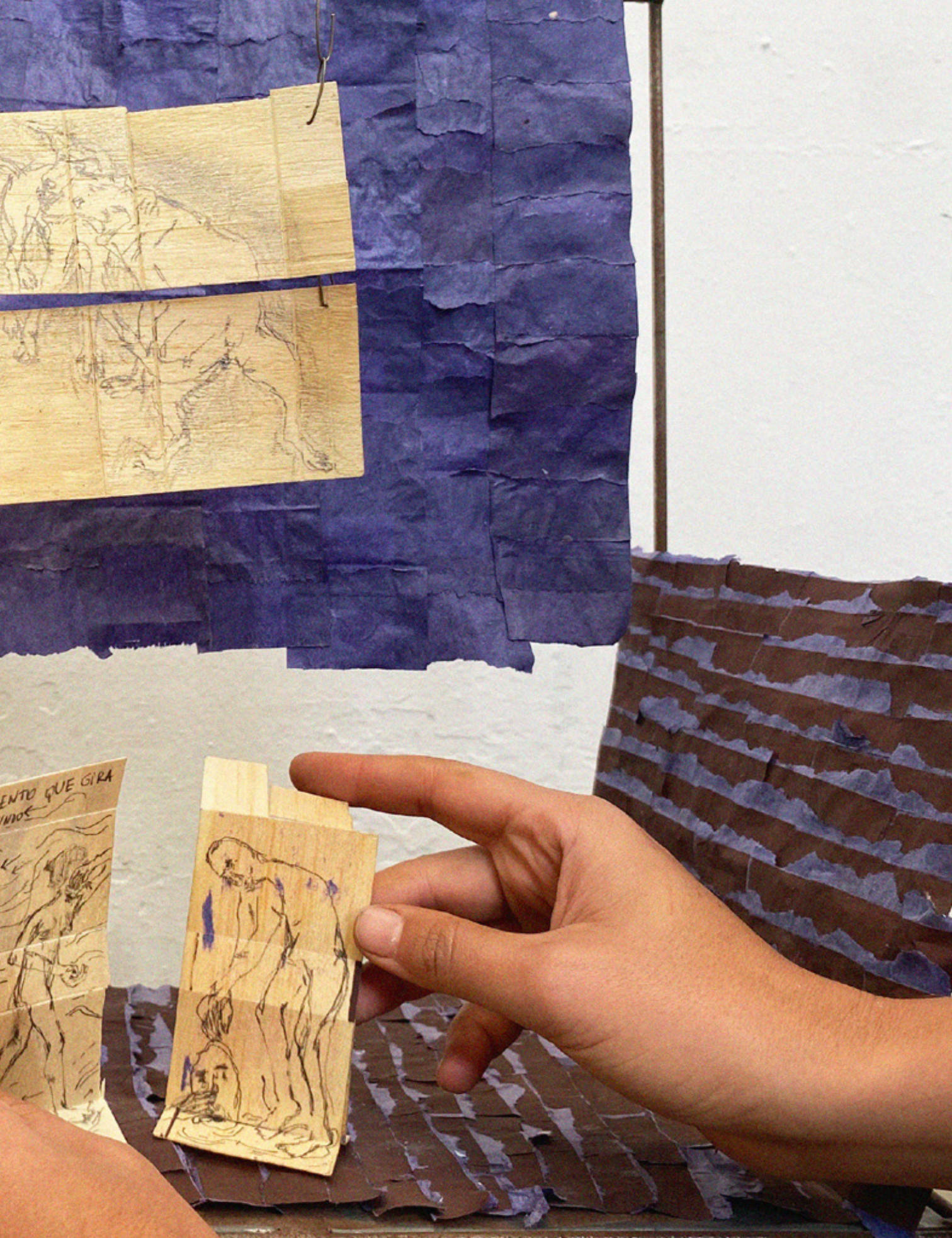
Handwritten notes on a small piece of paper, possibly a map or diagram.

Two pieces of paper hanging from the top right, containing handwritten notes or sketches.



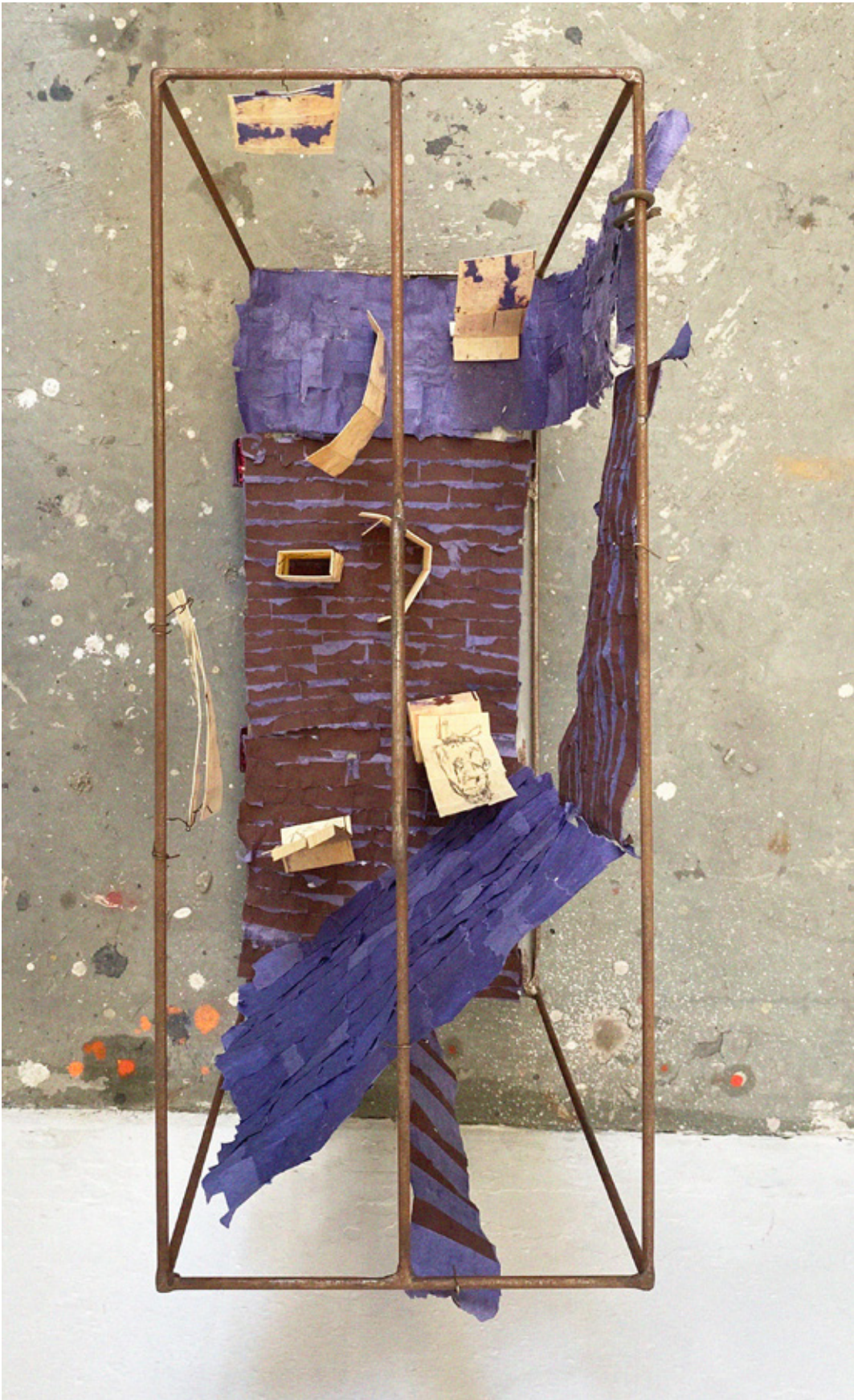
Handwritten notes on a small piece of paper, partially visible on the right edge.





ENTO QUE GIRA
MIOS

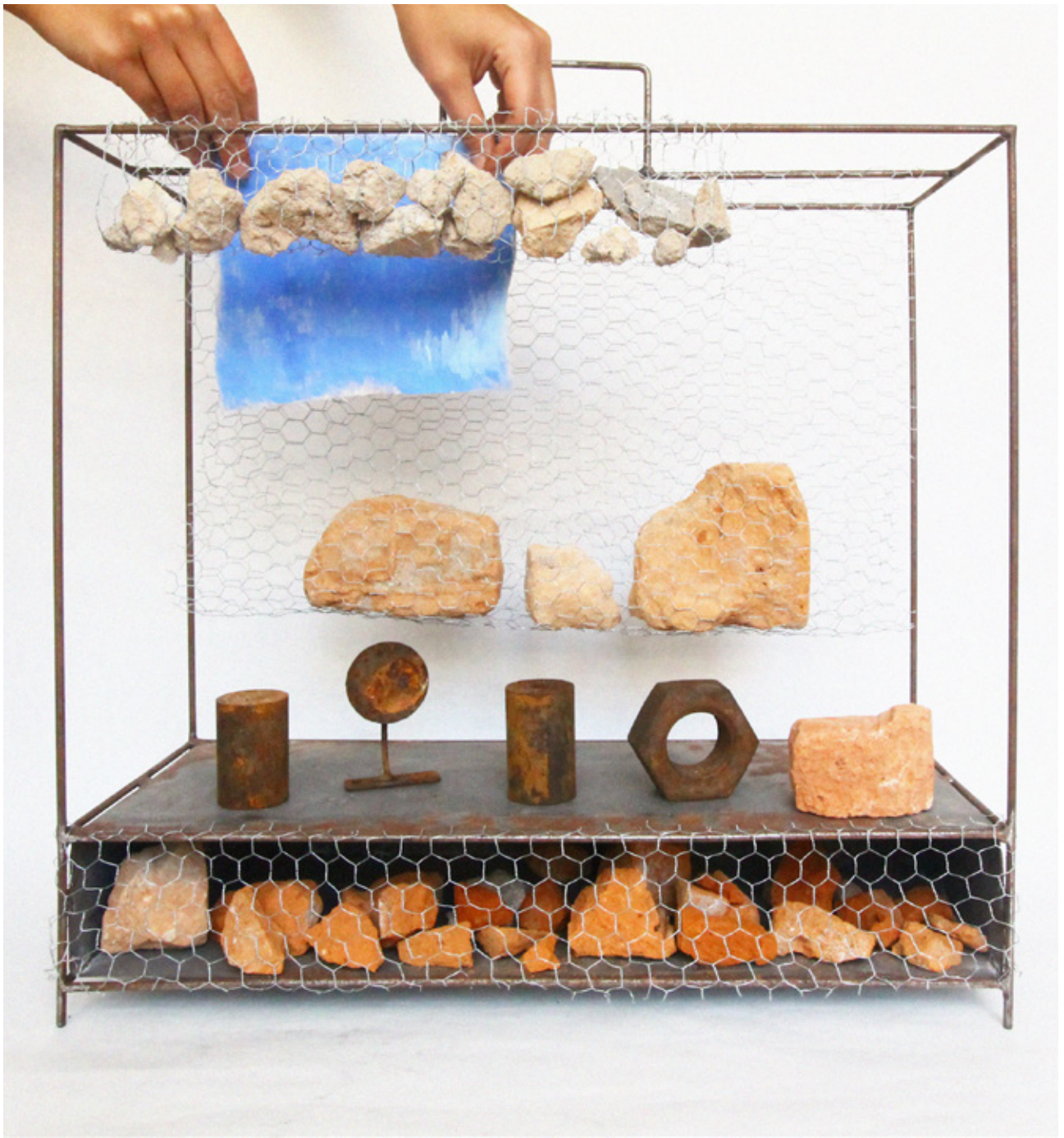


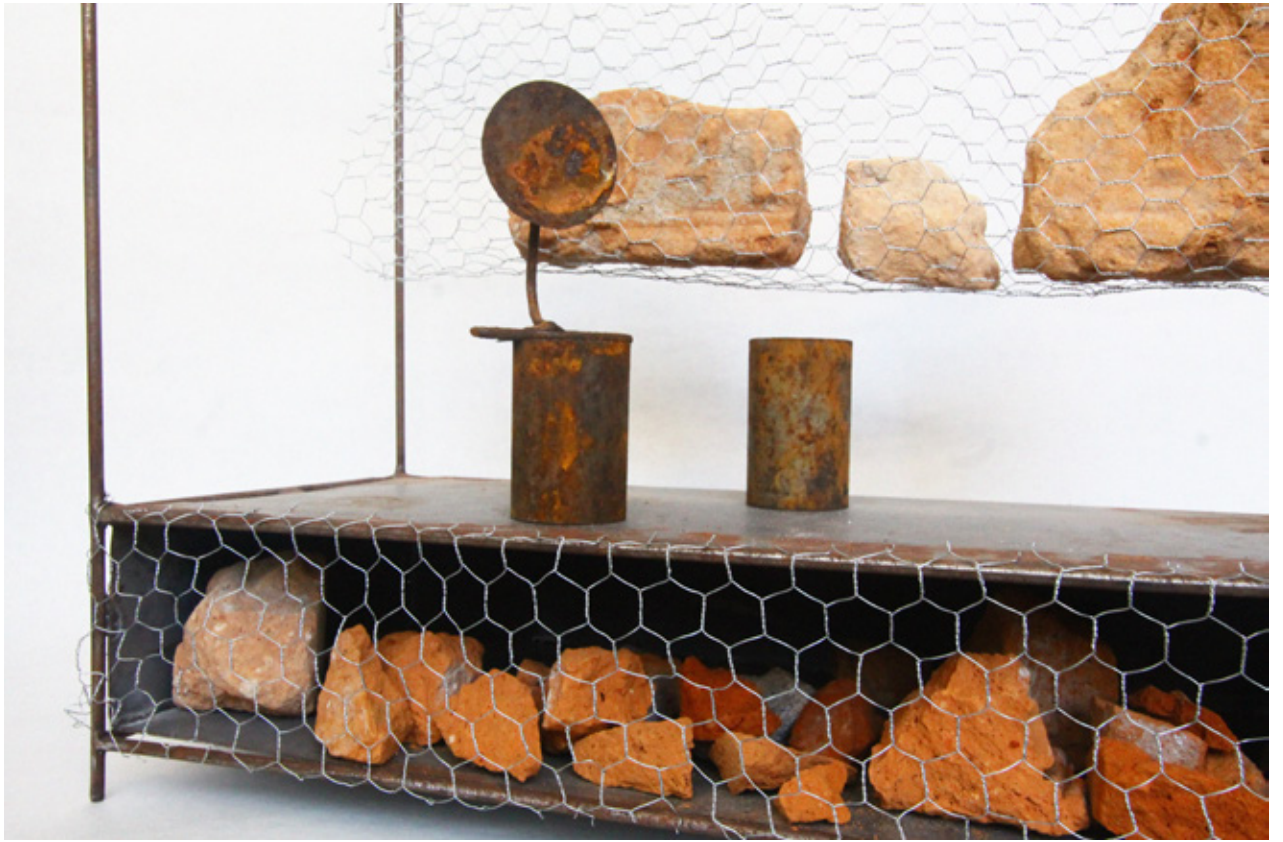




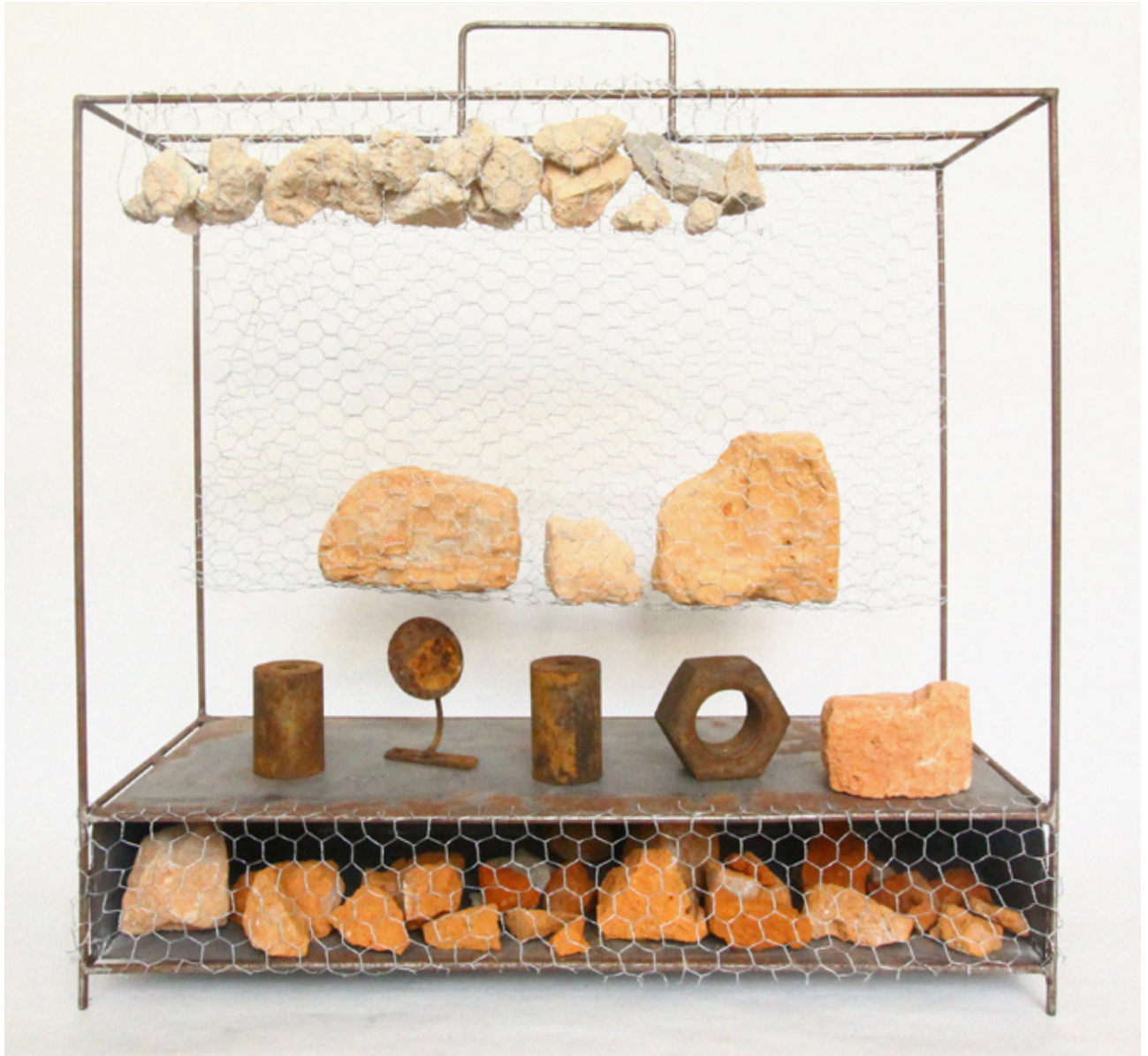














...

Roupa que veste, reveste e subverte.

...

Hoje colhi algumas cores da rua. Acho que esse vai ser o primeiro cenário. Cores ásperas. A cor como ato.

Fiz também os primeiros bonecos/personagens para a maleta. O *carregador* que anda, leva e deixa cair uns objetos de sua sacola. O outro, o *catador*, que caminha e colhe o que está em volta, por meio de imãs [como os *Sapatos Magnéticos* de Francis Alys]. O cachorro que percorre às ruas da cidade sem rumo, e aqueles dois que brincam entre si. A mulher-pião que se movimenta sem parar, mas ainda assim não sai de um mesmo lugar. O homem-fogo que sempre está atizando as chamas. Incendiário. Também o homem que anda só sobre o trilho, em uma mesma direção. Parece um jogo de xadrez em que cada personagem tem um movimento. Vou levar para rua tudo isso guardado na gaveta da maleta... abrir em um de meus percursos e começar a montá-la, como peças em um tabuleiro. Ver no que vai dar.

...

Posso te contar uma história? Acho que tem muito a ver com sua intenção de pesquisa. Não sei contar direito, na verdade. Acho que é sobre Exu. Tem muito a ver com as linhas de divisa e essa dualidade que elas produzem. Um ou outro.

Em uma zona de divisa, sobre um canavial que separava um terreno do outro, tinham dois homens conversando. Cada um de um lado do terreno. Os homens discutiam sobre algum acontecimento, naquele tipo de conversa que um queria mostrar que sabia mais do que o outro. Exu quis pregar uma peça nesses homens que se diziam tão sabidos. Resolveu passar caminhando exatamente sobre a linha de divisa, usando um gorro na cabeça. Logo que ele passou, os homens começaram:

- Você viu esse vulto? Esse vulto que estava de gorro preto?

- Eu vi, mas o gorro era vermelho.

Preto! Vermelho! Preto! Vermelho!

Os homens começaram a brigar... algumas pessoas contam que eles até chegaram a se matar. O que esses homens não sabiam é que Exu estava vestindo um gorro que era metade vermelho, metade preto. Vermelho e preto. Armou uma armadilha para esses homens que só sabem dizer um sobre o outro.... Em uma encruzilhada. Mas enfim... essa é só uma maneira de contar essa história.

ZONA * LESTE



Bar da Val

RUA
EZEQUIAS

RUA
PROF. GILBERTO



32 2
95 51
A DO NORTE DOS GRANDES
TÍPICA NORDESTINA





Bar da Val

RUA
SANTA ANA



imagens páginas 226-229: *Azul
Vermelho*, São Paulo, 2021. fotos de
Manuela Lourenço.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier. *Da ciência como território à ciência como nomadismo*. Esferas, Ano 4, nº 6 de janeiro a junho, 2015.

ALÿS, Francis. *Numa dada situação/In a given situation*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BASBAUM, Ricardo. *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

BOURGEOIS, Louise. *Desconstrução do pai, Reconstrução do pai. Escritos e entrevistas 1923-97*. Cosacnaify, São Paulo, 2004.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

CONCEIÇÃO, Evaristo. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: *Representações Performativas Brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces*. Marcos Antônio Alexandre (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 16-21.

DE LA CADENA, Marisol. *Natureza incomum: histórias do antropo-cego*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 95-117, abr. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 5 v., 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia I*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELIGNY, Fernand. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018.

DOS ANJOS, Moacir. *As ruas e as bobagens: anotações sobre o delirium ambulatorium de Hélio Oiticica*. ARS: São Paulo, 2010. 10(20). p. 22-41.

COCCIA, Emanuele. *Encontro com Emanuele Coccia*. [Entrevista concedida a Damiano Fedeli]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8EeaSN3hJw&t=742s>

- GALHARDO, Beatriz. *À escuta dos pés: caminhada e dança em "Notícias de América"*. Rio de Janeiro: ZAZIE Edições, 2020.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: *Terras indígenas e unidades de conservação da natureza* (ISA), 2004.
- HUBERMAN, Didi. *A sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- INGOLD, TIM. *The Life of lines*. London: Routledge, 2015.
- INGOLD, Tim. *Lines: A Brief History*. London: Routledge, 2007.
- INGOLD, Tim. *Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing*. Aberdeen: Journal of the Royal Anthropological Institute, 2010. p. 121-139.
- JATAHY PESAVENTO, Sandra. *Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s)*. Revista del CESLA, núm. 8, 2006, pp. 9-19.
- JR., Jandir. <https://jandirjr.wordpress.com/>, 2019-2021. Disponível em: <https://jandirjr.wordpress.com/>
- KRENAK, Ailton. O Eterno Retorno do Encontro. In: Novaes, Adauto (org.), *A Outra Margem do Ocidente*, Minc-Funarte/Companhia Das Letras, 1999. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/O_eterno_retorno_do_encontro
- KONRATH, Germana. *Fábulas e fronteiras na poética urbana de Francis Alÿs*. Palíndromo, v.9, n.18, p.106-127, mai/ago 2017
- LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- LAPOUJADE, David. *Deleuze e os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- NAZARETH, Paulo. *Paulo Nazareth, Arte Contemporânea/LTDA*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.
- PEDROSA, Adriano; TOLEDO, Tomás. *Anna Bella Geiger: Brasil nativo/Brasil alienígena*. São Paulo: MASP, Edições Sesc, 2019.
- PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura. Loucura e Desrazão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- PÁL, PELBERT. Linhas erráticas. In: *O avesso do niilismo, cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ROLNIK, Suely. *Deleuze, esquizoanalista*. Revista Cult, 14 de novembro de 2006. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/deleuze-esquizoanalista/>.

SCOVINO, Felipe. *Encontros: Cildo Meireles*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

TADÁSKÍA [Max Willà Moraes]. *Entrevista com Tadáskía*. [Entrevista concedida a Auroras]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-dD2PIDHm6c>.

TAVARES, Paulo. Fragmentos de uma arqueologia da Terra. In: *Contracondutas*. São Paulo: Editora da Cidade. p. 431-470, 2017.

VISCONTI, Jacopo. *Novas derivas*. Tese Doutorado, FAU-USP. São Paulo, 1-124, 2012.

XAKRIABÁ, Célia. *Amansar o giz*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, p. 110 - 117, 2020.

XAKRIABÁ, Célia. *Série Mulheres Cientistas*. [Entrevista concedida a UFMG]. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/mulheres-cientistas-celia-xakriaba-e-a-personagem-do-ultimo-episodio>

MARTIN, Nastassja. *Escute as feras*. Editor 34, São Paulo. 2021.

HUBERMAN, Didi. *A sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011.

